

Eliana Maria Rojas Cabrini Righi

**O DIZER-SE EM LÍNGUAS OUTRAS
REFLEXÕES SOBRE ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial de conclusão do Programa de Mestrado em Lingüística Aplicada.

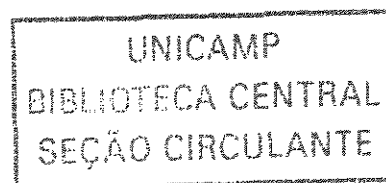
Orientadora: Profª Drª Celene Margarida Cruz

Campinas

UNIVERSIDADE ESTUDAL DE CAMPINAS – UNICAMP

Instituto de Estudos da Linguagem - IEL

2003



UNIDADE BC
Nº CHAMADA TUNICAMP
R449d
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 52659
PROC 16 - 112 - 04
C _____ D X
PREÇO 1400
DATA 16/04/2004
Nº CPD _____

CM0019702B-1

BIB ID 314889

R449d Righi, Eliana Maria Rojas Cabrini
O dizer-se em línguas outras: reflexões sobre escolhas lingüísticas /
Eliana Maria Rojas Cabrini Righi. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientadora: Proa. Dra. Celene Margarida Cruz
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua estrangeira - Estudo e ensino. 2. Globalização. I. Cruz,
Celene Margarida. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.

20040528

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Eliana Maria Rojas

Labrini Tighi

e aprovada pela Comissão Julgadora em

03/03/04.

Celene Cruz

Prof. Dra. Celene Margarida Cruz – Orientadora

Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

Prof. Dr. Eric Mitchell Sabinson

Suplente: Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado

AGRADEÇO

Aos Professores Celene e Wanderley,

Os primeiros professores com os quais tive contato nesta Universidade e que, com a excelência de seu trabalho e generosidade representam para mim o início de todo um novo projeto de vida, por serem espelho fidedigno do espírito universitário, que transforma alunos em pesquisadores apaixonados, que ratifica o entendimento dos sonhos como possibilidades.

À Marta, grande amiga de todas as horas, por emprestar-me os ouvidos, o coração, a sabedoria e pelos inestimáveis esforços para a conclusão deste trabalho.

Aos professores da Unicamp,

Que reacenderam em mim a chama da vontade de aprender.

Aos meus pais,

Pelo muito que amorosamente me proporcionaram na vida.

À Profa. Vera Crepaldi ,

Por sua valiosa colaboração, sem a qual a coleta dos dados desta pesquisa estaria comprometida.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar os processos de escolhas lingüísticas por estudantes de letras no contexto da globalização, em que o idioma internacional estabelecido é o inglês.

Através do estudo das dinâmicas que determinam a evolução e o desaparecimento dos vernáculos, bem como daquelas que atuam sobre as línguas veiculares através da história, procedemos à análise de questionários e entrevistas para entender a relação dialética das escolhas destes sujeitos e seu contexto histórico.

Este estudo visa estabelecer os antecedentes, sejam eles culturais, epistemológicos ou sócio-políticos, que tanto conformam os usos sociais das línguas modernas quanto moldam as políticas de línguas e seus reflexos nos processos de escolhas lingüísticas, revelando aspectos de condicionamento, delimitações e elencando questões atuais dos entraves entre língua, hegemonia e poder.

PALAVRAS-CHAVE: línguas e globalização – escolhas lingüísticas – línguas estrangeiras

ABSTRACT

This research aims at investigating the processes of linguistic choice by undergraduates at Literature and Language Teaching courses within the context of globalization, in which the established international language is English.

Through the study of those dynamics that determine the evolution and vanishing of vernacular languages, as well as those that influence the vehicular ones throughout History, questionnaires and interviews have been analyzed in order to bring about some understanding regarding the dialectical relationship between the subjects' choices and their historical context.

This study is focused on the antecedents, whatever cultural, epistemological or sociopolitical they might be, that mold both the social usage of modern languages and the language politics and their implications on the processes of linguistic choice, thus revealing aspects of conditioning and delimitation as well presenting important current issues of language, hegemony and power.

KEYWORDS: languages and globalization – linguistic choices - foreign languages

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01	
CAPÍTULO I: Sobre a Pesquisa		
1.1. Justificativa	13	
1.2. Perguntas de pesquisa	16	
1.3. Metodologia de pesquisa	17	
CAPÍTULO II: Escolhas Lingüísticas nos Elos da História		21
2.1. O Tempo e as Línguas	22	
2.2. As Dinâmicas das Línguas Veiculares.....	27	
2.3. A Problemática da Hegemonia Lingüística no Século XXI.....	45	
CAPÍTULO III: Sobre os Dados		
3.1. Análise dos Questionários.....	59	
3.2. Análise das Entrevistas.....	71	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115	
ANEXOS.....	123	

INTRODUÇÃO

Finalmente, os professores têm que dizer aos estudantes: "Vejam bem: apesar de ser bela, a forma como você fala também inclui a questão do poder. Por causa do problema político do poder, você precisa aprender a se apropriar da linguagem dominante, para que você possa sobreviver na luta para mudar a sociedade".

Paulo Freire

Vivemos num país singular: gigantesco e com a marca do idioma colonizador cunhada de norte a sul. Dentro destes muitos brasis que se inserem neste contexto-nação, a língua portuguesa é variada, colorida de sotaques, diferenças regionais e de extrato social, mas reina absoluta como "a" língua, num pseudo monolingüismo que relega ao apagamento as cerca de 180 línguas autóctones e outras 30 línguas alóctones faladas no país.

Muitos brasileiros abraçam o aprendizado de outras línguas, apesar de um cotidiano desabitado de sua própria memória plurilíngüe e do escasso contato com outros povos e idiomas, seja pela geografia que aliena seu território de extensão continental, seja pela política externa, cuja bússola de interesses aponta eternamente para o longínquo hemisfério norte, alijando nossos irmãos das fronteiras. A princípio, o ensino de idiomas tem sido uma exigência curricular, atendendo às demandas da norma culta, que podemos definir como meio de acesso à grande arte, às grandes obras literárias, à cultura universal. O Brasil, porém, ao ser inserido

no mundo globalizado, vive um momento único de sua história, no que concerne às possibilidades multiplicadas de contato com o mundo estrangeiro.

O processo que vem rompendo nosso isolamento lingüístico é um aspecto muito importante da pós-modernidade: a intensa compressão espaço-temporal. O ritmo da vida passa a ser extremamente acelerado e ao vencer as barreiras espaciais, o mundo parece encolher (Harvey, 2002:219). Nas indústrias, os funcionários das transnacionais não têm mais pátria, num ir e vir sem fim; nas nossas casas a TV a cabo passou a falar outras línguas, nossos computadores nos dão acesso a tantas outras vozes. E nos damos conta da urgência de aprendermos outras línguas, sob o risco de sermos os surdos-mudos da história pós-moderna.

Assim descreve Heidegger este contexto:

“Do ponto de vista metafísico, a Rússia e a América são a mesma coisa; o mesmo frenesi tecnológico tenebroso, a mesma organização irrestrita do homem médio. Numa época em que o canto mais recôndito do globo foi conquistado pela tecnologia e aberto à exploração econômica; em que todo incidente, pouco importa onde e quando ocorra, pode ser comunicado ao resto do mundo a qualquer velocidade desejada; em que o assassinato de um rei na França e uma sinfonia em Tóquio podem ser “vividos” simultaneamente; em que o tempo deixou de ser qualquer coisa além de velocidade, instantaneidade e simultaneidade, e em que o tempo como história desapareceu da vida de todas as pessoas... então, sim, então, em toda essa perturbação, uma pergunta ainda nos assombra como um espectro: Para quê? Para onde? E depois?” (apud Harvey, 2002:192)

O mundo está se globalizando há muito tempo. Se entendermos a modernidade como um projeto de libertação das limitações e constrangimentos da experiência humana, condicionada ao tempo e ao espaço, podemos dizer que a globalização está ocorrendo desde o neolítico, quando o homem se libertou do ciclo das estações pelo uso de utensílios e das técnicas agrícolas. Pela escrita o homem libertou a palavra e a memória do ciclo de vida natural de comunidades e gerações. As máquinas e os métodos do Iluminismo o ajudaram a percorrer distâncias cada vez maiores e a acelerar o ritmo das experiências e finalmente, pelos dispositivos da telemática o homem foi capaz de eliminar os deslocamentos no espaço e a duração do tempo, com a instantaneidade (Rodrigues, 2000).

De acordo com Harvey (id.:258-259), a hegemonia ideológica e política em toda sociedade depende da capacidade de controlar o tempo, o espaço e as materializações do dinheiro. Para controlar o espaço, é preciso concebê-lo como algo usável e dominável pela intervenção humana, portanto a eficiência na organização e na movimentação espacial está sempre associada à possibilidade de ganhos financeiros. Também o tempo é vital para a obtenção de lucro, seja pelo controle do tempo do trabalho dos outros, seja pela aceleração do tempo de giro do capital posto em circulação, para cujo fim *"acentua-se a volatilidade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias, ideologias, valores e práticas estabelecidas"*, trazendo *"profundas mudanças na psicologia humana"*. Para o domínio na produção da volatilidade entra em cena a manipulação do gosto, do desejo e da opinião pela saturação do mercado com as imagens da publicidade.

Os sistemas de comunicação por satélite, o barateamento das taxas de frete aéreo, a televisão veiculando simultaneamente imagens de espaços diversos, bem como a tecnologia

eletrônica transformaram o mundo no que Marshall McLuhan chamou de “aldeia global” (apud Harvey, 2002:264). Com a aniquilação do espaço, produtos que pertenciam a uma determinada região ou país podem ser encontrados em qualquer canto do mundo, numa colagem flexível, plural e difusa. A nova organização do espaço e do tempo, principalmente a partir da segunda metade do século XX, levou o homem a uma crise de percepção das categorias espaço-temporais, pois nossos hábitos foram formados no espaço do alto modernismo (id., 2002:187). Esta crise se revela numa certa desorientação e nas grandes alterações das práticas político-econômicas, do equilíbrio do poder de classe, da vida social e cultural.

Porém a globalização econômica, cultural e política, favorecida pelas técnicas que visavam abolir as fronteiras, começou a ser posta em causa a partir dos anos 80. Em vez da esperada homogeneização, houve o recrudescimento dos particularismos nacionais, atomização de nações, guerras religiosas e nacionalistas (Rodrigues, 2000).

Harvey entende que os movimentos regionais de oposição à globalização expressam uma clara preocupação de assegurar uma identidade, seja coletiva, seja pessoal, uma vez que “*o modo como nos individualizamos molda a identidade*” (id.:272). Na opinião de Ianni (1998:51) estes movimentos podem ser um sinal de que as diversidades, diante de um Estado-Nação debilitado, transformam-se em desigualdades e antagonismos.

O fato é que diante de forças globais homogeneizantes, as comunidades do planeta exercitam diferentes formas de reação, seja para se individualarem, em nome de uma identidade ameaçada, seja para se defenderem, diante de um Estado-Nação que já não pode salvaguardar suas diversidades, facilmente transformadas em desigualdades.

A globalização, fruto do processo de compressão espaço-tempo, poderia ser o remédio para a integração de povos, para a melhoria das condições de vida, para a divulgação de idéias, porém tem-se mostrado veneno, servindo exemplarmente ao capital.

Para os países pobres, o enaltecimento da globalização pode representar uma enorme falácia, porque, conforme Pierre Bourdieu (apud McLaren, 2000:82), esta só vem disseminar o evangelho do neoliberalismo, que inclui a destruição do ambiente e até o sacrifício humano, desde que se maximize o lucro. O universalismo que se prega não pode ser visto como tal, se os valores e verdades que se expandem pelo globo são exclusivamente aqueles do homem ocidental. O mundo se globalizou, mas os direitos não: crescem as desigualdades de classes e a miséria humana. No mundo globalizado o capitalismo se caracteriza por massivas aquisições e fusões, que geram desemprego, queda de salários, eliminação de benefícios, enfraquecimento dos sindicatos, substituição dos empregos estáveis por empregos temporários e mal pagos no setor dos serviços, redução do investimento de capital de longo prazo e de grande escala.

Para McLaren, o processo de globalização cultural é bastante contraditório, porque ao mesmo tempo em que se tem acesso à ampla mobilização dos conhecimentos científicos, enormes são os riscos de que a mídia globalizada transmita apenas as imagens da realidade e visões de mundo que beneficiem os grupos poderosos, influenciando a opinião pública e trazendo profundas implicações na estruturação das identidades dos jovens. *“Os discursos capitalistas são coordenados e vendidos por um pequeno número de corporações transnacionais do setor da mídia, as quais estão, em sua maior parte, sediadas nos Estados Unidos”* (id., p.89). Apesar de a mídia oferecer grandes oportunidades para grupos de

oposição, as grandes corporações também podem impedir a utilização da mídia por estes grupos.

No mundo globalizado, de acordo com Ianni, o imperialismo, embora não se anule, redimensiona-se, deixando de ser basicamente determinado pelo jogo das relações entre nações centrais e nações dependentes ou periféricas, devido ao aparecimento de globalismos baseados nas organizações transnacionais, que atuam mais ou menos independentemente dos Estados Nacionais (apud Moreira, Macedo, 1999:17).

Muitos países já estão excluídos da nova sociedade da informação e o Brasil tem enormes dificuldades em se integrar a esta nova sociedade, devido ao atraso tecnológico. Diversos fatores seriam responsáveis por isto, a começar pelo baixo nível educacional (o tempo de escolaridade no país é inferior à metade da média europeia) (OCDE / MEC apud Dieguez, C., 2000, p.117), despreparo da mão-de-obra, baixos investimentos em pesquisa.

De acordo com Sorj (2003), 89,1% dos domicílios brasileiros tinham acesso em 2001 à televisão e ao rádio, mas apenas 51,1% dispunham de telefone fixo e a distribuição de telefones celulares era de 17 aparelhos para cada 100 habitantes (68% são pré-pagos). Já o acesso à Internet é precário por todos os fatores atrelados a ele: índice da telefonia fixa, posse do computador, que representava em 2001, 12% dos domicílios, concentrados nas classes média e alta, bem como o déficit de alfabetização, calculado em 30% dos adultos, que tecnicamente são incapazes de leitura sustentada e escritura de frases.

De acordo com dados da Anatel (apud Chiarini, 2003) só 8% dos brasileiros tem acesso à Internet (42% pertencentes à classe A, que representam 5% da população, 48,7% da classe B e 9,3% das classes C, D e E, que representam 76% da população). Outra característica dos

usuários, conforme Sorj (2003:81-85) é sua concentração no meio urbano (em 2002 somente 6% dos municípios do país dispunham de provedores de acesso, sem ter de recorrer à telefonia de longa distância) e nos estados mais ricos do país. Apenas 5% dos usuários utilizam banda larga, o que para Sorj é muito preocupante, porque os conteúdos da Internet tendem a se dirigir cada vez mais para este tipo de usuário. Em 1999 somente 3,5% das escolas de ensino básico do país estavam conectadas à Internet (das quais 23,1% tinham uma biblioteca e 29,6% não tinham acesso à energia elétrica), ampliando a massa dos "sem-teto digitais"¹.

Pensando neste contexto, de um mundo que globaliza poucas benesses e muita servidão, levantamos algumas questões relacionadas às problemáticas lingüísticas, mais especificamente, das línguas que veiculam o saber e as ideologias pelo globo, cujos limites cartográficos se redesenham em novos espaços e não-lugares, para tentarmos compreender as implicações do acirramento dos contatos entre os povos nas alterações nas línguas, para estudarmos as relações das novas formas de poder com a dominância lingüística e para refletirmos sobre aspectos das línguas que poderiam levar ao aumento das desigualdades entre os povos, num planeta que perece pela violência e incompreensão.

A língua inglesa se estabeleceu, por razões que discutiremos mais adiante, como a língua de trânsito internacional do espaço contemporâneo. De acordo com Crystal (2001:4), aproximadamente um quarto da população mundial já é fluente ou tem um certo nível de competência na língua inglesa, e esta cifra não pára de crescer, chegando no final nos anos 90 a representar entre 1,2 e 1,5 bilhões de pessoas. O inglês é a língua oficial de aproximadamente 62 nações; representa 70-80 por cento das publicações científicas, é a língua

¹ Termo usado por Negroponte (apud Kenway, 2000, p. 116).

de trabalho da maioria das organizações internacionais e é a língua estrangeira mais ensinada no mundo (Ammon, apud Tsuda²). Phillipson (1997:5) afirma que atualmente o indivíduo alfabetizado sente-se em verdadeira privação se não souber inglês e Tsuda acrescenta a existência de forte discriminação aos não proficientes em inglês.

No Brasil, a importância da língua inglesa começou a ganhar peso com a primeira guerra mundial, que foi essencial para a mudança do eixo Brasil-Europa para Brasil-Estados Unidos. A crise do café, a partir de 1921, fez com que o Brasil recorresse a constantes empréstimos, desencadeando um aumento da dependência econômica dos norte-americanos, que, por sua vez, gerou uma dependência cultural (Virgílio Noya Pinto, apud Paiva, 1996). Atualmente, o discurso unívoco e retumbante da necessidade da aprendizagem e divulgação desta língua divide, angustia, classifica e qualifica os indivíduos entre falantes e não-falantes do inglês.

O inglês, que é cogitado no discurso da globalização como língua franca, é também um produto fabuloso sendo comercializado. Um produto que ao mesmo tempo serve e enriquece sociedades dominantes. O novo império do capital e da tecnologia não repete como outros impérios da história a imposição de sua língua, não pretende apagar as línguas maternas. O predomínio internacional da língua inglesa tem como lastro uma forma mais sutil e menos visível de injunção, que é a tentativa dos próprios indivíduos de assegurar sua participação na porção tecnologizada e melhorada do globo. Este esforço naturaliza seu aprendizado como absolutamente necessário. Essa demanda é duplamente lucrativa para o império do capital: a língua viabiliza a comunicação nos negócios, nas empresas transnacionais, expurga os textos

² Artigo da Internet, sem referência ao ano de divulgação.

que não são de seu interesse traduzir e divulgar e ainda pagamos por ela, alimentando toda uma indústria de dicionários e livros didáticos, de escolas de língua, de turismo estudantil.

Entretanto, o inglês da globalização é também o da anti-globalização (remédio e veneno) e de outras interpretações e tendências de globalização. Pode tanto ser a segunda língua do Sharon, como do Arafat e do Bin Laden. Porque os discursos são móveis, são tramas heterogêneas, também feitas com as vozes das resistências, das dissidências.

A escola desta nossa nação periférica, com seus 50 milhões de indigentes (índice FGV do biênio 1999-2000), com tantos outros de analfabetos, tem uma política de ensino de línguas dúbia: ao mesmo tempo em que parece pactuar com o discurso da globalização, reduzindo gradualmente o leque de idiomas ofertados, não prima por um ensino de qualidade da língua inglesa, que é tratada como disciplina de segundo plano. O sistema escolar admite a formação de professores sem qualificação adequada, possibilitando a existência de cursos de Letras com habilitação dupla (como por exemplo nas línguas portuguesa e inglesa) a ser concluída em três anos de graduação; não promove um exame adequado para a admissão dos professores que integram a rede pública de ensino e ainda avalia os estudantes nos vestibulares também pela língua estrangeira, apesar de sua formação precária na disciplina, ampliando os quadros da exclusão.

A apropriação de línguas/linguagens dominantes é imperativa neste mundo pós-moderno, como mediação da co-participação social, também no plano macro, de forma que para um país como o Brasil é vital que se promova um ensino de qualidade, mais eficaz, menos instrumental e utilitário, e, na medida do possível, com uma oferta de línguas estrangeiras mais diversificada, ao menos no terceiro grau. Se o Brasil está mais perto do resto deste mundo

globalizado, se o acesso à diversidade é real, se um universo de novas culturas e novos conhecimentos está disponível, não há porque limitar este deslocamento a uma via de mão-única.

Nas histórias de dominação de um povo por outro, a imposição de uma língua representa uma tentativa de reescrever naquele espaço outra história, de apagar os traços de nação, de apagar as marcas do passado. Ao substituir-se a língua altera-se o sujeito, mesclam-se culturas, deslocam-se valores, sentidos, formam-se massas apátridas. Várias línguas hegemônicas sucederam-se no curso da história e nosso imaginário pode associá-las com muitos valores e conceitos diferentes. Podemos associar a língua grega como a língua dos filósofos, das artes, do conhecimento, o latim com o clero romano, com o imperialismo, o francês com os ideais do Iluminismo, o inglês com a tecnologia, a comunicação global. Estas representações não estão desvinculadas da história, do espaço social, da memória, da tecedura dos discursos que nos constituem.

O estudante de Letras, futuro professor de línguas, ao optar pelo estudo de um idioma, é motivado por diversos fatores como a recuperação de um idioma que fora o dos antepassados, uma identificação afetiva ou intelectual com uma certa cultura estrangeira, o imaginário que povoa suas fantasias, ou outros fatores sociais, como por exemplo a influência que vem através dos discursos que perpassam a sociedade, as imagens que são veiculadas por estes discursos, que apregoam vantagens pela aquisição de certos idiomas, como por exemplo, o aumento da empregabilidade.

Considerando que no contexto da globalização há um consenso generalizado sobre a adoção do inglês como a língua franca, e mais do que isto, considerando que tais discursos

fabricam a necessidade e o desejo de aquisição deste idioma, estabelecemos como objetivo desta pesquisa identificar se há possibilidades de escolha lingüística por parte dos estudantes, bem como os fatores que a determinam, como recortes situados de sua condição histórica e prováveis implicações ideológicas.

A construção da identidade sempre se dá em relação aos outros, de forma que nos reconhecemos pela visão que os outros têm de nós, conseguindo identificar quem somos, com quem nos reconhecemos e de quem nos diferenciamos. A partir daí questionaremos tanto os aspectos culturais de atração e identificação com os povos falantes da língua que estudam, buscando reconhecer nas motivações que antecedem o aprendizado de uma língua, alguns discursos que dizem o que o Outro é, o que do Outro lhes interessa, bem como as reflexões que os sujeitos fazem sobre a sua própria língua e cultura.

Outro aspecto que envolve a escolha do aprendizado de uma língua estrangeira é que o estudante de Letras é um interlocutor que não deseja mais ficar restrito aos falantes de sua língua materna. Quer se comunicar com o mundo, quer abrir as portas do alheio, do novo, do surpreendente. E vai fazê-lo instrumentalizando-se para o diálogo na língua do outro. Seu objeto de estudo irá bem além do estudo da língua em si. Esse ir ao encontro do outro é um movimento humanista, de curiosidade, de interesse, de integração, de auto-construção, de identificação. Perscrutando suas atitudes de empenho no aprendizado e uso da língua, pretendemos esclarecer se os sujeitos se representam como co-participantes históricos, como agentes no mundo através da linguagem e subliminarmente depreender seu posicionamento no diálogo: se os sujeitos se posicionam como interlocutores numa relação simétrica ou

assimétrica, em termos de subserviência a saberes “aceitos” como legítimos de um Outro laureado de poder. Tais atitudes variam de acordo com o idioma escolhido?

Pela corrente elétrica, pela fibra ótica, pelas ondas do rádio e dos satélites, pelos “chips” do computador estamos nós: nos interpelando, intervindo, nesta babel de vozes mestiças, de tantos milhões de “eus vira-latas”³. Neste mar de códigos e linguagens, a expressão do homem se viabiliza à medida que encontra um interlocutor. Aí ele se diz, se constitui e interage, pois *“... é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam ...”* (Foucault, 2000: 6).

³ Expressão de Rushdie, apud Rajagopalan, 2001:41.

CAPÍTULO I

Sobre a Pesquisa

1.1. JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa visa fazer uma reflexão sobre as possibilidades de escolhas lingüísticas por estudantes de Letras na cidade de Campinas, cujo perfil ajusta-se ao dos grandes centros universitários e tecnológicos do país, portanto plenamente representativo do que haveria de melhor em termos de acesso aos estudos de línguas modernas no Brasil. Dispõe-se também a investigar as motivações que levam os sujeitos a optarem por uma ou outra língua, tentando fazer associações entre suas necessidades e aspirações e as demandas da sua conjuntura histórica.

Através do estudo das dinâmicas históricas que conferem a algumas línguas modernas o status sócio-político de línguas auxiliares para a comunicação internacional, buscamos mapear os valores que permeiam tanto os processos de escolha lingüística, quanto as próprias políticas de ensino de línguas no país.

Consideramos relevante acompanhar os relatos deste sujeito em processo de formação para identificar suas carências. Dentre elas, preocupa-nos particularmente o aparente descaso das políticas educacionais com a qualidade do ensino da língua inglesa no ensino fundamental e médio, cuja conseqüência é o agravamento das desigualdades entre aqueles que disponham de

outros meios de acesso a este conhecimento lingüístico e os que contem exclusivamente com o ensino formal, seja público ou privado.

Entendemos que este estudo seja um instrumento importante para a investigação de questões sócio-políticas que norteiam as práticas para a diversidade lingüística e cultural, podendo servir como apoio a reflexões sobre o currículo e sua oferta limitada de línguas estrangeiras tanto no ensino fundamental e médio como nas universidades. Tal déficit vai na contramão das possibilidades do multiculturalismo que a globalização possibilita e já se traduz na atual escassez de professores e tradutores de línguas menos importantes como línguas francas, como é o caso do japonês, facilmente constatável nas universidades e nos livros, cada vez mais traduzidos a partir de uma versão em inglês, em detrimento da tradução de originais.

Além disso, os dados levantados apresentam algumas questões complexas como certas reações de caráter xenófobo à cultura americana, que merecem aprofundamento. A educação para a diversidade cultural, a sensibilização para a pluralidade de valores e universos culturais requer um esforço para o resgate de valores culturais locais ameaçados por culturas hegemônicas, o que significa que o professor deve ser capaz de trabalhar contra a discriminação, mas também contra a xenofobia (Ana Canen, 1998).

Este estudo contempla também algumas problemáticas advindas da hegemonia lingüística da língua inglesa, para as quais apresentamos algumas possibilidades de intervenção, a partir do debate contemporâneo. Por extensão, a importância de estudar as questões da hegemonia lingüística que nos submete, é que isto requer que também reconheçamos o status de nossa própria língua como hegemônica dentro de um universo nacional, em que as línguas indígenas ágrafas vão desaparecendo sem deixar rastro, com uma velocidade maior do que a

que poderia operacionalizar sua própria descrição. A compreensão da hegemonia da língua portuguesa em diferentes países, bem como o estudo das problemáticas que envolvem países da Ásia e África, e mesmo discussões contemporâneas sobre as diferenças luso-brasileiras favorecem a percepção das dinâmicas que atuaram na nossa própria história e que continuam a se manifestar com força.

A problematização de questões sócio-culturais que envolvem o aprendizado de línguas é vital para o afastamento das ingenuidades e esclarecimento das ideologias que perpassam tanto o sujeito em formação, quanto as políticas de ensino. Seria exemplar a menção da ética do utilitarismo que impregna o ensino de línguas, com nuances ambíguas de uma instrumentalidade neutra no seu emprego nas tecnologias de informação e comunicação, mas de um autoritarismo extremo nas demandas do mercado de trabalho, que a “indústria do desemprego” transforma numa *commodity* valiosa.

Este estudo quer, portanto, ilustrar, pelas vozes destes professores em formação, os alcances do fazer a partir deste conhecimento lingüístico. Esperamos que o corolário desta formação extrapole a objetividade do domínio técnico de um código, para o entendimento do papel social, tanto da língua que se ensina, como o de educador.

Ao se conhecer os discursos formadores de opiniões e desejos há sempre uma possibilidade de desmobilizá-los.

1.2. PERGUNTAS DE PESQUISA

Considerando-se a nova face do mundo redesenhada pela globalização, pretendemos responder às seguintes questões centrais da pesquisa:

- 1) Como se dá a escolha das línguas estrangeiras por um estudante de Letras no contexto da globalização, cuja língua hegemônica é o inglês?
- 2) Há possibilidade de escolha no contexto global e local?
- 3) A atitude de interação destes sujeitos com o mundo globalizado varia de acordo com o idioma escolhido? Reflete um sujeito ativo e co-participante ou passivo e absorvido por um desejo premente de inserção e pertença?
- 4) Sendo a linguagem constitutiva da identidade, a variação na escolha de uma língua por um estudante de Letras é também um reflexo de sua identificação com os valores e a cultura do povo onde a língua é falada? Existem valores comuns e detectáveis no discurso de sujeitos que elegem uma determinada língua?
- 5) A escolha da língua é determinada pela aceitação ou rejeição do discurso da globalização, que prega o inglês como fundamental na sociedade global? Há discursos hegemônicos e contra-hegemônicos na fala deste sujeito, que poderiam ter determinado sua escolha?

1.3. METODOLOGIA DE PESQUISA

*"As ciências exatas são uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição (de contemplação) e fala (pronuncia-se). Diante dele, há a **coisa muda**. Qualquer objeto do conhecimento (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido a título de coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser **dialógico**."* (Mikhail Bakhtin)

Toda pesquisa se inicia com uma pergunta que tenta elucidar um problema detectado empiricamente, porém o desenvolvimento da pesquisa usará de um raciocínio próprio de seu tempo.

O problema sobre o qual discorreremos, que é algo que perturba ou ameaça, nasceu para mim da percepção das grandes alterações do contexto histórico no hiato entre o final da graduação, concluída em 1984, e o retorno ao ensino formal em 2000. Ao entrarmos em contato com as questões de um sujeito que se debate entre as pré-determinações sociais e históricas que lhe são constitutivas e suas possibilidades de auto-determinação, subjetivação e transformação (se as há), passamos a questionar se as condições de escolha atuais favorecem trajetórias diversificadas de estudos de línguas estrangeiras, ou se as tendências a uma massificação do ensino exclusivo do inglês interferem na construção de caminhos alternativos.

Desta forma, a pesquisa será necessariamente interpretativista, desde sua própria gênese, já que o problema é suscitado pela interpretação de alterações de condutas de escolha, tendo por base uma experiência pessoal. Será também interpretativista porque tudo o que a instrumentaliza, seja a análise do discurso dos sujeitos de pesquisa, seja a leitura da bibliografia que lhe confere autoridade, será necessariamente produto de interpretação. O pesquisador é um intérprete. De acordo com parâmetros mais teóricos, pode ser assim categorizada porque, conforme Moita Lopes (1994:331), *"será considerada exatamente a visão dos participantes do mundo social, que é tomado como existindo na dependência do homem"*, ou seja, a representação que os alunos de Letras de Campinas fazem do seu aprendizado e das suas escolhas.

A validade desta pesquisa, nascida de uma certa perplexidade subjetiva, é respaldada pela demonstração de que os desdobramentos desta problemática são amplos, afetando um universo muito maior de sujeitos e implicam nas próprias políticas e planejamentos lingüísticos. Outrossim, este estudo é legitimado pela descrição de aspectos desta problemática por inúmeros lingüistas e teóricos das áreas sociais, cujas contribuições elencamos dentro de uma orquestração individual no capítulo teórico.

De acordo com a natureza dos dados, esta pesquisa é qualitativa, tendo em vista que pretendemos responder a "questões particulares dentro de um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes" (Minayo, 2001:24).

Com base nos objetivos desta pesquisa, podemos classificá-la como exploratória, pois tem por finalidade proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato (Gil, 1996:45), ou seja, pretendemos explicitar elementos que compõem o processo da escolha de um idioma.

A coleta de dados inclui primeiramente um levantamento bibliográfico, para o estudo das dinâmicas das línguas vernáculas e mais especificamente das línguas veiculares no universo globalizado, bem como das problemáticas da hegemonia lingüística no século XXI e seus desdobramentos.

Os sujeitos desta pesquisa são estudantes de Letras da cidade de Campinas, que foram submetidos inicialmente a um questionário com questões fechadas para um primeiro levantamento de seu perfil e a seguir foram desenvolvidas entrevistas semi-estruturadas com aqueles sujeitos que a elas se disponibilizaram. As entrevistas foram efetuadas através do uso de canais anônimos de IRC (*Internet Relay Chat*) usando serviços do Messenger e ICQ, pelos quais pudemos proceder à troca de mensagens eletrônicas em tempo real, que seria a forma mais próxima de uma "conversa escrita" na rede.

Este dispositivo permitiu a máxima otimização do tempo do pesquisador, pois a entrevista feita desta maneira pôde ser impressa, de forma a dispensar a transcrição, e possibilitar que se pudesse analisar um número maior de entrevistas, além de entrevistar sujeitos em domicílios diferentes, como um, que se encontrava na Alemanha.

Foram escolhidos os alunos de Letras por serem aqueles que teriam, a princípio, a maior especialização nas questões de linguagem, além de ser este o curso de formação de professores de línguas estrangeiras, portanto, são sujeitos de multiplicação deste conhecimento.

A pesquisa se delimitou às universidades de Campinas, que já contemplam uma diversidade que consideramos pertinente, ou seja: uma universidade pública (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP), uma comunitária (Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCC) e uma particular (Universidade Paulista - UNIP). Assim sendo teremos os seguintes grupos e sub-grupos sendo pesquisados:

- 1 – alunos do 1º ao 4º ano – universidade pública
- 2 – alunos do 1º ao 4º ano – universidade particular
- 3 - alunos do 1º ao 4º ano – universidade comunitária

CAPÍTULO II

ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS NOS ELOS DA HISTÓRIA

Das cerca de 6000 línguas faladas no mundo atualmente, poucas são aquelas que detêm um status que justifique uma dedicação voluntária para seu aprendizado como segunda língua, em larga escala. Estas escolhas estão circunscritas a uma variedade de condições, seja por parte das políticas de ensino, que as determinem e viabilizem, seja por relações particulares e abstratas do aprendiz com uma dada cultura, ou por fatores mais pragmáticos presentes no mundo do trabalho.

Tendo como propósito perscrutar mais aprofundadamente as escolhas possíveis ou meramente desejadas de uma segunda língua por parte de um grupo específico de sujeitos, que são os estudantes de Letras, futuros formadores e difusores destas mesmas línguas, entendemos como fundamental a compreensão das dinâmicas históricas e sociais, que tanto eliminam quanto forjam novas línguas, numa profusão de movimentos de absorção, imposição, fusão, empréstimo e criação.

O percurso histórico que descreveremos a seguir, organizado a partir de autores como Umberto Eco, Claude Hagège, Cavalli-Sforza, Peter Burke e Sérgio P. Rouanet, inicia-se com uma breve descrição das trajetórias evolutivas das línguas na Terra, para chegarmos às dinâmicas histórico-sociais que ora favorecem, ora desfavorecem certos vernáculos no seu uso como línguas veiculares num cenário internacional, como língua de contato entre povos distintos. Estes movimentos poderão, a partir de uma instância maior, ou seja, a própria

instância histórica, fornecer alguns pressupostos genéricos capazes de explicar porque algumas línguas são procuradas para uma aprendizagem como segunda língua e outras não, de forma que possamos identificar as forças que atuam nas escolhas lingüísticas no contexto atual.

2.1. O TEMPO E AS LÍNGUAS

Estima-se que a linguagem humana atingiu o estágio atual de desenvolvimento entre 50 e 150 mil anos atrás. Através dela o homem pôde desenvolver tecnologias, como técnicas de confecção de ferramentas e os avanços na navegação, explorar e se estabelecer em terras distantes, como um agente fundamental do incipiente processo de globalização. Além da linguagem mais refinada, outros agentes potencializadores de expansão foram o desenvolvimento da agricultura há 10 mil anos, na passagem do Paleolítico para o Neolítico, os novos meios de transporte e o aumento do poderio militar e político (Cavalli-Sforza, 2003).

Milênios mais tarde, já na história contemporânea, podemos apontar os mesmos agentes da expansão humana na Terra como determinantes para o aumento da hegemonia de um povo: o desenvolvimento das tecnologias da comunicação, num paralelo ao desenvolvimento da linguagem; a eficácia na organização e no deslocamento espacial e o poderio militar e político, intimamente ligados ao controle do espaço. Está caracterizado desde sempre o binômio poder e tecnologia.

Em termos darwinianos, existe uma coincidência entre a emergência da linguagem e as vastas migrações humanas, que seguiram-se à especiação do *Homo Habilis*, muito embora esta aptidão para a linguagem estivesse longe de produzir uma comunicação lingüística nos padrões

atuais. Pela hipótese da poligênese, as línguas humanas se formaram em pontos muito dispersos do globo, portanto têm origens distintas umas das outras. Por este percurso, a diversidade original das línguas é um conceito compatível com a aptidão universal à linguagem, que define a própria espécie (Hagège, 1985:18-25).

A diversidade original das línguas é porém contrária ao mito da unidade (hipótese da monogênese), que Leibniz coloca nos seguintes termos: *"Nada contradiz, ou sequer deixa de apoiar, o sentimento de uma origem comum de todas as nações e de uma língua radical e primitiva"* (apud Hagège, 1985:254). Por outro lado, ele jamais julgou procedente a possibilidade de se chegar a esta língua, preferindo celebrar a riqueza e pluralidade das línguas naturais como um fato positivo (Eco, 2001:327). Nesta vertente universalista da crença numa língua edênica ou adâmica, *"reside a nostalgia da língua do Paraíso, a crença nas afinidades profundas entre todas as línguas, mesmo depois da dispersão, e a utopia da unificação lingüística, em que o objetivo visado é uma restauração da origem, num futuro próximo ou remoto"* (Rouanet, 1996). Este mito motivou os estudos de reconstrução das proto-línguas, família por família, e, por conseguinte, os avanços da lingüística comparada. As correntes contemporâneas, cujos estudos foram temporizados pela prudência dos especialistas, preocupam-se menos com a língua primitiva que com a demonstração dos universais da linguagem, ou seja, dos elementos comuns às línguas existentes, identificados pela lingüística como os universais fonológicos⁵, gramaticais⁶, semânticos⁷ e pragmáticos⁸ (id.).

⁴ Tradução do original *L'Homme de Paroles*, de Isabel St. Aubyn, *O homem Dialogal: Contribuição Lingüística para as Ciências Humanas*, Lisboa: Edições 70, 1990:21-22.

⁵ Por exemplo, algumas estruturas acústicas identificadas por Trubetskoi e Jakobson, sem as quais não pode haver linguagem, como por ex. o sistema vocálico presente em todas as línguas (Rouanet, 1996).

⁶ Todas as línguas têm, por exemplo, um pronome de primeira e segunda pessoa do singular, todas têm uma classe de nomes próprios, todas operam com combinações de sujeito, verbo e objeto. Nesta busca de universais estaria incluída a gramática gerativa de Chomsky, com as questões de uma gramática inata (id.).

Independentemente das teorias das gêneses das línguas, o fato é que de acordo com muitos teóricos como Cavalli-Sforza, Hagège e Dascal todos os seres humanos falam línguas complexas, flexíveis, expressivas, com gramáticas e sintaxes ricas. A categorização de certas línguas como “primitivas” seria, por este prisma, improcedente.

É também uma característica de todas as línguas seu constante processo de evolução, que se dá por embates de forças externas e internas, ou seja, pelos acordos sociais e arbitrários de uma comunidade inteira na sua construção e pela força interventiva da ação humana sobre as línguas. Esta evolução é historicamente marcada pela hegemonia das classes dominantes na sua luta incessante sobre o controle da língua, seja no estabelecimento da língua que será falada por dada comunidade, seja pelo controle formal de uma língua nacional por padronização imposta.

A evolução lingüística é um estudo recente, da metade do século XIX. Uma língua se modifica de maneiras independentes das mudanças em outras línguas e é mais difícil estudar sua variação no tempo, que no espaço, embora a primeira implique na segunda e as regras básicas sejam iguais. As línguas apresentam rapidamente grandes mudanças fonológicas e semânticas, já as gramaticais são mais lentas, o que permite o reconhecimento das relações lingüísticas mais antigas. Num intervalo de mil anos uma língua se torna incompreensível. Entre 5 e 10.000 anos apenas 10% das palavras são reconhecíveis (Cavalli-Sforza, 2003).

7 Algumas metáforas antropomórficas são comuns a todas as línguas. Por exemplo, a palavra “pupila” que, evidentemente, é uma palavra latina que significa “menina”, ou seja, “menina dos olhos” em português, é designada para referir uma parte da anatomia do olho, em todas as línguas indo-européias, e em línguas como o hebraico ou o swahili (id.ib.)

⁸ São regras mediadas pela linguagem que regem a comunicação, conforme estudos de Habermas e Apel. Apel fala por exemplo na regra da comunidade comunicativa ideal, pela qual ao se comunicar pela linguagem todos temos como horizonte virtual a humanidade inteira, ou seja, sempre que argumentamos com algumas pessoas, usamos de argumentos que seriam válidos para convencer todos os seres racionais (id.ib.).

Além dos processos que são estudados na lingüística como parte da “história interna” das línguas, ou seja, os estudos dos elementos lingüísticos e suas relações entre si, existe a “história externa”, que refere-se às migrações, invasões, imigrações, etc. Em suma, trata-se da história das dinâmicas que entram em ação quando dois povos, e conseqüentemente seus vernáculos, entram em contato. Tais dinâmicas são bastante diversificadas, de modo que o produto lingüístico deste contato não é de todo previsível.

Tanto para Cavalli-Sforza (2003), quanto para Kiernan (1993), *a guerra e a conquista têm sido os mais poderosos árbitros dos destinos das línguas humanas* (Kiernan, id. p.260). As influências lingüísticas de duas línguas colocadas em contato estreito à força nunca são unilaterais. Nos territórios subjugados a língua do conquistador pode suplantam a língua nativa, como aconteceu na Hungria, onde uma monarquia magiar impôs sua língua à população local de língua românica; ou os anglo-saxões impondo sua língua na Inglaterra após a queda de Roma; o grego substituído pelo turco com o ataque ao Império Bizantino. Mas também pode ser que o conquistador não substitua a língua dos conquistados, sempre mais numerosos e às vezes socioeconomicamente melhor organizados, como é o caso do francês da Normandia, que resistiu à invasão dos nórdicos. Um caso muito raro seria a fusão de duas línguas numa nova língua composta, cujo exemplo mais importante, conforme Kiernan, é o inglês, que surgiu a partir da conquista normanda.

O processo de adoção de uma nova língua é sempre lento e gradual, e o resultado lingüístico da união de dois povos depende das estruturas sociais, dos costumes familiares e de casamento, principalmente por parte do dominador. Uma nova religião pode ser fonte de grande magnetismo e atingir todas as classes com o passar do tempo, como é o caso do islã. A

apropriação de uma nova língua se dá primeiramente nas classes mais altas dos conquistados, principalmente os moradores das cidades, sobretudo se ela for acompanhada de uma cultura atraente e se representar oportunidades de emprego. *Um trono imperial precisa cercar-se de uma cultura de alta reputação* (Kiernan, id.). Quanto maior a organização política dos recém-chegados, mais facilmente se dará a substituição da língua, como ocorreu em grande parte das Américas e nos demais impérios europeus, que demonstravam forte hostilidade para com as línguas de minorias étnicas, consideradas pobres e inadequadas (Kiernan, 1993:259-262).

Por outro lado, barreiras geográficas, ecológicas e sociais podem auxiliar na sobrevivência de uma língua, como por exemplo o basco, fator intimamente atrelado a uma forte identidade social. Além disso, uma das causas importantes para que a língua do invasor sucumbisse era o fato de serem as mães as que decidiam a língua que os filhos falavam.

Neste aspecto, seria pertinente o aparte para a pergunta sobre até que ponto o papel da mulher seria também determinante na escolha das segundas línguas por seus filhos.

Outro aspecto digno de nota é que a exclusão generalizada das mulheres da vida pública, pressupõe uma constante defasagem entre o aprendizado de uma nova língua por homens e mulheres.

Até aqui pudemos observar a operosidade do poder sobre os falares dos homens, que aquiescem à espada, à força, ao poderio militar, às oportunidades de trabalho e sobrevivência. Da mesma forma como o poder e a hegemonia de um povo ou de classes é determinante para a evolução dos vernáculos, intervindo na sua forma ou definindo seu destino em caso de domínio e imposição lingüística, também o é para estatuir os vernáculos que são privilegiados

como línguas veiculares, potencializando as dinâmicas de ascensão e queda, conforme expomos a seguir.

2.2. AS DINÂMICAS DAS LÍNGUAS VEICULARES

Mas veremos que o sonho de uma língua perfeita ou universal sempre se apresentou como uma resposta ao drama das divisões religiosas e políticas, ou somente às dificuldades das relações econômicas; aliás, a história da alternância sucessiva destas motivações, ao longo dos séculos, constituiria uma contribuição para a compreensão de muitos aspectos da cultura do nosso Continente. Umberto Eco

Em nenhum outro momento da história mundial foi tão importante a questão da adoção de uma língua franca internacional. Esta expressão *lingua franca* nos chegou através do italiano e designava o *sabir* ou *petit mauresque*, uma provável mistura de línguas românicas, árabe e grego, que era falada em todo Mediterrâneo entre os séculos XIII e XVIII pelos mercadores levantinos, ou seja, por aqueles que realizavam o comércio do Levante, entre Veneza e o Oriente Médio, que incluía gregos, árabes, cristãos sírios, armênios, italianos e judeus, e que, portanto, necessitavam de uma língua auxiliar (Störig, 2003:238). Hoje língua franca significa toda língua utilizada como veículo comum de comunicação entre falantes de línguas diferentes. Sua importância redobrada se coloca, pois, neste momento, devido à globalização, ou seja, ao

processo pelo qual estreitam-se as relações comerciais, tecno-científicas, políticas e culturais entre os países do mundo.

A língua inglesa tornou-se a *lingua franca* do mundo moderno. Ela desempenha na atualidade o papel que fora do aramaico no império da Babilônia, do árabe para o islão, do grego à época de Cristo (o Novo Testamento foi escrito em grego), do latim na idade média e do francês até o século passado.

Embora muitas línguas tenham servido de instrumento para o entendimento entre uma miríade de diferentes povos, nos ateremos a um breve comentário sobre aquelas línguas auxiliares mais influentes na história da civilização ocidental contemporânea.

O grego foi uma destas línguas auxiliares, que com a expansão da civilização grega adquiriu um outro estatuto. Da miscelânea de dialetos que caracterizava o mundo grego, foi a *koiné*, uma forma modificada do Ático, que se universalizou e se tornou a língua dos governos reais para a administração das grandes cidades, na época sucessiva às grandes conquistas de Alexandre Magno. Esta é a língua na qual foram escritas as obras de Plutarco e Aristóteles, a língua transmitida pelas escolas de gramática e a língua cultural durante o império Romano (Eco, 2001:30). Embora o latim fosse o instrumento de comunicação oficial, o grego continuava a ser tanto o canal da cultura quanto de forte influência sobre a vida econômica, devido ao grande mercado controlado pelos gregos. Os gregos não se interessavam em aprender outras línguas, mas os demais povos sucumbiam ao grego por seu apelo irresistível junto às classes mais altas. Não era uma língua democrática, atendendo às elites urbanas como um meio literário, além de que, os governantes não entendiam como parte de seu dever ensiná-la aos homens do povo. Devido ao abismo que separava a cidade e o campo não houve

um pidgin grego com a mesma vitalidade do pidgin latino, que se transformou nas novas línguas romanas (Kiernan, 1993:268-269).

O latim iniciou sua ascensão como língua internacional simultaneamente à ascensão do Cristianismo, porque a nova fé podia ser professada nos dialetos das massas, que era o latim vulgar. Desta forma, o uso desta língua no domínio eclesiástico tanto era valioso por se tratar de uma instituição também internacional, e posteriormente, quando as línguas românicas já se firmavam e o latim já não era mais um vernáculo, tornou-se uma língua de poder espiritual, de modo a vincular uma natureza especial aos textos como a Bíblia e rituais como a missa. Para manter este status, até o início do século XVI a igreja continuava condenando todas as tentativas de tradução da bíblia para os vernáculos, determinação esta que só foi desafiada por Lutero, durante a Reforma. O princípio do sacerdócio universal rejeitava as autoridades eclesiásticas e estendia a todos o direito de ler a bíblia sem o intermédio de um sacerdote (Burke, 1993:43-46).

O latim acadêmico, era usado na lírica e na épica, na poesia e na prosa, na ficção e não-ficção. Além disso, durante os séculos XV a XVII, o grande número de traduções para o latim denotam sua importância na cultura europeia pós-medieval. Não só era escrito, como também falado em conferências e debates, nas aulas das universidades e a prática do ensino de latim para crianças permaneceu na França até 1870. Até o fim do século XVII era mais comum que as obras didáticas fossem escritas em Latim do que em qualquer vernáculo (id., pp.47-50).⁹

⁹ No Brasil do Renascimento, seis missionários jesuítas, chefiados pelo Padre Manuel da Nóbrega, que desembarcaram na Bahia em 1549, foram nossos primeiros professores de gramática e letras e, representando a Companhia de Jesus, compartilhavam do ideal de converter os silvícolas à fé católica dentro do projeto anti-Renascentista da Contra-Reforma (Fontes, 1999, pp. 29-36). No entanto, a Companhia de Jesus não representa apenas um anacronismo das formas progressistas do Renascimento, uma vez que se de um lado se opunha à ciência moderna, de outro favoreceu, "através do *Ratio Studiorum*, uma forma de humanismo, no

O latim dos cursos das universidades desde o século XII como as de Bolonha, Oxford e Paris favorecia as excursões de estudantes que afluíam de todas as partes da Europa. Quando as aulas passaram a ser administradas em vernáculo tais intercâmbios ficaram bastante reduzidos.

As ciências, dependendo dos seus domínios e autores, serviram simultaneamente para retardar o declínio do latim, como para permitir o avanço do vernáculo. As escolhas lingüísticas entre os séculos XIV e XVII variavam de acordo com as distinções profissionais e intelectuais: o latim era a língua dos estudiosos das ciências teóricas clássicas (teologia, física, lógica e matemática), com uma função pedagógica e de difusão internacional; o vernáculo era a língua dos homens das práticas artesanais (navegação, contabilidade, agricultura, química, cirurgia), servindo aos saberes práticos como livros de receita, remédios e descrição de práticas diversas, cuja maioria dos autores não tinha possibilidade de escolha lingüística, formando um mundo profissional vernáculo que praticamente não tinha qualquer interação com a cultura latina. Entretanto, a partir do século XIV essas duas tradições diferentes começam a se encontrar, de modo a criar uma situação lingüística paradoxal: o desenvolvimento das técnicas fortalece e dá mais visibilidade ao vernáculo, que, por sua vez, passa também a ter a importante função de difundir para um público mais amplo, mas ainda culto, um saber formado em latim, através da tradução que era solicitada por príncipes e monarcas. No entanto, para ter o reconhecimento

momento em que a unidade espiritual do Ocidente se quebra e a função do latim como língua internacional começa a enfraquecer". O saber calcava-se na doutrina das sete artes liberais da Antigüidade Clássica, porém através da sua releitura feita nos primeiros séculos da Idade Média. Era organizado em dois blocos: o Trivium, composto pela Gramática, Dialética e Retórica e o Quadrivium, que incluía a Música, Aritmética, Geometria e Astronomia. A teoria gramatical visava o uso lingüístico correto do latim (a língua) e a leitura explicada dos poetas da antigüidade. Por ser usado através de fragmentos textuais, o latim pairava num tempo afastado da história dos sujeitos, como se fosse neutro, inocente, um instrumento de comunicação usado por todos, aparte da vida social. O

acadêmico estes saberes eram traduzidos para o latim, além de adaptados aos preceitos pedagógicos e métodos eruditos, de forma que na França, por exemplo, o vernáculo passa a ser língua de pesquisa científica somente um pouco antes da metade do século XVII (Blair, pp. 21-26). Assim sendo, o desenvolvimento das técnicas dava prestígio ao vernáculo, ao mesmo tempo que, pela tradução para o latim, não só revigorava as ciências universitárias, como ampliava a longevidade desta língua nestes domínios.

O uso pragmático do latim abrangia as áreas do Direito e dos negócios, mas foi nas relações internacionais que a língua se manteve importante por toda a Europa durante os séculos XVI e XVII.

Na Europa renascentista, Burke (1993) aponta a convivência de diversas variedades do latim: o latim clássico (dos poetas e historiadores que viveram entre 100 a.C a 14 d.C.) revivido pelos humanistas era diferente do latim medieval, ou médio latim. Por exemplo o texto dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola foi “traduzido” do latim do próprio autor para uma forma mais clássica. Além disso havia o latim eclesiástico, que modelava muitas construções a partir do vernáculo. Era o latim vernacularizado, também chamado de latim grosseiro ou “latim macarrônico”, grosso como o macarrão, que tanto foi objeto de sátira, como o meio no qual muitos textos satíricos foram escritos. Essa interpenetração entre vernáculo e latim também se faz notar inversamente, no uso corrente de expressões latinas nos textos e discursos em vernáculo, muitas das quais sobrevivem até hoje. De modo geral, porém, o latim criou um vazio entre a cultura de elite e a cultura popular, além de excluir as mulheres da alta

autor considera pouco provável que outras línguas românicas tivessem sido ensinadas à época, pois qualquer elemento do idioma “vulgar” era censurado como barbarismo ou vício de linguagem (id.).

cultura. A ascensão do público leitor feminino ocorreu simultaneamente ao declínio do latim no século XVIII.

A passagem do latim para o vernáculo ocorreu na França a partir da metade do século XVII e, ironicamente na Alemanha, terra de Lutero, no início do século XVIII (Burke, 1993:49).

Os vernáculos ganhavam força com a perda de prestígio do latim, devido à expansão pedagógica, à formação de um público culto mais amplo e de fraca cultura latina, bem como ao aparecimento de rivais da universidade sustentados pelo patrocínio real ou por redes informais de associações como a *Académie de Sciences* em Paris e a *Royal Society* em Londres, para onde se deslocam no século XVII os centros intelectuais em geral e científicos em particular. O vernáculo substitui o latim, deixando um vazio onde antes havia uma língua supranacional em ciências (Blair, 1996; Störig, 2003).

Outro fator que configura o fim da hegemonia do latim é o Iluminismo e com ele a constituição dos Estados nacionais modernos, pois complementar à demarcação de áreas geográficas soberanas era a afirmação dos idiomas nacionais, que fortaleciam o sentimento de identidade nacional. Já no século anterior, com o tratado de Westfália de 1648, fora decretado o fim da ordem regida pelo Papado e pelo Sacro-Império Romano-Germânico, o que simbolicamente tirava do latim sua hegemonia em favor da língua francesa, sustentada como língua da diplomacia, da nobreza, da filosofia, da literatura e futuramente como veículo dos ideais da revolução francesa. A França de 1789 desejava universalizar as regras do direito e a circulação do dinheiro, dos bens e das pessoas. Ao construir sua unidade e sua identidade nacional forjou uma identidade universal (Mattelart, 2000:15-18).

O surgimento de reinos centralizados na Europa foi acompanhado da padronização do uso da língua nacional. Enquanto certos dialetos eram promovidos a “língua nacional”, outras línguas minoritárias eram violentamente reprimidas. Nos séculos XVIII, XIX e XX a hegemonia política de Londres sobre a Grã-Bretanha, a de Paris sobre a França, a de Madri sobre a Espanha marginalizava as línguas dos dominados como o galês, o bretão, o provençal e o catalão (Burke, 1993:10).

Além disso, no século XVIII, parece haver uma releitura do episódio de Babel, agora não mais interpretado como maldição, mas como algo positivo, com a conseqüente adesão ao pluralismo lingüístico. Esta concepção baseia-se no historicismo romântico alemão, para o qual cada povo tem seu gênio (*Geist*) próprio, expresso por sua cultura popular e por sua língua nativa. Cada língua cristaliza a história interna, a identidade cultural coletiva, a visão de mundo específica do *Volk*, ou nação, portanto cada comunidade lingüística terá suas próprias visões de mundo. Estas noções do particularismo lingüístico, pelo qual pensamento e linguagem se influenciam mutuamente, tanto estão expressas em Herder como em Michelet e Humboldt¹⁰ (Rouanet, 1996).

¹⁰ A etno-lingüística de autores como Sapir e Whorf (1987), com sua tese da “relatividade lingüística”, apresentada entre 1930-40, descende diretamente desses autores. Pelo estudo de várias línguas indígenas norte-americanas, eles afirmam que a Língua condiciona a cultura e que portanto línguas diferentes são modos radicalmente diversos de estruturação e experimentação da realidade, pois as idéias que um povo formula derivam dos limites e possibilidades de sua gramática. Se cada cultura têm modos diferentes de conceber o tempo e o espaço, de qualificar o movimento e os estados do ser é porque a língua preparou os caminhos e possibilidades desta percepção. Consideramos a este respeito bastante pertinente a ponderação de Rossi-Landi (1993:27) que diz que se um dado pensamento fosse possível apenas dentro de uma dada língua, então nem o pensamento universal, nem o desenvolvimento da linguagem científica e nem a tradução poderiam existir. No entanto o autor entrevê a possibilidade da influência de uma língua sobre o pensamento quando usamos uma língua que não a língua materna, afirmando que qualquer pessoa que aprenda uma nova língua torna-se uma pessoa diferente, pois passa a ver o mundo também através das estruturas da nova língua. Desta forma, aquela sensação de que não pensamos exatamente da mesma forma quando adotamos outra língua, é mais facilmente compreendida pela generalização de que todo mundo, em alguma medida constrói sua própria visão de mundo ao

Durante o século XIX começa a desenvolver-se um sistema de relações que liga essas novas entidades nacionais entre si por meio de um direito comum. Inicia-se um processo de internacionalização da comunicação, favorecido por dois universalismos: o Iluminismo das grandes repúblicas democráticas e do liberalismo da “república mercantil universal” (Mattelart, 2000:15).

Foi por volta de 1860 que a comunicação foi consagrada como “*agente de civilização*”. Sua universalidade confundia-se com a do império vitoriano da Grã-Bretanha. A partir das redes das estradas de ferro, do telégrafo elétrico e do cabo submarino, bem como da nova via interoceânica de Suez e da navegação a vapor, o mundo era representado como “*vasto organismo*”, cujas partes seriam solidárias. Estas redes tornam-se o símbolo de um mundo interdependente onde as economias nacionais cederam lugar à uma nova divisão internacional do mundo do trabalho. É portanto no século XIX que se estabelece a base da ideologia da comunicação (Mattelart, 1995).

Conforme a Europa passa a incrementar os intercâmbios culturais, diplomáticos, econômicos e científicos, retoma à cena europeia a discussão sobre a língua que deveria estabelecer estes contatos, porque o respeito e a valorização de todos os vernáculos gerou uma verdadeira situação de caos lingüístico.

Portanto, os anos de 1880 a 1914 representam um momento singular na história da língua internacional e suas relações com a comunidade científica, com numerosas tentativas de ampliar para uma esfera internacional, segundo um voluntarismo unitário, as bases de uma

aprender a falar numa determinada língua e, portanto, dentro do domínio das estruturas daquela língua, do que a idéia de que a visão de mundo e modo de pensar mudam ipso facto quando alguém passa de uma língua para outra (id. p.34).

língua comum. Era a busca, por um grupo de eruditos, de uma língua ao mesmo tempo culta e de uso prático, que fizesse com que os homens se comunicassem e que reconciliasse a língua e o pensamento (Rasmussen, 1996:133).

A nova questão da língua universal na virada no século XX era que, ao contrário das tentativas anteriores de criação de uma língua perfeita, na qual todo objeto e todo pensamento pudesse se exprimir pela combinação de signos, esta era obsessivamente pragmática e todos os esforços se concentravam na pesquisa de uma língua denominada “auxiliar”, isto é, veicular, não universal, que não visava suplantiar as línguas nacionais, mas estabelecer um bilingüismo com a língua materna. Também era novo o cunho do voluntarismo, pelo qual a idéia da língua internacional, apoiada tanto pelo público em geral como pela comunidade científica, não só era vista como factível, mas como inevitável (id.:133-134).

Nos discursos dos cientistas a situação babélica voltava a ser vivida como um escândalo, uma vez que o movimento científico já não se limitava a um pequeno número de nações, estendendo-se ao mundo inteiro e carecendo de uma produção científica unificada, padronizada e coordenada. Revistas e congressos internacionais obstinavam-se com a concepção de nomenclaturas, terminologias, classificações, lexicografias, com a tradução de boa qualidade. Entre o começo e do fim do século XIX as línguas nacionais escritas se multiplicaram, pois cada nação européia, por menor que fosse, aspirava ter sua própria língua de civilização. Na Europa de 1800 publicava-se obras científicas em uma dúzia de línguas e em 1900 os trabalhos de caráter científico apareciam em mais de vinte línguas européias diferentes. O “*babelismo*” interferia no funcionamento dos congressos internacionais, lugar da oralidade, onde eram admitidas até sete línguas na tribuna, como o francês, alemão, inglês, italiano, espanhol, russo

e português. O parco conhecimento dos cientistas em línguas estrangeiras impossibilitava os verdadeiros debates, transformando as reuniões em leituras de relatórios. Havia um sentimento generalizado de que a multiplicação das línguas estava associada às dificuldades de síntese científica, cujo lugar era o dos congressos, e mesmo à perda da unidade dos saberes pela dispersão lingüística das publicações especializadas (id. ib. 135-137).

Conforme Rasmussen, esta deploração da diversidade das línguas se apoia no pressuposto iluminista, que a considera fonte de ignorância e incompreensão entre as nações e no pressuposto utilitarista da internacionalização, que a interpreta como um verdadeiro obstáculo à internacionalidade da comunicação (com o progresso dos meios de transporte, telégrafo sem fio, correio, telefone) e da economia pela livre circulação, prejudicada por pessoas que se compreendiam cada vez menos.

Os projetos de língua internacional que apareceram entre 1880 e 1914 tinham em comum os parâmetros do utilitarismo e da oralidade. São propostas simultaneamente três tipos de solução para a comunicação científica: o retorno ao latim, o recurso a uma língua nacional e a adoção de uma língua artificial.

A argumentação a favor do latim invocava a Europa unitária da circulação de saberes. Seus críticos apelavam para a decadência do ensino do latim, que perdera sua vantagem e prestígio sobre as línguas vivas, cuja estima suscitava no século XIX poucas realizações práticas, além de que, como língua morta, não seria capaz de exprimir os neologismos que a ciência consumia (id. ib. 139-140).

A solução do emprego de uma língua nacional como língua auxiliar suscitou a concorrência entre algumas "*grandes línguas da civilização*", polarizadas pela disputa entre as

línguas francesa e inglesa de um lado e do alemão de outro, no contexto das tensões nacionalistas crescentes em 1900. Visando chegar a um consenso, a comunidade de cientistas se dividia entre dois critérios distintos: a importância estatística ou a importância política da língua. O primeiro critério pautava-se na representatividade da língua na Europa, pela análise do número de usuários e as zonas geográficas onde era falada. A outra posição, política, declinava das argumentações históricas, geopolíticas, linguísticas, culturais, para justificar a superioridade da língua escolhida no futuro. Projetando as estimativas do fim do século XIX ao fim do século XX, os autores avaliavam que a futura importância do inglês seria três vezes maior do que a do alemão e o russo.

O romancista George Herbert Wells (1999:122-156) participa deste debate em seu ensaio *Anticipations*, publicado em 1902. Segundo este autor inglês, no ano 2000 apenas duas ou três línguas poderiam “aspirar ao trono do mundo”, porém o embate principal seria entre as línguas inglesa e francesa. Wells discorda inteiramente da supremacia da língua inglesa, porque o público influenciado pela cultura francesa, exemplificada pelas obras de alto nível científico, filosófico e literário, ultrapassava “*em muito as fronteiras de seu sistema político*”. Nos países de língua inglesa, sobretudo na Inglaterra, predominam à época, segundo ele, os “*romances adaptados à mentalidade feminina ou infantil, ou dos homens de negócio superocupados, histórias destinadas mais a distrair do que estimular a reflexão, que representa na verdade o único tipo de literatura que é lucrativa tanto para o editor como para o autor*”. Além disso, ele considerava que quem monopolizasse a civilização universal do século XX, garantiria sua hegemonia no 3º Milênio, com a realização do sonho da União Européia prevista já no começo do século XIX por filósofos como Saint-Simon. Para ele o inglês não poderia alterar a posição da

língua francesa, a menos que houvesse um *“renascimento cultural”* e uma mudança de hábito da *“reduzida classe que monopoliza o destino dos negócios, incapaz de compreender o sentido político da questão do idioma”*.

Não obstante esta previsão tenha falhado, Wells antecipa com sensibilidade que embora no ano 2000 as facilidades de transporte e comunicação levassem necessariamente a *“transações bilíngües”*, com cada comunidade falando uma língua universal e uma outra própria de sua esfera particular, as sínteses das unidades sociais não implicariam em homogeneização, pois *“quanto maior for o organismo social, mais complexas e diversificadas serão as partes, mais indecifráveis e variados serão os jogos combinatórios da cultura e seus cruzamentos”* (Wells, apud Mattelart, 2000:64).

Diferentemente de Wells, os partidários de uma língua auxiliar nacional acabavam defendendo cada qual a língua de sua própria nação. Na ordem dos fatos estava a França, como a quarta língua mais falada e uma legitimidade histórica como a língua franca das relações internacionais por aproximadamente 250 anos, e do outro os anglófonos, que se atinham à posição *“estatística”* e previam um futuro evoluindo naturalmente em direção à língua inglesa, sem necessidade de intervenção voluntarista. Também concorriam o alemão, o italiano ou mesmo o bilinguismo franco-inglês (Rasmussen, 1996:140-141).

A escolha de uma língua de civilização se opunha à *“democracia das línguas artificiais”*, concebidas como línguas facilmente acessíveis ao maior número de pessoas. A própria multiplicação das línguas praticadas na ciência dava uma vantagem teórica à língua artificial, porém a extensão geográfica do uso do inglês e a crescente participação americana nos

congressos científicos europeus começava a desenhar com mais clareza por volta de 1890 seu futuro provável como língua internacional.

Rasmussen entende que a terceira solução, a criação de uma língua artificial, é a que teve o maior sucesso, podendo-se enumerar ao menos cento e dezesseis sistemas de línguas criadas de 1880 a 1914. O culto ao caráter artificial das línguas auxiliares, apresentadas como analíticas e simples, reuniu duas lógicas aparentemente irreduzíveis: a de uma língua de fusão e transparente, a suprimir as barreiras entre os povos e a de uma língua de comunicação racional ideal para as ciências, com adequação da língua ao pensamento.

Este projeto desconsiderava as línguas filosóficas ditas “a priori”¹¹, que não levavam em conta as línguas naturais. O caráter prático da virada do século favorecia as línguas “a posteriori”, fundadas nas estruturas sintáticas e radicais semânticos das línguas existentes, graças aos avanços da lingüística, mais especificamente da gramática comparada e história das línguas indo-européias. A partir de 1880 os lingüistas renunciaram às teses monogênicas de uma origem comum única das línguas, ao mesmo tempo que transformaram o projeto da língua internacional, concentrando-se sobre a reconstituição das raízes primitivas das línguas para permitir seu reagrupamento por família, alimentando assim a fabricação das línguas artificiais, ou seja, das novas línguas internacionais. Contrariamente às línguas filosóficas do passado, estas línguas visavam localizar os radicais mais difundidos nas línguas diversas, considerados desta forma os mais internacionais possíveis, pela concepção dominante de que a língua internacional já existia no estado latente, e que bastava que fosse resgatada.

¹¹ As línguas filosóficas *a priori* dos séculos XVII e XVIII são línguas construídas artificialmente que deviam servir para exprimir perfeitamente as idéias e para eventualmente descobrir novas conexões entre os aspectos da realidade (Eco, 2001:19). Teóricos importantes destes estudos são: Francis Bacon, Comênio, Descartes, Mersenne, Jorge Dalgarno, John Wilkins, Francis Lodwick, Leibniz.

Dentre os vários projetos que floresceram na época são dignos de nota o volapüque (*volapük*, literalmente a língua do mundo) do alemão Johann Martin Schleyer, primeira experiência concreta de língua artificial lançada em 1879, com vocábulos tirados do inglês, latim, alemão e francês. Conheceu um sucesso amplo e rápido (um milhão de praticantes, segundo seus promotores), seguido de um fracasso fulminante a partir de 1888-1889 devido ao caráter muito arbitrário de seu sistema lingüístico e aos desacordos entre seus fundadores. As demais línguas devem muito de sua evolução às concepções do volapüque: a *Pasilingua* (1885) do alemão Steiner, a *Weltsprache* (1887), do alemão Eichhorn, o *Kosmos* (1888) de Lauda, a *Universala* (1893) de Heintzeler, a *Língua Católica* (1890) do francês Liptay, a *Língua Franca* (1901) do abade francês Harduin, ou o célebre *Esperanto* (1887), do russo L. Zamenhof, sistema que teve a maior ressonância e o maior eco nas sociedades européias, constituído prevalentemente por palavras de línguas românicas e germânicas, com uma certa difusão internacional. Em 1908 L. de Beaufront publicou uma versão reformada, o *Ido*, que apesar de seu inequívoco aperfeiçoamento do ponto de vista lingüístico, não conseguiu vencer a oposição dos esperantistas. As duas guerras mundiais e a perseguição dos esperantistas por Stalin e Hitler causaram danos irreversíveis ao esperanto e à convicção humanitária da comunhão dos povos que inspirara Zamenhof (Rasmussen, id. p. 142 e Störig, 2003: 250-255).

Numa verdadeira revanche póstuma do latim, multiplicam-se a partir de 1900, os projetos de línguas artificiais neo-latinas, com vocabulário do latim e inspiradas em línguas romanas modernas: *Reform-latein* do austríaco Fröhlich em 1902, *Novilatin* do alemão Beermann em 1907, *Eulalia* do checo Chkrabec em 1908, *Latino Internationale* do italiano Basso

em 1910, e em particular, o *latine sine flexio* (latim sem flexão) concebido em 1903 pelo matemático e lógico de Turim, Giuseppe Peano, que acede à celebridade.

Passada a primeira guerra mundial, as vias de ação voluntarista em matéria lingüística ficaram sem efeito. Os governos se fecham numa reserva prudente, as academias se atêm à ortodoxia e as tentativas de retorno à discussão, ao contrário de encontrar consenso provocam hostilidades entre movimentos e tentativas sectárias (Rasmussen, id.:147).

Nos anos 20 fica clara a ambição hegemônica dos Estados Unidos, que passam a ser os credores do mundo e o dólar substitui a libra esterlina como moeda lastro. Disputam com a Grã-Bretanha a primazia industrial das radiocomunicações, que por sua vez favorecem a irrupção das redes financeiras e dos produtos da cultura do entretenimento sobre os mercados europeus. Nasce uma nova economia mundial centralizada em Nova Iorque e regida pelo fordismo e suas agências de publicidade que se tornam vitais para a cultura comercial. As idéias de “americanização” associadas respectivamente ao maquinismo, democracia gregária, nivelamento por baixo, doutrinação, materialismo e seu culto ao poder do dinheiro são vistas como uma ameaça à Europa (Mattelart, 2000).

Ao final da Segunda Guerra Mundial, as línguas majoritárias da Europa não desfrutam do mesmo prestígio cultural, porque ao longo dos anos perderam sua legitimidade como línguas de comunicação científica internacional à medida que remetiam a países e culturas politicamente comprometidas. Foi o que aconteceu com o alemão, não só por estar associado a uma ideologia nacionalista, racista e totalitária, mas também por suas pretensões a língua filosófica e privilegiada. O espanhol igualmente perdeu legitimidade com as medidas de exclusão tomadas

pelo franquismo com relação ao catalão e ao basco. São línguas marcadas por seu passado histórico (Lafitte, 1996:184-5).

Quanto ao status político e científico-cultural das línguas neste período, nenhuma delas conseguia competir com o do inglês, pois, embora fora da Europa o espanhol, português, francês e alemão fossem usados no plano da comunicação comercial, o mesmo não ocorria no plano da comunicação científica e cultural. Logo, conquanto bastante difundidas, estas línguas eram faladas num conjunto de países sem representatividade de um saber dinâmico e original (o espanhol na América do Sul, o alemão na Europa central, o francês nos países africanos).

Cabia ao francês, com seu reconhecido prestígio histórico e gozando de uma fase de prestígio renovado devido ao entusiasmo mundial pelo existencialismo do pós-guerra, mais uma vez enfrentar o avanço do inglês. No entanto, o papel filológico da língua, tão marcada por sua rígida normatividade lingüística, que era um fator de sucesso no século XVIII, pela glória cultural e seu papel de vanguarda desde o século XVIII até os anos de 1980, passou a ser um obstáculo a seu papel pedagógico e veicular. Até os anos de 1970 os estudos de língua eram de filologia clássica, que fazia a ligação dos aspectos descritivos e teóricos da língua com seu conteúdo através de textos de referência lingüística (literários e filosóficos) ou ainda, fazia a correlação entre lingüística e o que se considerava cultura geral. Porém a filologia clássica desapareceu e a cultura geral se voltou para a comunicação num sentido genérico. Os estudos de línguas passaram a existir de maneira autônoma, sem redefinir a ligação entre estudos de língua e conteúdo, desfavorecendo o francês, cujo prestígio estava estreitamente ligado a seu conteúdo literário e filosófico.

Um exemplo pertinente à esta problemática é o caso do ensino de inglês na China. Yen Ren Ting (1987) aponta como um dos fatores de dificuldade do ensino da língua inglesa na China, a questão metodológica, porque numa cultura socialista, que privilegia um curriculum clássico, o tipo de material didático centrado nos interesses pessoais é considerado inferior e desprovido de conteúdo para os alunos.

Dentre tantos fatores que sustentam a prevalência da língua inglesa podemos enumerar a potência numérica dos anglófonos, o passado colonial da Inglaterra, a potência econômica dos Estados Unidos, a fascinação pelos fortes, o centro de gravidade da pesquisa científica e das publicações científicas. Na sequência Lafitte propõe também o fator que chama de substrato religioso da língua, que seriam os fundamentos protestantes da cultura multiracial e multireligiosa. Ao buscar em Max Weber a lógica interna¹² que relaciona a religião com as influências nas mentalidades do conjunto da sociedade, a autora considera que uma religião que fundou o modelo econômico capitalista, que é o único e grande modelo econômico em nível mundial, suscita também um estilo social e cultural, embora seja um estilo dessacralizado. A generalização do capitalismo acarretou uma generalização do estilo protestante secularizado, *a saber a generalização do mérito pelo dinheiro, do acumulativismo, o enfraquecimento das estruturas hierárquicas, a igualdade jurídica entre os sexos; de um pedagogismo extremo, que na versão caricatural se torna a ideologia "politicamente correta"* (id. p.189). Desta forma, só a

¹² A lógica da relação do protestantismo com o capitalismo, seria que o princípio da predestinação absoluta (os homens estão sujeitos à vontade de Deus, e apenas alguns estariam destinados à salvação eterna: o sinal da graça divina estaria em uma vida plena de virtudes, dentre as quais o trabalho diligente, a sobriedade, a ordem e a parcimônia) engendrou uma ética do trabalho, cuja expressão essencial é a organização estrita de toda atividade humana somente no trabalho e o investimento no lucro, que favoreceu o desenvolvimento do capitalismo.

língua dos Estados Unidos poderia incorporar lingüística e culturalmente este modelo, que se tornou globalmente implícito em todas as culturas ocidentais.

De acordo com Lafitte, as imagens da anglofonia americana são globalmente valorizadas a despeito de tudo o que se possa criticar deste país. Os Estados Unidos encarnam sobre um plano mítico, uma modernidade igualitária, política, econômica e culturalmente forte. Isto se deve, no nosso entender, também à linha de ação propagandística americana, que a partir de 1949, inicia com Harry Truman a luta contra o "subdesenvolvimento", agora não mais relacionado ao grau de "cultura" e "civilização" de uma nação, mas com conotação econômica. Pelas técnicas desenvolvidas durante as operações psicológicas dos tempos de guerra e pelos progressos do marketing industrial, sociólogos americanos iniciam um vasto programa de mobilização da opinião pública para a difusão da "inovação", com estratégias de persuasão para "fazer evoluir" as atitudes das populações em estado de "subdesenvolvimento", para fazê-las passar de uma cultura e sociedade tradicionais para uma cultura e sociedade ditas modernas (Mattelart, 2000:95).

Por fim, um fator de ordem concreta, que é a situação econômico-editorial da Europa depois da queda do muro de Berlim. Este fato transferiu o domínio editorial dos ex-países do Leste, cujos livros eram publicados em língua vernácula, russo e alemão, para o domínio financeiro e intelectual do Oeste. A reunificação permitiu também que a escolha lingüística dos universitários do Leste recaíssem sobre o inglês, tanto por razões práticas, para se comunicarem com seus colegas do Oeste e para publicar em inglês, uma vez que os editores ingleses já estavam aí instalados, bem como por razões culturais, pois o inglês significa maior abertura para o mundo científico internacional (Lafitte, 1996:190-1).

Em termos estatísticos a difusão do inglês pode ser bem elucidada por um estudo de Yun-Kyung Cha¹³ (apud Ortiz, 2003) sobre as mudanças curriculares em escolas secundárias, em todos os países do planeta: entre 1850 e 1870 a porcentagem do ensino de francês era de 45,5%, de alemão 45,5% e de inglês 8,3%. Na primeira metade do século XX (1900-1944) temos a seguinte alteração: francês 47,9%, inglês 39,6% alemão 16,3%, evidenciando um equilíbrio entre o inglês e o francês e o drástico declínio do alemão. Na segunda metade do século XX (1972-1986) o predomínio do inglês é evidente: inglês 72%, francês 17,6%, alemão 0,8%.

Chegamos ao século XXI com uma língua auxiliar mundial bem definida, porém tal definição é acompanhada das inquietações advindas das problemáticas que nos assaltam na prática desta hegemonia lingüística. Inquietante também é a própria naturalização da hegemonia, que de tão absoluta e pretenciosamente instalada, nos desafia continuamente a novas reflexões.

2.3. A PROBLEMÁTICA DA HEGEMONIA LINGÜÍSTICA NO SÉCULO XXI

A posição do inglês como língua franca gera controvérsias que ora contestam, ora atestam sua neutralidade.

As teses de defesa postulam que o inglês, por seu alcance e difusão, tem uma função retórica tanto de legitimar como de negar valores universais e particulares dos cidadãos de

¹³ Yun-Kyung Cha, "Effect of the global system on language instruction: 1850-1986", *Sociology of Education*, vol. 64, January 1991, 45

diferentes regiões globais. Ele não representa o “neutro”, mas o “pluri”, constituído do universo cultural de cada povo, o que implica a inexistência de uma língua pura, mas a emergência de um *Englishes*, com variações semânticas e fonéticas e com transformações morfológicas e sintáticas (Nascimento, 1996:8-11). Seria, pela definição de Redondi (1996: 59), uma língua natural, desprovida o mais possível de sua cultura, depurada das riquezas semânticas e estilísticas do inglês falado ou literário, cujo ganho em difusão vai em detrimento da expressão original.

Independentemente de sua neutralidade ou pluralidade, as crescentes discussões sobre a dominância, imperialismo ou hegemonia da língua inglesa ¹⁴ pautam-se nos problemas empíricos relacionados à hegemonia política, que acaba se constituindo em hegemonia lingüística e desequilíbrio na igualdade de direitos entre falantes e não-falantes do inglês, em função de sua prevalência na produção científica e na tecnologia de informação.

Enquanto o grego e o latim não se deparavam com os problemas dos direitos democráticos à educação, servindo unicamente à nobreza e às elites intelectuais, a língua franca atual deve ser questionada por esta perspectiva: se ameniza ou amplia os abismos sociais de um mundo que se pretende em comunhão solidária.

O uso de uma língua natural na comunicação internacional, necessariamente vai estabelecer uma mais valia desta em relação às demais. Se de um lado seu uso extensivo beneficia um grande público, ligado por um sentimento de pertença a uma verdadeira

p.29.

¹⁴ Para Annamalai (1996), estes três termos são conceitualmente diferentes e caracterizam ou enfatizam aspectos distintos do papel do inglês. Dominância seria para ele uma noção comportamental, imperialismo seria político e a hegemonia seria mental, a partir das idéias de Gramsci, pelas quais a hegemonia é um conjunto de significados e valores que passam a ser naturalizados como verdadeiros conforme são experimentados na prática. Estamos tomando a palavra hegemonia, no sentido do senso comum, no sentido de preponderância, supremacia e superioridade.

comunidade mundial, ela gera sentimentos de ansiedade, insegurança e exclusão por parte das pessoas que não falam inglês.

Na sequência discutiremos algumas das problemáticas advindas da dominância do inglês na forma de globalismo, que operando no nível da comunicação de massa internacional pelo imperialismo midiático e cultural reproduz desequilíbrio lingüístico em larga escala. Limitaremos esta discussão ao domínio das ciências, por considerá-lo mais pertinente aos sujeitos da pesquisa, tendo em vista que a escola, tal como a conhecemos, e principalmente a universidade, sempre foi palco privilegiado de produção e divulgação científica¹⁵.

As publicações científicas são palco de inúmeros debates devido à difícil escolha lingüística por parte dos não anglófonos entre publicar na sua língua materna para um público restrito ou em inglês para a comunidade mundial. Ao serem submetidos aos comitês de leitura muitos são os textos recusados pela qualidade insuficiente do inglês, resultando numa vantagem indiscutível para os anglófonos ao apresentarem trabalhos de mesmo valor científico dos trabalhos de não-anglófonos.

As dificuldades não são menores para os editores de países não anglófonos ao publicar textos em inglês. Sua competitividade fica seriamente comprometida devido aos custos adicionais pela contratação de funcionários de língua nativa para a tradução e revisão dos textos, o que por sua vez não garante qualidade lingüística comparável aos textos nativos, porque estes profissionais não são expertos na área, nem escritores (Ammon, 2001:353-4). O autor discorda da propalada tolerância lingüística dos anglófonos. Embora sem comprovação estatística, baseando-se em algumas observações fragmentárias, ele considera que as

expectativas do cumprimento às normas parecem ser bem rigorosas, afinal, todo leitor prefere textos perfeitos.

Outra séria consequência da difusão de uma única língua de ciências, é a negligência das pesquisas publicadas em outras línguas que não o inglês, que acabam ignoradas e não citadas tanto por acadêmicos anglófonos, que não estudam outras línguas¹⁵, quanto pelos não-anglófonos que dominam apenas o inglês como segunda língua. Ammon (id. p.349) comenta que a prevalência das citações de textos em língua inglesa não é diferente nem mesmo entre os lingüistas. Os não-anglófonos acabam à margem do reconhecimento e notoriedade, que se traduz também em consequências financeiras.

Embora os pesquisadores publiquem pequenos artigos em inglês, as obras maiores são, segundo Frath¹⁷, normalmente escritas na língua materna, como é o caso de Wittgenstein, que produziu toda sua obra em alemão, a despeito de ter feito sua carreira em Cambridge e ensinado em inglês. Obras importantes em língua estrangeira acabam sendo ignoradas pelo público anglófono, ou são traduzidas e publicadas tardiamente.

De acordo com Ortiz (2003) a porcentagem das traduções no total das publicações (incluídas as obras literárias) é de menos de 5% nos Estados Unidos e Reino Unido, aproximadamente 12% na França e Alemanha, chegando a 20% na Espanha e Itália¹⁸. Isso significa que, *quanto mais central é um idioma no mercado mundial de bens lingüísticos, menor é a proporção de textos nele traduzidos. O corolário deste axioma é que as traduções entre*

¹⁵ Com a alteração deste panorama, seja pela presença de novas instituições privadas que começam a concentrar a produção científica, principalmente nos países do primeiro mundo, ou pelos novos veículos de comunicação, que imprimem uma nova relação entre indivíduos e conhecimento disponível, a escola certamente terá sua função revisitada.

¹⁶ Apenas 8% dos alunos dos colégios ou universidades americanas assistem a aulas de línguas estrangeiras (Chartier, 17-19).

¹⁷ Texto disponibilizado na Internet, sem referência ao ano da publicação.

¹⁸ Dados de Johan Heilbron, "Toward a sociology of translation: book translation as a cultural world-system", *European Journal of Social Theory*, vol. 2, nº 4, 1999.

línguas periféricas torna-se cada vez mais difíceis, pois devem passar necessariamente pelo vernáculo mundial .

As nações de língua inglesa, além de deterem capacidade de pesquisa maior do que qualquer outra comunidade do mundo, têm também a maior capacidade de modernizar sua língua. Esta capacidade é aumentada pelas contribuições dos pesquisadores que fazem uso preferencial do inglês na comunicação internacional. Algumas comunidades lingüísticas tentam cunhar o maior número da nova terminologia para suas próprias línguas a partir da tradução do inglês (Ammon, 2001). Muitos termos mundialmente divulgados numa certa língua, acabam retraduzidos do inglês, gerando impropriedades ou confusões terminológicas. Isto acontece no Brasil, por exemplo, com um princípio da física quântica, que acabou conhecido por sua dupla tradução - o princípio da indeterminação ou da incerteza de Heisenberg, tanto traduzido a partir da palavra alemã *Unbestimmtheit*, numa equivalência precisa à ideia de ausência de determinação (no caso a impossibilidade de determinar simultânea e precisamente a posição e a velocidade de uma partícula), como do inglês, a partir de *uncertainty*. Basta recorrermos aleatoriamente às páginas de discussão científica na Internet para constataremos os debates suscitados por este impasse lingüístico.

Por outro lado Lévy-Leblond (1996) entende que a ciência feita em inglês por não anglófonos compromete a qualidade das trocas lingüísticas, pois sua competência lingüística limitada, agravada pela ausência de referencial cultural, forja uma prática de língua menos consciente, determinada, crítica e inventiva. Para ele o problema não é o fato dos cientistas praticarem muito o inglês, mas é o fato deles praticarem-no *muito mal* , para que esta língua possa se tornar um verdadeiro lugar comum de comunicação e de reflexão, no sentido mais

profundo destes termos. Esta idéia é comungada por Rouanet (1996) e Dascal¹⁹, para quem só na língua materna se exprime plenamente nossos pensamentos e emoções.

Lévy-Leblond (id.) considera as publicações científicas, bem como os congressos e simpósios internacionais, um ponto deveras problemático por representar um elo estrangeiro na corrente comunicacional das atividades científicas, interpondo-se entre a comunicação informal e a comunicação pública. Para ele não se pode deixar impressionar por uma dominação lingüística menos absoluta do que é propalada, porque a ciência é feita essencialmente em língua materna.

A atividade científica se desenvolve em três registros de comunicação: a comunicação informal, que é a fase da elaboração do saber, das correspondências, das discussões de trabalho; a comunicação institucional, que ocorre no seio da coletividade científica e que faz conhecer, discutir e validar os resultados obtidos e a comunicação pública, que é a fase de divulgação e reconhecimento social do saber, com a publicação por livros e artigos, pelo ensino e mídia. Estes três registros não são independentes, pois a comunicação informal dá lugar à comunicação institucional, a partir da qual se desenvolve a comunicação pública. O problema é que o domínio quase monopolista do inglês ameaça a continuidade desta corrente comunicacional, pois atua exatamente na comunicação institucional (publicações especializadas e congressos), inibindo o jogo de palavras e idéias, freqüentemente estimulado pelas traduções, passagens e trocas de uma língua à outra, que poderiam abrandar e refinar a expressão do pensamento. Isto se explica porque pela tradução nossa língua transcende em direção às outras, e obriga as outras línguas a se transcenderem em direção à nossa (Rouanet, 1996). A tradução enriquece a língua ao deixar a língua fonte nela se insinuar e a modificar (Steiner,

¹⁹ Texto disponibilizado na Internet, sem referência ao ano de publicação.

1998:72). Desta forma Lévy-Leblond amplia sensivelmente a questão da “modernização” da língua anteriormente mencionada por Ammon, mais confinada ao nível do léxico, que representa apenas uma fração do discurso.

Existe atualmente um outro “elo” da comunicação científica que está sendo permeado pela língua inglesa. É o caso dos cursos em inglês oferecidos por universidades em países não anglófonos, como é o caso da Holanda, Dinamarca, Noruega e Alemanha, visando torná-las mais acessíveis a estudantes estrangeiros, o que é importante econômica e politicamente para o país. Ammon (2001:359) pondera que muito embora isto possa contribuir para a melhoria da competência lingüística dos cientistas e para a expansão da língua nacional, pois o aluno acaba sendo levado a adquirir uma língua de sobrevivência, as conseqüências indesejáveis superam tal esforço. No caso do alemão, se a língua não for necessária para estudar na Alemanha, haverá um declínio no interesse por seu aprendizado no exterior; a impossibilidade de manter programas de ensino em tempo integral em alemão e em inglês, poderá comprometer a modernização da língua alemã; as universidades podem ficar mais isoladas do resto da sociedade com a comunicação entre acadêmicos e não-acadêmicos tornando-se ainda mais difícil; a preferência pelo inglês em detrimento das outras línguas européias parece incompatível com a idéia de uma Europa multilíngüe.

Ainda no domínio das ciências Tsuda nos oferece um exemplo prático do que ocorre num congresso científico, onde falantes não-nativos estão em clara desvantagem com falantes nativos. Estes podem utilizar, propositadamente, táticas como o uso de expressões idiomáticas e jargões, aceleração na velocidade da locução e uso de locuções gramaticalmente complexas

para tirar vantagem da baixa proficiência dos interlocutores e ampliar seu poder, estabelecendo relações desiguais e assimétricas.

Pela perspectiva de que língua são pessoas e desigualdade entre línguas significa desigualdade entre pessoas, Tsuda advoga o direito à língua através daquilo que nomeia Ecologia do Paradigma Lingüístico, baseado nas posições teóricas da Perspectiva dos Direitos Humanos. Visando igualdade na comunicação o paradigma propõe o uso da língua local nas conferências internacionais, com o uso extensivo de tradutores e intérpretes, além do uso de uma terceira língua neutra por falantes de línguas diferentes, visando simetria lingüística para uma situação ideal de discurso.

Um último ponto para mencionarmos seria o domínio do inglês na mídia eletrônica, tanto para as publicações científicas quanto para os intercâmbios informais da rede. Chartier (2000) pondera que *a imposição de uma língua única e do modelo cultural que traz consigo pode conduzir à destruição mutiladora das diversidades*. Do ponto de vista das trocas informais, ou seja, do contato com o que ele chama de "língua artificial"²⁰, sequer possibilita uma melhora do conhecimento da língua inglesa, pois este inglês é uma espécie de língua com léxico reduzido, gramática simplificada, com muitos neologismos e abreviaturas.

No entanto, devemos enfatizar a diminuição da distância entre a comunidade anglófona e as outras no mundo eletrônico. Dos 680 milhões de endereços eletrônicos localizados no mundo, temos hoje, de acordo com dados da Global Reach²¹ de setembro 2003 a seguinte distribuição: 35,6% da população on-line mora em países de língua inglesa, contra 12,2% para a língua chinesa, 9,5% para o japonês, 8% para o espanhol, 7% para o alemão, 4% para o

²⁰ David Crystal apresenta um estudo das peculiaridades da escrita da internet no livro *Language and the Internet*, Cambridge University Press, 2002.

coreano, 3,7% para o francês, 3,3% para o italiano, e 2,6% para o português, 2,5% para o russo.

De acordo com Crystal (2002:218), o crescimento de pessoas com acesso à internet em países não anglófonos cresceu de 7 para 136 milhões entre 1995 e 2000. Embora não se tenha uma estimativa geral, calcula-se que em meados dos anos noventa 80% das páginas eram em inglês, e a previsão da Alta Vista para 2002 era de que essa percentagem baixasse para 50%. Em 1998 o número total de novos sítios em outras línguas criados na rede foi maior do que os novos sítios criados em língua inglesa. Na previsão de Crystal atualmente um quarto das línguas do mundo já marcam algum tipo de presença na Internet, no entanto, Ned Thomas (apud Crystal, id.:221) nos alerta que, muito embora as línguas tendam a se multiplicar pelas demandas de sítios multilíngües, mecanismos de tradução e sistemas multilíngües de reconhecimento de voz, a presença de línguas minoritárias na rede não está garantida porque o desenvolvimento de tais sistemas depende da análise da viabilidade, que varia de acordo com a representatividade das línguas. No Brasil, embora a presença da língua portuguesa só tenda a ser favorecida, não podemos ignorar as marcas internas da exclusão, conforme demonstrado anteriormente.

Lévy-Leblond saúda com otimismo o progresso da tradução eletrônica como uma possibilidade de mudança a médio prazo dos problemas lingüísticos nas ciências. Para ele as sutilezas e os jogos lingüísticos, que parecem definitivamente fora da capacidade da informática, também estão fora da comunicação da maioria dos locutores científicos no uso do inglês como língua comum, por sua fraca competência lingüística.

²¹ Publicados no sítio <http://global-reach.biz/globstats/index.php3>

Na Europa (conforme ASSIM Study) o mercado do setor de tradução e interpretação representava 3,75 bilhões de EUR em 1997, cuja receita correspondia a uma média de 10 EUR per capita e 0,52% do PIB, empregando 82.000. O inglês tanto é a língua fonte como a língua alvo predominante. Aproximadamente 50.000 estudantes escolhem uma formação de nível superior que conduzam a uma atividade profissional no campo da tradução ou campos multilíngues, em mais de 150 instituições reconhecidas, onde trinta e cinco línguas diferentes são ensinadas.

Considerando-se a importância deste mercado, mereceria um estudo aprofundado no país, principalmente para avaliar o quanto tem tido desperdiçado em termos de oportunidades como é o caso de muitos produtos culturais (vídeos, filmes e DVDs) que já chegam ao mercado traduzidos, muitas vezes por uma mão-de-obra que teve que imigrar do país para ter melhores condições de vida.

De acordo com Lévy-Leblond a política de línguas na ciência precisa contemplar a formação cultural e literária dos pesquisadores, o encorajamento à sua expressão pública, o apoio às revistas nacionais de informação e de cultura científicas e o desenvolvimento de uma política de traduções mútuas. Ele propõe um retorno a um movimento para o desenvolvimento voluntarista do plurilingüismo científico, mesmo que seja um plurilinguismo de escuta, ou passivo, que é aquele que Eco (2001:420) define como de um poliglotismo onde as pessoas, mesmo sem falar fluentemente muitas línguas, se dessem ao trabalho de tentar compreender o outro, mesmo com dificuldade, captando *o espírito, o perfume e o ambiente de uma fala diferente*. Em caso de línguas próximas, os cientistas poderiam manter suas próprias línguas nos seus contatos.

Dentre as tentativas de reduzir as desvantagens lingüísticas encontram-se as políticas de difusão lingüística como as da França e Alemanha (que gasta aproximadamente US\$ 1,5 bilhões por ano) na forma de: financiamento de cursos de língua para estudantes e professores estudarem ou pesquisarem nas universidades do país; disponibilização de materiais de ensino de segunda língua e a manutenção de institutos culturais como o Goethe e a Aliança Francesa, embora, conforme Ammon (b)²², ainda não haja estudos que comprovem seus resultados. Todavia, o autor considera mais realista que as outras comunidades lingüísticas planejem como lidar com o domínio do inglês do que tentar aboli-lo²³.

Acreditamos que acordos internacionais entre o Brasil e os países interessados na difusão de suas línguas só poderia trazer benefícios, alavancando o ensino do português como língua estrangeira, porque línguas bem difundidas abrem um grande mercado interno, principalmente para a comercialização de produtos culturais, têm utilização transnacional extensa na política, economia, ciência, cultura, mídia e turismo; exercem grande atratividade como língua estrangeira, favorecendo a indústria de línguas estrangeiras; reduz a dependência de tradução e os falantes estrangeiros criam laços mais fortes com a comunidade lingüística (Ammon, b). Ammon nos lembra ainda que no mercado da segundas línguas, todas elas são de certa forma concorrentes, porque se considerarmos o longo período de aprendizado necessário para que se domine uma conferência em linguagem científica, fica clara que nossa

²² Artigo divulgado na Internet, sem ano de publicação.

²³ Numa solução mais utópica Ammon (2001:356-7) propõe o International English – uma variedade ou conjunto de variedades do inglês para o qual não apenas os países anglófonos definiriam as normas. Cada país seria responsável por suas normas, de modo que um país não pudesse intervir na variedade do inglês além de suas fronteiras. Para tal fim deveria ser criada uma instituição supranacional para a definição de algumas normas, que, embora pudessem variar para diferentes comunidades lingüísticas, não fossem por demais divergentes.

capacidade individual de aprendizado de língua é limitada, ou seja, não podemos aprender línguas sem parar.

De modo geral os teóricos estudados consideram que os problemas da dominância lingüística da língua inglesa são passíveis de serem amenizados pela mesma perspectiva que delineia a atual política lingüística da União Européia, que, ao primar pelo multiculturalismo, privilegia o multilingüismo, ou seja, promove esforços no sentido de defender as línguas do continente europeu, principalmente as das minorias.

O plano de ação da Comissão das Comunidades Européias para o biênio 2004-2006²⁴, partindo do pressuposto de que apenas o inglês não é suficiente, prevê o fomento do aprendizado de pelo menos duas línguas francas pelos cidadãos europeus, além de suas línguas maternas, sendo que tal aprendizado deve ser iniciado o mais cedo possível. Enfatiza a necessidade de apoio aos programas que promovam o contato entre estudantes e professores do maior número possível de línguas, além da prioridade do apoio às comunidades com línguas regionais e minoritárias. Programas como o Sócrates e o Leonardo da Vinci são as vias principais para o cumprimento das metas propostas, cujas expectativas de aquisição do idioma não prevêem fluência “nativa”, mas níveis apropriados de leitura, escrita, compreensão e expressão oral associados às competências interculturais.

Da vasta argüição que sustenta a importância do pluralismo lingüístico apresentamos para a conclusão desta reflexão os argumentos de Dascal, subdivididos nas categorias: ética, ontológica, epistemológica e cognitiva.

²⁴ Documento disponível no sítio http://europa.eu.int/comm/education/doc/official/keydoc/actlang/act_lang_en.pdf

A condição ética para a comunicação interlingüística e cultural é a valorização do Outro, aceitando as diferenças como legítimas e afastando comparações tendenciosas tais como línguas "primitivas", seres humanos "inferiores", etc.

O argumento ontológico refere-se à dependência do indivíduo das relações sociais, de forma que *não há um "eu" sem um "tu" e não há um "nós" sem um "vocês"*.

O argumento epistemológico enfatiza a importância da comunicação interlingüística para veiculação de teorias científicas alternativas, da crítica, das controvérsias, que fomentam o conhecimento e o progresso intelectual.

Por fim, o argumento cognitivo reconhece no bilingüismo um forte aliado da inovação e criatividade, pois possibilita a constante alteração de perspectivas. *Ver as coisas de um outro ponto de vista enriquece a cognição.*

Acreditamos que este conjunto teórico composto pelas dinâmicas das línguas vernáculas e veiculares na história, com a apresentação das questões sócio-políticas das línguas veiculares, que são aquelas normalmente eleitas como língua segunda, fornece os fundamentos para a interpretação das escolhas lingüísticas, que se dão no cruzamento de condições concretas e das abstrações culturais. As condições concretas seriam principalmente as viabilizadas pelo sistema de ensino, cujas políticas representam sempre respostas históricas para uma acomodação aos requisitos sócio-políticos de um contexto mundial. A sensibilidade e percepção individual para esta escolha não pode ser outra além de uma resposta também histórica, aos discursos que vão compondo o discernimento do sujeito do que seja importante, do que seja útil, do que seja belo, do que seja valorizado. Esta sensibilidade é moldada na interação deste indivíduo com

muitas comunidades diferentes, e as vozes que aos seus ouvidos fizerem eco, serão aquelas que ele contiguamente fará ecoar.

CAPÍTULO III - SOBRE OS DADOS

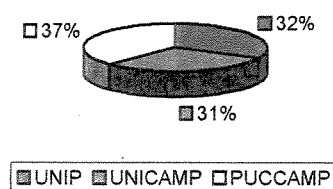
3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Esta análise refere-se aos dados coletados de questionário composto por 19 questões semi-abertas em sua maioria (ver anexo).

Procedeu-se à coleta destes dados de meados de outubro a novembro de 2002, envolvendo alunos de Letras da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Universidade Paulista – UNIP, campus de Campinas e Pontífica Universidade Católica de Campinas - PUCC, de todos os anos. Apenas alunos do curso de Letras – português da PUCC não foram considerados, por terem uma carga horária em língua estrangeira irrisória.

Os questionários foram respondidos por 127 alunos da UNIP, 122 da UNICAMP e por 147 alunos da PUCC, totalizando 396 informantes.

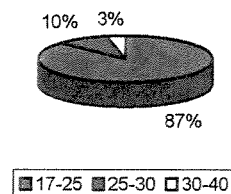
Proporção de Alunos / Universidade



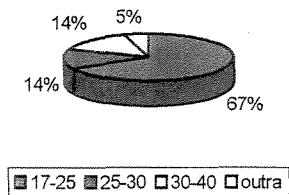
Todos os respondentes declararam ser o português sua língua materna.

De acordo com a distribuição etária, os alunos da UNICAMP são os mais jovens (87%), e o maior percentual de alunos acima de 40 anos estuda na PUC (5%).

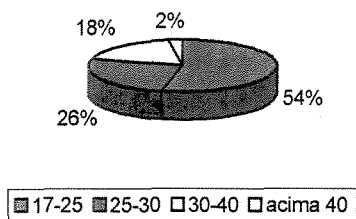
IDADE SUJEITOS UNICAMP



IDADE SUJEITOS PUC



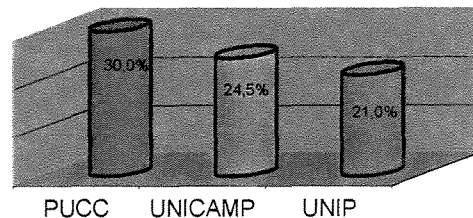
IDADE SUJEITOS UNIP



Dos 396 respondentes, 102 já aprenderam língua estrangeira no exterior, morando ou fazendo cursos, o que representa 26% do total, embora nas entrevistas tenhamos constatado que este percentual possa ser menor, devido a possíveis interpretações da questão²⁵.

²⁵ Embora a questão fosse bastante clara quanto a cursos de LE feitos no exterior (questão 5 do questionário anexo) constatamos durante as entrevistas que 2 sujeitos haviam

Proporção de alunos que estudaram LE no exterior

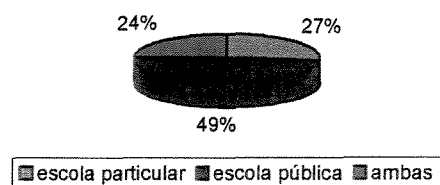


77% dos sujeitos que já estiveram no exterior têm idade entre 17 e 25 anos, de forma que podemos deduzir que as gerações mais jovens têm tido muito mais oportunidade de viajar que as anteriores.

A língua estrangeira mais procurada foi o inglês (89%).

Perguntados sobre o tipo de escola freqüentada no ensino médio e fundamental, obtivemos o que segue:

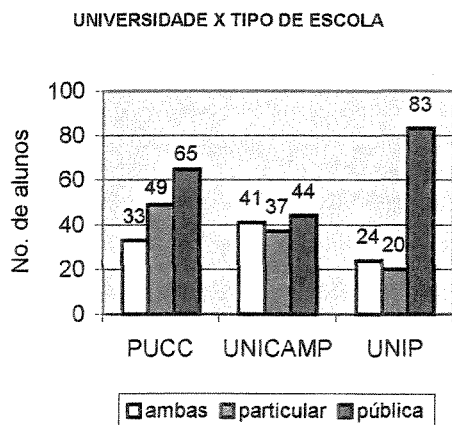
TIPO DE ESCOLA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO



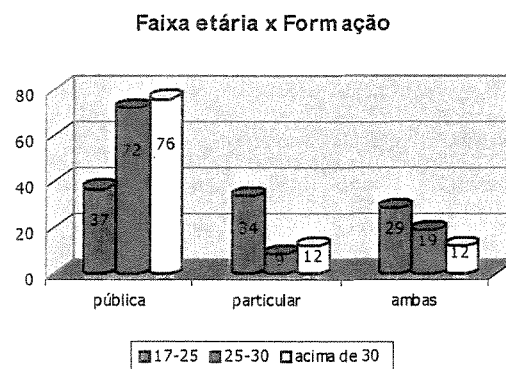
respondido afirmativamente, porém pensando no futuro, sem atentar que a questão referia-se ao seu passado.

A escola pública é responsável por quase 50% da formação do total dos alunos que tiveram acesso ao ensino superior.

A maior porcentagem de alunos da escola pública estuda na UNIP e a menor na UNICAMP. Na PUCC aproximadamente 50% dos alunos vêm da escola pública. No entanto, se somarmos a participação da escola pública na formação dos respondentes (soma de estudantes de escolas públicas e particulares), teremos 73% assim distribuídos: 89% de participação na formação dos alunos da PUCC, 70% na UNICAMP e 84% na UNIP.



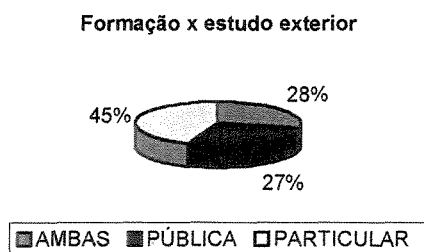
Apesar de inferior à das universidades particulares, é ainda muito importante a participação da escola pública na formação de 36% de alunos da UNICAMP, se tomarmos o número de respondentes como representativo.



De acordo com o gráfico acima fica evidenciado que os alunos que estudaram em escola pública têm mais de 25 anos. Isto poderia estar atrelado tanto à qualidade decrescente da escola pública na formação de futuros profissionais quanto à

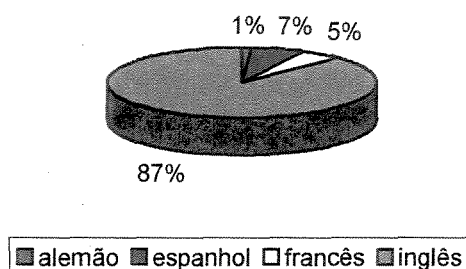
condição financeira do alunado da escola pública, que hoje não lhes permite ter acesso ao terceiro grau quando mais jovens.

É alta a porcentagem de alunos da escola particular que puderam desfrutar de cursos no exterior, relacionada à condição financeira de quem pode pagar escola durante todo o período de escolaridade.



Dos sujeitos que estudaram outra língua estrangeira durante o ensino fundamental e médio além do inglês, observa-se o que segue:

LE NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO



Podemos observar acima, que a língua espanhola vem substituindo a língua francesa como segunda língua estrangeira no ensino fundamental e médio.

De acordo com pesquisa realizada por telefone entre 07 e 09 de abril de 2003, utilizando os números disponíveis no Guia da Cidade 2002 (Listel), Encontre e Compre Campinas 2003 (Listel), Guia de Informações Comerciais, Lista Telefônica de Informações Comerciais 140 2002-2003 (Listel), sítios da Internet www.paginasamarelas.com e listel.com.br fizemos o seguinte levantamento de disponibilidade lingüística nos cursos

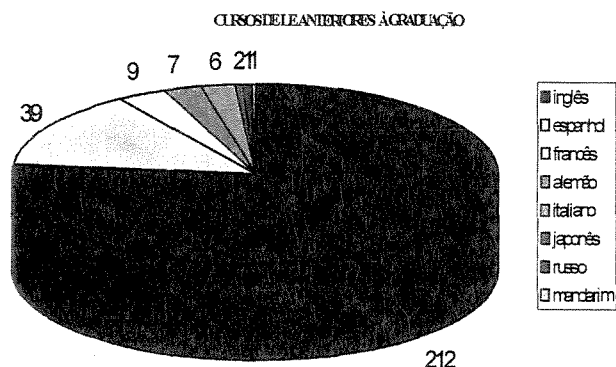
particulares de língua da cidade de Campinas:

língua	no. unidades ensino
inglês	120
espanhol	88
francês	46
português p/ estrangeiros	55
alemão	37
italiano	33
japonês	8
chinês	1
árabe	1
holandês	1
russo	1

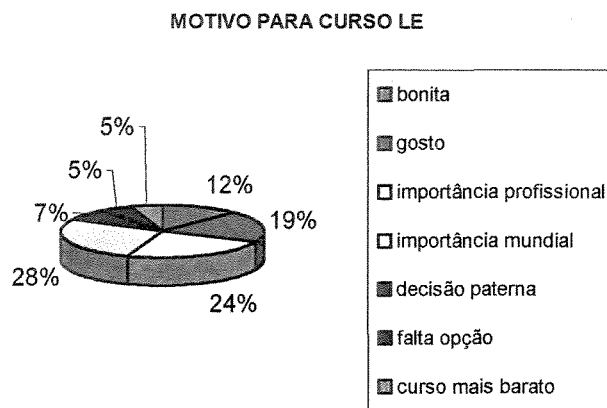
Não foram considerados os números telefônicos nos quais constavam problemas técnicos, e muitos dos que não atenderam após 3 tentativas em diferentes horários. Podemos observar que a língua inglesa é a mais ofertada, seguida da língua espanhola, que vem sendo muito valorizada após o início das discussões da criação do Mercosul.

As línguas mais raras normalmente não são oferecidas em turmas regulares, dependendo da demanda a cada semestre.

Outras línguas, embora não mencionadas, podem, de acordo com as escolas consultadas, ser oferecidas sempre que haja interessados.

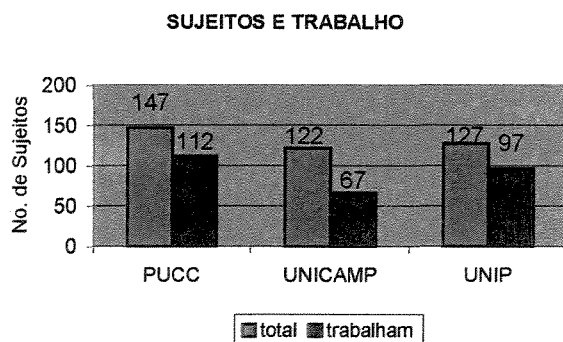


62% dos sujeitos questionados informaram que já estudaram em cursos particulares de idioma, elegendo os seguintes motivos apresentados como os mais representativos de seu interesse pela língua:

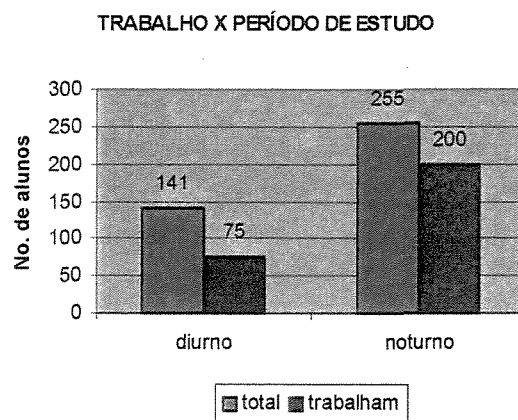


Dos alunos que estudaram exclusivamente em escola particular 69% fizeram cursos particulares de línguas e da escola pública, 52%.

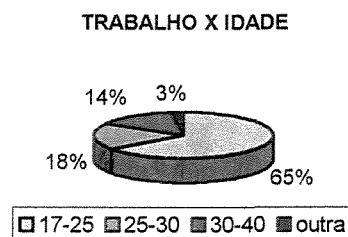
A porcentagem de alunos que trabalha é de 70% e de acordo com a distribuição por universidade, 76% dos sujeitos da PUCC, 76% dos sujeitos da UNIP e 55% dos sujeitos da UNICAMP trabalham.



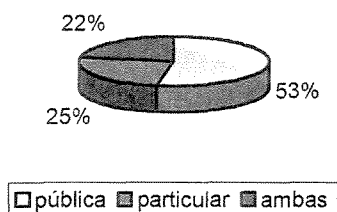
É interessante observar que muitos sujeitos do período diurno também trabalham, embora a maioria dos trabalhadores estude no período noturno.



A maioria dos sujeitos trabalhadores está na faixa etária dos 17-25 anos (65%) e estudou na escola pública (53%).



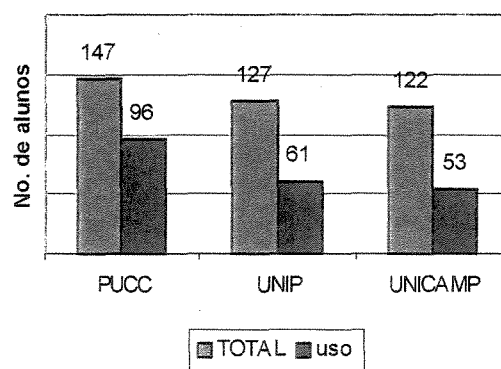
TRABALHO X TIPO DE FORMAÇÃO



Quanto ao uso de língua estrangeira 161 sujeitos (40%) fazem dela uso privado e 157 (39%) fazem uso dela no trabalho, devendo-se incluir aí as atividades que envolvem o trabalho acadêmico, portanto não necessariamente trabalho remunerado. Em geral 57% dos sujeitos já fazem algum tipo de uso de língua estrangeira. Os alunos da PUCC são os que proporcionalmente mais fazem uso de língua estrangeira e os alunos da UNICAMP são os que menos uso fazem dela. Incluída a bibliografia dos cursos, isto significa que

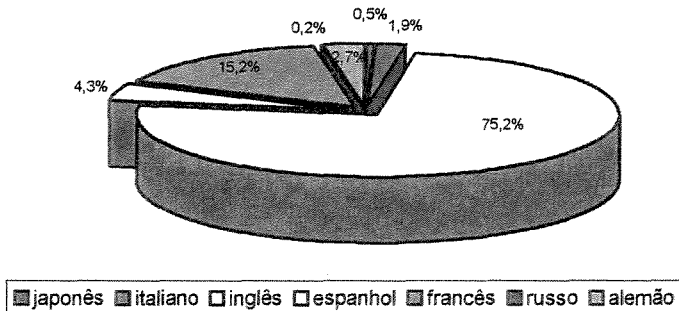
há pouco uso de bibliografia estrangeira nos cursos de graduação. Segue gráfico.

USO LE POR UNIVERSIDADE

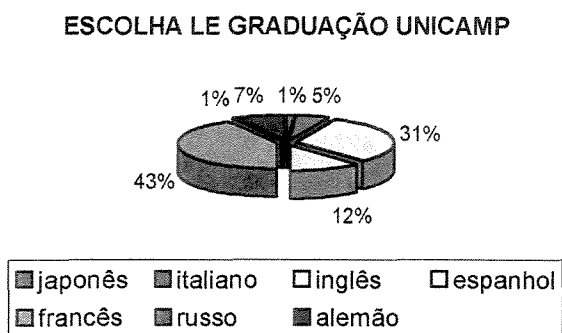


Estas são as línguas estudadas durante a graduação (incluídas as LEs estudadas em cursos privados:

LE DA GRADUAÇÃO



É preciso considerar que das três universidades, apenas a UNICAMP oferece outras opções de línguas estrangeiras além do inglês. A distribuição da preferência na UNICAMP é a seguinte:



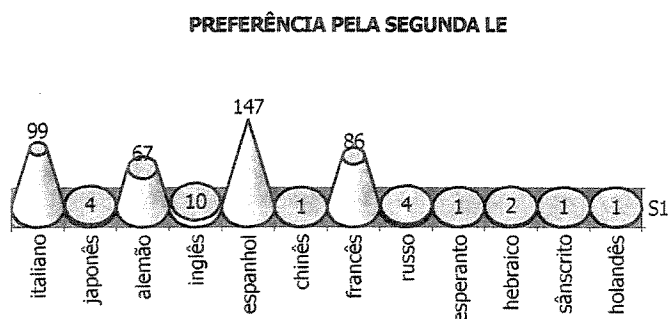
À primeira vista poderíamos ser tentados a supervalorizar a variação da escolha lingüística destes sujeitos, devido à maior opção, ou mesmo tendo em vista que não há pressão profissional por estes alunos (que não serão habilitados como professores de língua estrangeira, portanto, não estarão suscetíveis ao mercado de trabalho), desfaz-se a pressão pela escolha

da língua inglesa, que é suplantada pelo francês em termos de preferência.

No entanto, as entrevistas não confirmam tal hipótese, pois os sujeitos declararam com certa recorrência que escolheram outra língua para aproveitar os créditos, uma vez que já tinham boa proficiência em língua inglesa, sem a qual, não teria tido boa classificação no vestibular. Muitos sujeitos estudam duas línguas estrangeiras (21) ou três (6).

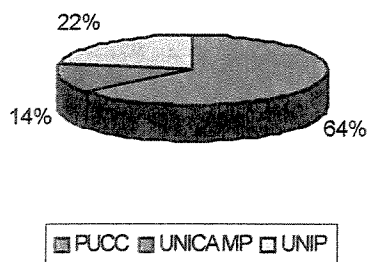
13 sujeitos trocaram a língua estrangeira que estudavam durante a graduação por outra e curiosamente 8 deles deixaram de estudar o inglês para passar a estudar outras línguas latinas e o mesmo aconteceu com dois sujeitos que estudavam alemão e passaram a estudar línguas latinas, o que poderíamos associar a certa identificação com línguas mais próximas.

A grande maioria dos sujeitos declarou a seguinte preferência pela segunda língua estrangeira que gostariam de estudar:



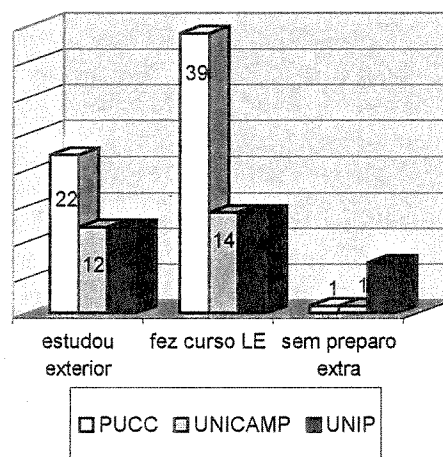
Dos alunos que já ensinam língua estrangeira 64% são da PUCC, 22% são da UNIP e 14% da UNICAMP, demonstrando uma forte tendência da PUCC em liderar a formação de profissionais voltados ao magistério de LE.

ENSINO LE POR UNIVERSIDADE



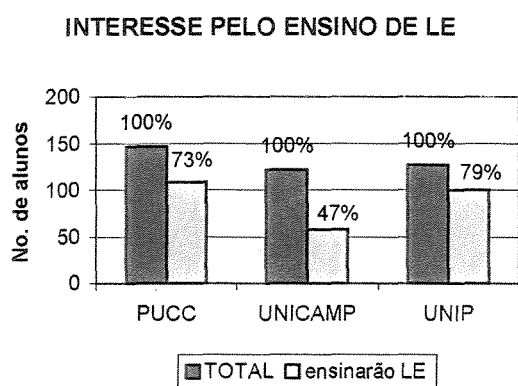
Dentre os sujeitos que já ensinam língua estrangeira, apenas 9 deles declararam que não fizeram curso particular de língua, nem estudaram no exterior. O gráfico seguinte informa os componentes da formação destes sujeitos.

FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE LE

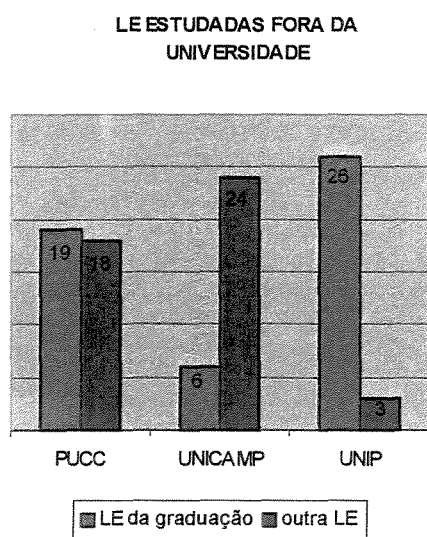


É interessante observar a alta porcentagem de alunos da UNICAMP (47,5%) que gostariam de ser professor de LE, embora não sejam habilitados para sê-lo. Talvez seja a hora da universidade rever o seu papel e fazer uma pesquisa

séria das reais necessidades de seus alunos e das possibilidades de complementação curricular para oferecer-lhes a formação desejada.



Muitos respondentes fazem curso particular de língua estrangeira, que tanto pode ser a mesma língua cursada na graduação, ou até mais de uma.



Seria importante ressaltar aqui o grande número de alunos que fazem curso particular de língua estrangeira, apesar de estarem cursando tal língua na universidade. Este indício deve ser pesquisado para compreender se a causa poderia estar relacionada à qualidade. As entrevistas posteriormente comprovam que a universidade parece estar deixando de ser vista como competente para o ensino de língua estrangeira. Os cursos particulares, por outro lado, passam a deter este "status" de verdadeiros especialistas em ensino de línguas.

No que se refere ao processo da escolha lingüística, na PUC a motivação estética foi citada por 44% dos alunos. 59% gostam da língua e da cultura do povo da língua alvo; 81% dos alunos consideram o inglês uma língua importante para seu futuro profissional, o que está bem comprovado de acordo com sua atuação no

ensino de língua. 72% dos alunos consideram a língua estudada muito importante para o mundo contemporâneo. 25% deles alegam não terem tido outra opção de escolha, o que consideramos um alto percentual. 12% dos alunos tem uma relação afetiva com a língua, relacionada aos seus antepassados.

Na UNICAMP a motivação estética foi mencionada por 30% dos alunos. 57% gostam da língua e da cultura do povo da língua alvo; 67% dos alunos consideram o inglês uma língua importante para seu futuro profissional, e isto mesmo sabendo que não terão habilitação para atuar no ensino de língua estrangeira. 45% dos alunos consideram a língua estudada muito importante para o mundo contemporâneo, que foi o percentual mais baixo neste quesito, se comparado às outras universidades, ressaltando que a importância da língua é fixada mais em

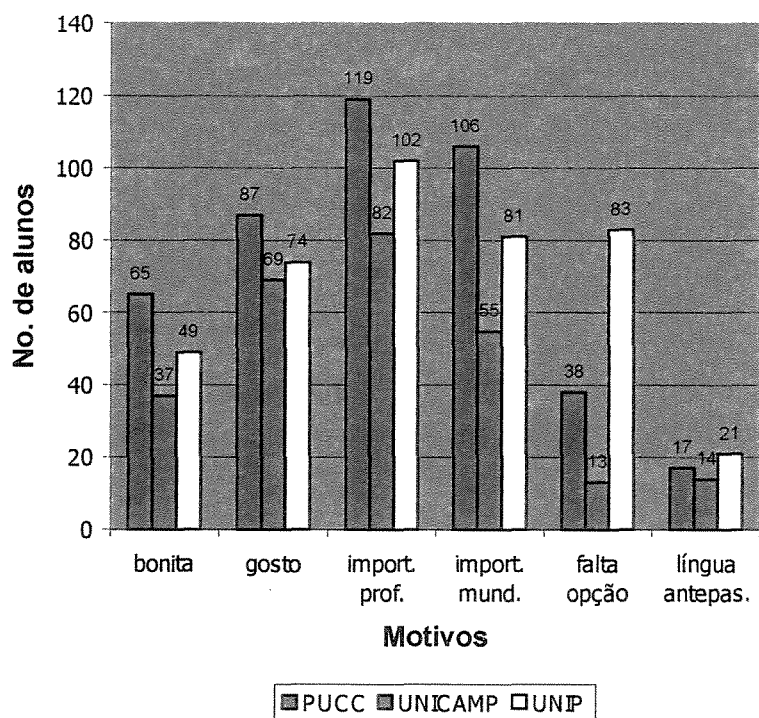
termos individualizantes do que socializantes. 11% deles alegam não terem tido outra opção de escolha, o que consideramos um alto percentual, se analisarmos o grande de número de línguas disponibilizadas pela universidade. Este percentual provavelmente deve estar associado com a falta de vagas para cursos de determinadas línguas. 12% dos alunos tem uma relação afetiva com a língua, relacionada aos seus antepassados.

Na UNIP a motivação estética é importante para 39% dos alunos. 58% gostam da língua e da cultura do povo da língua alvo; 80% dos alunos consideram o inglês uma língua importante para seu futuro profissional, o que está bem comprovado de acordo com sua intenção de atuar no ensino de língua. 64% dos alunos consideram a língua estudada muito importante para o mundo contemporâneo. 35% deles alegam não terem tido outra

opção de escolha, constituindo o percentual mais elevado neste quesito, indicando uma grande carência de opção. 17% dos alunos tem uma relação afetiva com a língua, relacionada aos seus antepassados, porém

também pode ter havido má interpretação da questão, por considerarmos todos estes percentuais muito altos.

MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO DA LE



3.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A paixão de se dizer é o narcisismo elementar de quem se ouve falar e coloca nas suas próprias produções um prazer similar ao simples cuidado de si, o apego à língua possui toda a importância de uma função reguladora. É uma condição de estabilidade, social e psicológica. O desejo de se dizer habita todo aquele que diz. Claude Hagège

As entrevistas pela Internet, com troca de mensagem em tempo real, foram feitas entre 13 de março a 25 de abril de 2003. Os entrevistados foram contactados por mensagem eletrônica, encaminhada para seus endereços eletrônicos, que haviam sido informados no questionário, conforme a disposição do respondente.

A primeira mensagem com a identificação do remetente e assunto, solicitando a entrevista, foi encaminhada a 36 sujeitos da UNIP, 39 sujeitos da UNICAMP e 37 sujeitos da PUCC. Dos 22 sujeitos que responderam afirmativamente e que dispunham de equipamento e software para as entrevistas, 16 foram efetivamente entrevistados. Muitos outros se disponibilizaram, mas não dispunham de computador pessoal no qual pudessem instalar os serviços do Messenger ou ICQ, que são canais de rede (IRC – *Internet Relay Chat*) que possibilitam a troca de mensagens eletrônicas em tempo real. Seis sujeitos entrevistados não

particulares, afinal seu capital é apátrida, isto é uma demonstração muito positiva do envolvimento do sujeito com a língua que está estudando e sua conseqüente valorização. Exemplifica também a tendência citada anteriormente de que a partir da aquisição de uma nova língua, seus textos e cultura passam a integrar o universo destes indivíduos. Da mesma forma como um indivíduo que estuda o mandarim passa a valorizá-lo, mesmo que os produtos que possa comprar da China venham com as etiquetas em inglês, ele vai se interessar pelos filmes, livros chineses e quando produzir um texto acadêmico futuramente, provavelmente incluirá os autores a que teve acesso nesta língua.

Na língua inglesa as linguagens mais valorizadas são: música popular, cinema e literatura. Nas demais línguas predomina a literatura (poesia, textos clássicos e contos) e o cinema.

Levando-se em conta a questão utilitária da língua, os textos técnicos e a Internet foram muito pouco mencionados, o que poderia indicar que o imaginário dos sujeitos opera com um vínculo língua – cultura erudita, que na verdade desapareceu com a filologia clássica. Foram citados autores clássicos como Shakespeare, além da *poesia*, mencionada repetidas vezes (7), quando bem sabemos que as metodologias de ensino pouco enfatizam o uso destas amostras de linguagem. Talvez devêssemos investigar se há uma demanda acadêmica real pelo ensino de línguas através da cultura clássica, ou se é premente que se revejam os argumentos da universidade que sustentam o ensino de línguas, que parece totalmente discrepante das demandas do mundo do trabalho, seja no setor industrial, ou mesmo no de serviços.

A maioria dos entrevistados pretende lecionar língua estrangeira e pensa combinar esta atividade com traduções. Muitos não se decidiram entre a escola e a indústria. A maioria dos

que já falam bem a língua inglesa já estão no mercado de trabalho lecionando, fazendo traduções e interpretações e declaram-se financeiramente independentes. Não há sujeitos proficientes em outras línguas.

Gostaríamos de retomar aqui a alta porcentagem de alunos da Unicamp que pretende ser professor de língua estrangeira, enfatizando a necessidade de uma revisão das possibilidades de formação da instituição.

O engajamento no aprendizado de línguas é bastante motivado por aquilo que se tem a aprender com a língua estrangeira: *acho importante usá-la para se comunicar, ensinar e informar, mas também existe a possibilidade de aprender a história, origem, etc., da língua; sinto mais ansiedade com relação ao que tenho de aprender; o interesse é o que eu posso me informar com ela.* Uma atitude mais ativa se referiria ao uso na comunicação e no trabalho docente: *acho que sinto mais vontade de aprender, mas a possibilidade de troca de informações seria muito interessante também; para se comunicar sem bloqueios; apesar de ter uma certa ansiedade em aprender tais línguas, espero, sem dúvida, poder ensinar muita coisa com essas línguas.* Os sujeitos que mencionam situações de troca na comunicação demonstram alto índice de uso da língua em defesa de seu país e cultura ou até mesmo um sentimento de inferioridade, demonstrando que de alguma forma não se sentem no mesmo patamar de outros povos: *acho a troca interessante, mas sempre temos mais o interesse de aprender (mesmo porque, nem sempre as pessoas querem saber sobre nós e nossa cultura - claro, não generalizando); toda hora estou "defendendo" idéias opostas a essas barbáries. já consegui fazer a cabeça de alguns gringos; [comunicar] que a gente não é só carnaval mas também não é só pobreza. Que nossa cultura é diferente e isso não significa que não temos*

educação (aqui dizem que não temos educação porque não brindamos olhando nos olhos...) Que temos muitos problemas principalmente com crianças mas apesar de tudo temos muita esperança.

O que nos parece claro por seus anseios, é que a nossa posição de sujeitos de uma nação periférica, nos impõe lutas mais árduas para a participação no diálogo global. A primeira é a da visibilidade: dizer quem somos, mostrarmo-nos competentes (ou super-competentes) para a interlocução. Em seguida, a luta da auto-defesa, da auto-preservação, ou seja, o discurso das presas frente aos predadores, a luta para “sermos”.

Por outro lado, o desejo da “posse” da língua do outro, esse desejo de se comunicar, é uma característica positiva de quem tem o que dizer, embora poucos sujeitos tenham expressado isto com clareza.

Perguntados sobre a importância da língua portuguesa no mundo, os entrevistados referiram-se de modo geral a uma situação de pouca importância mundial: *a língua portuguesa é conhecida em poucos países; o fato de o português não ser devidamente valorizado não tem a ver com a língua portuguesa, mas com o Brasil.*

Por um lado muitos sujeitos concordam com a importância de maior divulgação da língua: *porque só nós é que devemos aprender a história de outros países? Porque os mesmos não podem conhecer a nossa história?; acho muito importante [a divulgação português no mundo]; não sei se no mundo todo [é importante], mas aonde é falado eu acho que é, além do que a nossa língua é linda e riquíssima; não acho que seja de importância mundial, até deveria ser, pois há muitos profissionais brasileiros lá fora, que são importantes.; acho que sim [é importante no mundo], hoje no mundo são muitos os países que falam o português, durante as*

grandes navegações os Portugueses conseguiram conquistar muitas nações, deveria ser [mais divulgado]; acho que sim [ser mais divulgado], porque se todo mundo se interessa pelo Espanhol, deveriam também ter acesso ao Português, que é falado em vários países de grande poder turístico.

Por outro lado, não vêem possibilidade disso vir a acontecer: acho que ele tem a divulgação que merece: nossos autores fazem o que podem e acho que o português não nasceu pra ser business language, acho uma língua difícil para aprender e a nossa literatura, em geral, não compensa o sacrifício, é melhor ler a tradução.; não acho nossa língua bem divulgada, mas como poderia ser mais? Não consigo enxergar isso... Eu gostaria que fosse, mas não sei se existe esta possibilidade; acho que o termo "valorizado" não é correto, se empregarmos na mesma frase o sentido mundial. cada língua tem seu valor e este só se justifica dentro de um país, é o que, a princípio, une um povo. poderíamos dizer que o português não seja utilizado, por exemplo, em questões relevantes internacionais e até tratados, porém não se questiona o valor de uma língua assim.; não sei... sinceramente não sei; acho que se soubessem que no Brasil falamos português e não espanhol já estava de bom tamanho... Gostaria de ter mais autores de língua portuguesa traduzidos para outras línguas sim.

É importante observar que ao mesmo tempo em que parece haver um reconhecimento da pouca relevância da língua portuguesa em termos mundiais e de que parece não haver muitas alternativas para aumentar esta demanda devido à situação política e econômica de pouco destaque mundial, muitos sujeitos já haviam pensado na possibilidade de ensinar português para estrangeiros, alguns influenciados por disciplinas específicas da graduação que

tratam do assunto. Muitos dos que não haviam pensado, reagiram positivamente à possibilidade (*hipótese interessante, não havia pensado; nunca pensei, mas acho uma idéia interessante*). Há um reconhecimento de que *as oportunidades de mercado estão se abrindo; é um campo em franca expansão devido a abertura de mercado estrangeiro*.

Pensamos que é tempo das universidades promoverem uma reflexão sobre o assunto, com uma atitude mais positiva quanto às possibilidades da alteração da realidade, quanto as chances de intervenção histórica. Não é possível ignorar o papel mundial que o Brasil terá num futuro não muito distante por suas reservas hídricas, minerais, por sua capacidade de geração de energia limpa, por sua biodiversidade. Conforme Ianni (1998:158), no processo de globalização, o intercâmbio das culturas *é uma migração múltipla, contínua e reiterada por todos os cantos do mundo, tecendo o difícil e intrincado diálogo de modos de ser e imaginar; tecendo novos contrapontos de múltiplos singulares, de tal maneira que todos e cada um alcançam outras universalidades*. Não vemos por que não acreditar na nossa quota de participação mundial.

Dos textos e linguagens em língua portuguesa que deveriam ser mais divulgados os sujeitos destacaram os textos literários, textos de difusão da cultura brasileira, música, cinema, poesia, pesquisas acadêmicas. Com relação à nossa cultura, considera-se a música, o carnaval e as telenovelas bem divulgados.

Respondendo a questão referente à atitude de interação destes sujeitos com o mundo globalizado parece-nos que há uma evidência de que a escolha de um determinado idioma não divide os sujeitos em ativos ou passivos, pois ambas as características estão dispersas nos seus discursos, independentemente da língua que estudam. Julgamos, porém, que seria

interessante podermos aprofundar esta investigação, comparando o desejo de perfeição dos sujeitos fluentes em inglês com sujeitos fluentes em outras línguas.

LÍNGUA, VALORES E IDENTIFICAÇÃO CULTURAL

Pensando na linguagem como constitutiva da identidade, fizemos algumas perguntas quanto às afinidades culturais com os povos que falam as línguas que os sujeitos estudam ou estudaram.

Alguns aspectos chamaram nossa atenção. Sempre levando em consideração que a grande maioria dos entrevistados estuda ou estudou a língua inglesa, é interessante observar a forma como discriminam a cultura e identidade americana, quando perguntados sobre suas afinidades com esta cultura:

- *Acredito não ter muita afinidade com a cultura desse povo;*
- *Acho que devem ser mais parecidos com a gente... Talvez mais esnobes, não sei...*
- *Com a [cultura] anglo-americana não tenho muito contra, não, principalmente depois de ter amigos de lá.*
- *De resto, não me animo a conversar com americanos nem com ingleses. Acho que são muito pedantes.*
- *Não me identifico culturalmente com povos falantes de inglês. isso não quer dizer que não reconheça aspectos bons ou ruins, mas não há identificação.*
- *Da cultura, prefiro a tradição inglesa à cultura americana. E gosto mais da sonoridade do inglês britânico.*

- *Talvez com a cultura inglesa, mas com a americana não. Sei que na Inglaterra há uma grande preocupação de as crianças freqüentarem museus de arte natural... E isso é fascinante para mim. Gosto também da idiossincrasia cultural, fato que não é evidente nos EUA (filmes de Hollywood são uma massificação)*
- *Acho os americanos secos e mal educados, já os canadenses, digo isso, pois a maioria dos meus amigos aqui no ICQ estrangeiros são canadenses..*
- *Acho um povo [americano] muito mesquinho. Só pensam na bem -aventurança deles. Acham que são donos da verdade e do mundo. Não respeitam as culturas de outras, se impõem demais. Querem tirar proveito de tudo.*

Dos alunos que cursam ou cursaram língua inglesa na graduação, poucos se dizem interessados em conhecer ou estudar nos Estados Unidos, e quando o fazem, seria a título de concessão:

- *Tenho muita vontade de ir para a Austrália, mas também já pensei em ir para o Canadá ou mesmo para o próprio Estados Unidos (meu tio morava lá até o final do ano passado).*
- *Itália, França ou Inglaterra. Um dos três. Suíça, talvez.*
- *No momento não penso nisso, mas alguns anos atrás pensava em morar em Londres, minha prima morou lá durante dois anos e aprendeu muitas coisas, e por um bom tempo alimentei o desejo de ir para lá para melhorar meu inglês, mas minha mãe nunca gostou muito da idéia.*

- *Mas gostaria de ficar uns tempos nos Estados Unidos, para melhorar o inglês (mesmo não gostando, acho importante), mas não agora .*
- *Canada [país onde estudaria], amigos que já moraram lá, afirmaram que o povo que vive lá, é mais "solidário" com estrangeiros.*
- *Nos Estados Unidos [viveria] somente para melhorar meu inglês. evidentemente, uma escolha melhor seria, por exemplo, na Inglaterra... Dizem que o inglês americano é mais fácil.*
- *Acho que, apesar de ser muito parecido no Brasil, eu não iria gostar de morar nos EUA por exemplo. Antipatia gratuita... Acho, influenciada pela guerra. Não sei opinar quanto a morar na França...*

As reações ideológicas ao domínio econômico, tecnológico e cultural americano recaem na sociedade americana como um todo indistinto, um símbolo de opressão.

Os discursos contra-hegemônicos aparecem de muitas maneiras: na negação de qualquer afinidade com a cultura anglo-americana; na preferência pelo sotaque britânico; na negação do desejo de estudar nos Estados Unidos; na adjetivação que qualifica americanos como pedantes, esnobes e mal-educados. Em termos de aprendizado de uma língua, estas reações claramente xenófobas só representam perdas para o sujeito: que não entende que esta cultura não é monolítica, que o povo americano não tem um só pensamento, que na língua inglesa produz-se uma literatura riquíssima, que ela não personifica o mal que a hegemonia político-econômica causa, que a língua inglesa também é falada por tantos outros povos como canadenses, australianos, africanos; que rejeitar tudo o que temos a aprender com o povo

americano, que está tecnológica e democraticamente num processo tão avançado, é um retrocesso.

Voltando aos dados de pesquisa, observamos que apesar do estudo da língua francesa estar muito relacionado com a admiração da sua cultura, nada se conhece sobre este povo ou país:

- *Também não tenho um conhecimento muito profundo do povo francês, apesar de atualmente minha professora estar trazendo para a sala de aula textos, de certa forma, mais culturais (como as músicas, por exemplo).*
- *Não tenho muito conhecimento dos franceses, e por conhecer mais os falantes do inglês - já que estão muito mais na mídia que os franceses, me identifico mais com os falantes do inglês.*
- *Gosto da França, primeiro por ser lindo visualmente, e também por que valorizam muito a sua nacionalidade, mas é um povo muito frio.*
- *Não tenho muito conhecimento da cultura francesa. Só conheço os perfumes e comida. Acho que não sejam tão duros assim, até namorei um quando jovem.*

A propalada cultura francesa é para os nossos sujeitos apenas um mito sustentado pelas glórias do passado: ouvem falar, mas não sabem o que é. Nada se sabe dessa literatura, dessa cultura e desse povo, de forma que tudo que foi aventado, parece oriundo do senso comum.

Para abordar a relação da língua com outros valores, tentamos fazê-lo através do levantamento de estereótipos, perguntando como são as pessoas que falam as línguas que os sujeitos estudam, o que elas valorizam e pelo que se interessam. Isto deu margem a um certo grau de protesto por parte dos respondentes, por reconhecerem que os estereótipos não são

dados de suas experiências, mas de suas representações. Apesar disso, pudemos reconhecer algumas categorizações a partir das três línguas mais mencionadas. Para as demais os sujeitos praticamente não tinham contato com outros falantes ou estudiosos da língua.

- Inglês: as pessoas que falam ou estudam inglês estão mais preocupadas com a empregabilidade e compensação financeira do que com a cultura; o status da língua é importante, mesmo que não gostem dela; tiveram mais oportunidade de estudo; querem ir para o exterior para estudar ou morar fora e buscam ter contato ou conviver com nativos; as áreas de interesse são diversificadas.
- Francês: são mais interessadas na cultura, literatura do que em obter compensação financeira; acham a língua bonita; pela possibilidade de comunicação e oportunidades; a maioria é da área de humanas - são da história, da filosofia, Letras, música.
- Alemão: para trabalhar em empresas alemãs, com alta tecnologia, na área de engenharia; têm interesses acadêmicos, para melhorar o curriculum, ascensão profissional; prezam a cultura, o conhecimento; alguns têm ascendência alemã.

Ao falar de outros, os sujeitos fazem críticas mais severas quanto aos interesses mais utilitários por uma língua, ao mesmo tempo em que se excluem deste interesse. Apesar de predominar a visão utilitária no estudo da língua alemã, ela não transparece com carga negativa, como ocorre na língua inglesa, mostrando novamente o viés ideológico de juízo: *Todos querem aumentar sua empregabilidade e/ou obter compensação financeira por isso. Ninguém começa a fazer inglês porque pretende ler Sakespeare no original; Os interesses que*

*julgo que essas pessoas têm em comum são, fora do meio acadêmico, em geral, ligados ao trabalho, **de maneira capitalista**, e à cultura geral; **nem sempre** valorizam a cultura - talvez a cultura de massa, a cultura americana; Têm interesses de se ascenderem financeiramente; Tenho visto um interesse muito grande no conhecimento da língua **apenas**; é obrigatório, mesmo quem não gosta acaba fazendo anos a fio. Qualquer emprego pede inglês. Mas tem gente que gosta, se dedica à gramática, lê livros "de maior qualidade", não fica só no **oba-oba** de querer viajar pros States (grifos nossos).*

Nossa questão de pesquisa tentava identificar se a variação da escolha de uma língua por um estudante de Letras é também um reflexo de sua identificação com os valores e a cultura do povo onde a língua é falada. O que foi possível inferir é que por mais negativos os valores associados aos povos e usos da língua estudada, estes não chegam a interferir no processo de escolha de um idioma, de forma a não gerar uma possível rejeição ao engajamento no estudo de uma língua. Representações positivas tampouco parecem fomentar tal engajamento, se levarmos em conta que não havia sujeitos fluentes ou com conhecimentos avançados em outras línguas que não a língua inglesa.

O desconhecimento do Outro e sua cultura poderia estar associado ao fato de que a experiência de aquisição lingüística do sujeito está desvinculada do contato com estes povos e culturas, seja pela metodologia de seus cursos que não promove informação, reflexão, bibliografia suficiente, nem aproveita as possibilidades das tecnologias de informação, seja por questões ideológicas tão arraigadas que se constituem em barreiras para qualquer avanço.

LÍNGUAS E HEGEMONIA ECONÔMICO-POLÍTICA

Apropriar-se de uma língua estrangeira é [...] um ato quase físico e muito marcado afetivamente. É ingerir, incorporar (literalmente) um corpo estranho. O aprendizado de uma língua só ocorre se há uma simpatia por ela, para que se aceitem os longos anos de aprendizagem. É preciso que esta língua seja portadora de uma mensagem afetiva, funcional ou ideológica que se deseje fazer sua. Ninguém pode ser obrigado a aprender uma língua. Se existe uma "ocupação americana", ela não só é aceita como desejada por uma maioria de pessoas. Maryse Lafitte

Pensando no mundo globalizado, perguntamos a opinião dos respondentes sobre a importância de uma língua universal. A maioria dos sujeitos não reconhece esta importância. Outros relacionaram a expressão a uma língua artificial como o Esperanto: *é estranho impor uma língua do tipo do Esperanto; imposta? tipo esperanto? é difícil pegar; não – é tentativa inútil para ter aulas, para reverter várias décadas de uso do inglês – já é a língua universal, ninguém fala esperanto, por exemplo.* É interessante observar que a recusa da língua artificial se dá tanto pela associação que se faz dela com uma língua universal imposta, que é totalmente contrária à ideologia que gerou o processo de criação das línguas artificiais, conforme exposto anteriormente. Consideramos importante mencionar que a reação à terminologia que utilizamos na pergunta foi inesperada, principalmente a ausência de associação, por alguns sujeitos, da língua inglesa com a palavra "universal". É preciso

reconhecer que se talvez tivéssemos empregado o termo “língua internacional” as respostas teriam provavelmente sido diferentes. Também é recusada porque o inglês já cumpre este papel. Outros alegaram de imediato que esta língua universal já existe e que seria o inglês: *já existe por questões de domínio econômico e ideológico; mas o inglês também é imposto de qualquer forma, né?; ela já está eleita no momento: o inglês; mas o inglês quase que tem feito esse papel ultimamente; acho que não devia, mas em partes já ocupa [inglês como língua universal]*.

Os argumentos contra a língua universal incluem: domínio econômico e ideológico; alienação; nenhuma língua é melhor que outra; limitação do aprendizado de outras línguas e do conhecimento de outras culturas e países. A favor da língua universal estaria o argumento da facilitação da comunicação e relações internacionais.

Quanto à pergunta direta sobre a adequação da língua inglesa como língua franca, as reações variam da admissão, à concessão: *problemática – por causa da ideologia e dominação; já ocupa a posição de língua franca – só não foi instituído formalmente; hoje é fundamental saber (é normal para as empresas); cumpre o papel do mesmo jeito que qualquer outra que estivesse no lugar dela cumpriria; não sei bem se é franca, mas com certeza híbrida*. Um problema apontado foi: *ainda não é uma língua franca porque o acesso a ela não é tão facilitado* e os aspectos favoráveis mencionados foram: *é uma língua fácil de aprender, sem grandes complicações gramaticais, acredito que por esse motivo é bastante utilizada internacionalmente; [o inglês] – é considerado mundial; o inglês cumpre bem o papel de língua universal*.

Consideramos que todos os argumentos dos sujeitos refletem bem os argumentos teóricos apresentados, ou seja, de modo geral os sujeitos não estão alheios às vantagens e desvantagens de uma língua franca mundial, objeto de temor e desejo.

A maioria dos entrevistados não entende a língua inglesa como uma ameaça às outras línguas, nem como sendo nocivo em algum aspecto, cujas negativas foram acompanhadas dos seguintes comentários:

- *O inglês não ameaça as outras línguas. O que ameaça é a forma como ele é imposto. Isso implica em oferta de cursos. Consumimos o que nos é disponível. Isso quer dizer que sem oferta de outras línguas, como podemos ter acesso a elas?*
- *Não, acho que o inglês ameace ou tenha esse caráter nocivo. As línguas evoluem com o tempo e expressões lingüísticas são somadas por influências econômicas, culturais, etc. As línguas não serão perdidas por essa influência, mas bastante mudadas, principalmente na fala;*
- *Acho difícil que algum país abandone sua língua para ficar com o inglês. Acho que vai ser sempre língua estrangeira (fora dos países de língua inglesa, é claro), mas o problema é de ordem econômica. As pessoas "querem", "precisam" de inglês;*
- *De jeito nenhum. As influências são naturais. Fazem parte da evolução de qualquer língua. Nada de Aldo Rabelo.*
- *Se alguém quiser aprender outras línguas, vai ter a oportunidade. Mas quanto a estrangeirismo na língua, talvez seja nocivo sim, pois nossa língua é muito rica e já que é pra usar uma palavra nova para determinar algo, que seja na nossa língua.*

- *O inglês não poderá ameaçar as outras línguas, porque a maioria dos países prefere se comunicar na sua própria língua nativa como por exemplo, França, Marrocos, Bagdá etc. O inglês pode ser nocivo se ocorrer o caso que eu expliquei na questão anterior, a empresa preferir alguém que fale e escreva perfeitamente a língua inglesa e não aceitar alguém que conheça muito bem a sua língua nativa.*
- *Acho que todos devem ser muito cautelosos quanto a influência de tal língua, afinal sua interferência é enorme. Mas não acho que chega ao ponto de ser nocivo*

As respostas mostram vários aspectos de contradição advindos da falta de clareza do conceito de língua franca. Uma língua franca não ameaça as línguas nacionais, mas quando esta língua franca atinge o status de língua franca mundial, inevitavelmente interfere na diversidade cultural, pois representa um impedimento para a aquisição de outras línguas estrangeiras, tendo em conta que o processo de aprendizado é longo e custoso, que temos uma capacidade limitada de aprendizado de língua, não apenas do ponto de vista cognitivo, mas temporal e material, principalmente no contexto brasileiro, onde já é tão difícil democratizar o ensino do inglês. Pelo mesmo motivo, uma língua franca mundial compromete a existência de outras línguas francas em existência, pois significa a aquisição de uma terceira língua, em contextos que já demandam o bilingüismo.

Os sujeitos que sentem esta ameaça são movidos principalmente pela defesa da língua portuguesa:

- *Sim, principalmente quando se nota que adolescentes falam/escrevem melhor em inglês que em português. Também quando se adota termos em inglês para*

expressar significados que já têm seu correspondente em português. Isso é péssimo!

- *Pode ameaçar quando ultrapassa a importância da língua materna. Creio que devemos saber nos interessar pela LE e pela língua materna.*
- *Não só pode ameaçar como é fato. No Português já se introduziram algumas palavras. A partir do momento que se usa demais acaba interferindo na outra. Isso poderia ser evitado se o Brasileiro fosse mais exigente com sua Língua.*
- *Sim, ameaça, tanto que ele que predomina.*

Mais uma vez fica evidenciado o temor da língua franca vir a substituir a língua materna, tanto pela problemática conceitual de língua franca, quanto pela problemática ideológica que vê na hegemonia econômica, cultural e tecnológica uma possibilidade de hegemonia lingüística absoluta.

Tentativas de intervenção autoritária sobre as línguas têm se intensificado muito com o evento da globalização, porque o contato das línguas nacionais com a língua inglesa leva a um incremento da incorporação do seu léxico, principalmente no que se refere às áreas da informática e novas tecnologias. Assim, aliada aos conflitos e tensões entre países centrais e periféricos pelos problemas de desigualdade sócio-econômica, está a tensão do medo de absorção cultural, que rechaça estas contribuições e aportes lingüísticos como invasão de território nacional. A língua passa a ser um instrumento de luta política.

Os empréstimos lingüísticos não são imposições, nem deformidade, nem degenerescência. Estão longe de envolver qualquer alteração na gramática da língua, pois ocorre uma reapropriação fonológica (são pronunciadas de acordo com nosso padrão),

morfológica (por exemplo, passam a ser flexionadas), sintática (Possenti, 2002) e mesmo semântica (uso de palavras como “smoking”, “box” e “outdoor” e “shopping” cujos correspondentes na língua inglesa seriam “tuxedo”, “shower stall”, “billboard”).

Entrar, a fundo, em uma língua é sair dela. Toda imersão radical em uma língua particular nos conduz a outras línguas (Rouanet, 1996).

As línguas mudam porque o homem muda. A evolução da língua, na qual se inclui a alteração lexical, reflete as alterações históricas. Trata-se de uma evolução “modelada imperceptivelmente, no anonimato do uso cotidiano, pela imensa multidão dos enunciadores ordinários, não investidos de poder político” (Hagège, 1985:264). Mesmo que o poder de uma língua bem difundida seja o ponto determinante da origem dos empréstimos, são os falantes que determinam se estes termos permanecem ou desaparecem, apesar dos projetos de proteção às línguas nacionais, que tentem proibi-los.

O tema da diversidade lingüística, cuja importância é declarada pela maioria dos sujeitos, suscitou as seguintes definições de língua:

- *A diversidade lingüística é importante pela sua conservação cultural. Pela língua se conhece um povo... e se destrói outros também! Isso não significa que tenham que ficar só na minoritária, afinal, precisam saber a majoritária para participar da sociedade e não se deixar enganar. Se formos transferir isso para uma esfera macro, um bom exemplo é o inglês (como majoritária) e o resto das línguas. Temos que admitir que o inglês impera, mas não quero aprendê-lo para engolir tudo o que dele provém, mas para tentar enxergá-la como uma unidade criticável.*

- *A língua carrega aspectos culturais que não se encontra em outro lugar. Acho completamente [a diversidade] válida e necessária para a preservação cultural dos povos.*
- *Sim, [à diversidade], por causa do conhecer de varias culturas.*
- *Nunca vivenciei diversidade lingüística de verdade. Mas semana passada estive na Suíça e achei uma bagunça um país tão pequeno ter tantas línguas e tantos dialetos, estes, sem forma escrita. Os suíços acham isso lindo eu não sei direito. As línguas tem direito de existirem, ué? Mas não sei dizer se isso é bom ou ruim. De qualquer forma a nossa língua materna "nos define". Se o português sumisse eu ia continuar sendo constituída por português.*
- *Fundamental [diversidade lingüística]. A língua é o espelho da cultura. O que seria de nós sem diversidade cultural?*
- *Claro que sim, pois é através delas [línguas] que se tem conhecimento da cultura de um povo.*
- *[As línguas] fazem parte da cultura de um povo.*
- *Sim [à diversidade], pois é base da identidade de uma nação.*
- *Sim [à diversidade]. Porque dessa forma não perde-se a autenticidade da língua de cada país. É importante que cada um preserve suas origens históricas e isso inclui a sua língua.*

Embora esta maioria reconhecesse a importância da diversidade lingüística, não houve consenso sobre a importância da luta pela preservação de línguas minoritárias, diante de argumentos como os seguintes:

- *Infelizmente, elas não nos serviram de nada profissionalmente falando*
- *Sinceramente, não tenho interesse pessoal por línguas indígenas, mas creio que pode ser por falta de divulgação mesmo – acho importante um trabalho neste sentido*
- *Acho que a evolução tem de acontecer. Se uma língua tende a desaparecer é porque deixou de fazer parte da vida das pessoas e se isso acontece, bom, então é melhor que a evolução aconteça e a língua vá desaparecendo mesmo.*

É como se os sujeitos tivessem um limite para o apreço à diversidade lingüística: aquele da representatividade das línguas. Seriam dois pesos e duas medidas, como se todas as línguas fossem importantes, mas umas nem tanto. Entendemos que afirmar o valor da diversidade lingüística é afirmar categoricamente a importância de todas as línguas e é desafiar todas as formas de imposição lingüística. Nenhum sujeito de pesquisa pareceu envolvido com esta causa.

Considerando a nossa realidade brasileira, pensamos que é prioritário promover as condições para que as línguas indígenas subsistam, com apoio às comunidades para projetos de alfabetização em suas línguas maternas, formação de professores, porém os verdadeiros árbitros de seu destino serão necessariamente os membros destas comunidades. Qualquer posição de tutela significará a manutenção da marginalização desses povos como “culturas de museu”, sem direito à história (Zucolillo, 2000).

Respondendo nossa última questão de pesquisa, a supervalorização da língua inglesa definitivamente torna-a quase inalienável do próprio processo de globalização, porém as problemáticas que envolvem a hegemonia da língua estão bem presentes nos discursos dos

respondentes, independentemente destes já serem proficientes na língua, ou estarem em processo de aquisição. A importância mundial e pragmática da língua supera sua rejeição, mas não apaga o posicionamento crítico do sujeito tanto com relação às questões hegemônicas gerais, quanto lingüísticas.

Mesmo que interpretássemos de outra forma, que a opção pela língua se faz num período anterior à graduação, em que a capacidade crítica é menor, portanto, a opção pelo inglês seria necessariamente reflexo dos discursos circulantes na sociedade e na escola fundamental e média, ainda assim, durante a graduação eles passam a refletir sobre a língua e a se posicionar criticamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender uma língua além do nosso idioma materno, penetrar em uma sintaxe, é abrir uma segunda janela para a paisagem da existência. É escapar, mesmo que apenas parcialmente, do confinamento do aparentemente óbvio, da pobreza intolerante, tão corrosiva justamente porque não se tem consciência dela, de um foco único e uma lente monocromática. George Steiner

Nas novas realidades empíricas de um espaço móvel, que se reconfigura em planos sólidos ou virtuais, move-se apressadamente sobre rodas, ondas ou bits instantâneos, o homem, *zoon phonanta*. Neste espaço reduzido e acelerado, as questões de linguagem requerem novas perspectivas, pois todos os usos consolidados como dominantes, tendem a tornar-se globalismos. Desde o modelo econômico, até a moda, o cinema ou mesmo uma doença contagiosa, tudo passa a ter importância mundial, peso mundial.

Se os discursos do momento são unívocos quanto a existência de uma língua franca mundial, que pressupõe a veiculação dos conhecimentos e entendimentos universais, portanto de interesse de toda humanidade, precisamos nos certificar de que ela seja um benefício antes de ser um prejuízo, de que seu acesso seja universal e não elitizante.

Com este estudo tentamos trazer algumas contribuições para a discussão deste pressuposto, mostrando que mais do que uma "verdade" estabelecida, ele é apenas um projeto, como outros houve da história.

Ao voltarmos no tempo, observamos que as línguas mais fortes são aquelas dos impérios e que na história contemporânea as línguas particulares só tiveram no Iluminismo, um momento de reverência e glória, respeitadas como iguais. É como se o mundo revivesse ciclicamente os episódios de Babel como a dissolução do império Romano e a criação das línguas latinas, depois a recuperação do latim medieval como língua auxiliar, seguida da dispersão iluminista e agora vivemos nova fase de uma língua hegemônica. Um novo império?

Porém a história não é exatamente cíclica. Porque o inglês não é como o grego ou latim. Primeiramente porque sua representatividade é incomparável em termos de influência espacial e numérica. Seu peso cultural homogeneizante é decuplicado, mesmo se tomado como um código supranacional, simplificado e desenraizado, construído para *partilhar com um grande número de pessoas os lugares comuns científicos, econômicos, ideológicos*. Pelo inglês é possível encontrar-se o *mesmo* em toda parte. *Uma semelhança ancorada na hegemonia de um sistema econômico*. E quanto mais eficaz o inglês tornar-se para fundar o mesmo, mais inadequado será para enunciar a diferença, que busca encobrir. (Revuz, 2001:228).

Como pensarmos no apregoado multiculturalismo, com uma única língua que o descreva e celebre?

Um reflexo disso aparece na nossa pesquisa: nossos sujeitos, apesar de aquiescerem às necessidades do aprendizado de inglês, desejam aprender também outras línguas. Numa cidade de mais de um milhão de habitantes como Campinas, nenhum professor ou tradutor está sendo formado numa outra língua que não a língua inglesa. Consideramos absolutamente necessário um censo da oferta de línguas nas universidades brasileiras, contraposto ao censo

das demandas reais, para o mapeamento das carências, e do tipo de profissional que está atuando no mercado, e com que formação.

Embora seja uma idéia que possa parecer utópica diante de tantas urgências da escola pública e com a qual nossos sujeitos de pesquisa não compactuariam, consideramos importante o incremento da diversificação de oferta de línguas também no ensino fundamental, pois quanto mais cedo as crianças tomam contato com outras línguas, melhores chances têm de vivenciar a diversidade, abrindo portas tanto para outras escolhas lingüísticas, como para um novo mercado de trabalho com professores de outras línguas. Entendemos que mesmo um contato breve destes alunos com uma outra língua, de dois anos talvez, já seria suficiente para despertar seu interesse.

O inglês não é grego nem latim, também porque aquelas, enquanto línguas auxiliares, foram usadas quase exclusivamente por elites, nobres, clero, homens e estamos falando de um mundo com pretensões democráticas. Neste espaço difuso, quais são as classes sociais que estão verdadeiramente tendo acesso a esta língua? Quantas pessoas falam inglês no Brasil? Quem são elas? Onde estão concentradas?

Existem novas demandas de competência na língua inglesa, decorrentes das modificações do espaço pela tecnologia e das relações sociais. A qualidade do ensino em geral é comprometida pela racionalidade econômica do Estado, e a qualidade do ensino de língua inglesa em particular, parece mais desfavorecida ainda pelas políticas de ensino como se fosse uma disciplina de segundo plano, que não é. Nestas condições o inglês torna-se uma "*commodity*" que não está sendo distribuída gratuitamente, mas adquirida a peso de ouro nas instituições privadas.

Outro contraponto do inglês como língua internacional é o deslocamento do que seja civilização e cultura. No mundo atual civilização significa desenvolvimento tecnológico, que não necessariamente inclui cultura clássica e humanista, tão bem difundidas pelo grego e o latim. A língua internacional torna-se prevalentemente uma língua de trabalho. Quase ao ponto de representar sozinha empregabilidade, como se estanque de qualquer conteúdo.

O utilitarismo segue impondo cesuras. A língua passa a ser entendida apenas como um instrumento de comunicação, sem que se reconheça que muito antes de ser objeto de conhecimento, *a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional* (Revuz, 2001:217). Aprender uma nova língua, *depositária das identidades individuais e coletivas*, significa um *novo espaço potencial para a expressão do sujeito*, alterando sua relação com os outros, seus discursos sociais e familiares, com o saber, com a construção de significações: *aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro* (id.:220-229).

Não temos nenhuma pretensão de abalar ou abolir o uso da língua inglesa como língua internacional, mas enfatizar a necessidade de contemporização.

Iniciamos nosso questionamento do ponto de vista das escolhas lingüísticas, porque escolhas pressupõem liberdade de juízo. E quando falamos em globalismos, fica difícil incluirmos as singularidades.

Concluimos que as falas dos sujeitos refletem muitos dos aspectos elencados nas discussões das dinâmicas que estatuem as línguas auxiliares, bem como as problemáticas do domínio das ciências. Ao mesmo tempo que defendem o discurso da imprescindibilidade do inglês, as questões sócio-políticas relacionadas às línguas que estudam aparecem em profusão, com análises críticas da forma como as opções lhes são dadas, das atitudes de uso das línguas,

dos valores atrelados a este conhecimento. Seu posicionamento crítico não os cerceia de numa opção racional por aquilo que seja factível neste momento histórico, ao mesmo tempo que não lhes impede de fazer uma análise do que poderia ser otimizado, embora suas propostas não sejam absolutamente consensuais. Parece bastante evidente que a língua inglesa continuará seu processo de predominância, ao menos pela próxima geração.

De outro lado, a diversidade de línguas parece ser bastante valorizada pelos sujeitos de pesquisa, principalmente pelo número variado pelas quais cada um deles se interessa e estuda ou estudaria, se possível.

Ao focalizarmos a história do homem e o desenvolvimento dos povos observamos as línguas disputando usuários e a vitória de uma língua sobre a outra geralmente sendo determinada por circunstâncias sócio-políticas (Burke, 1993:10). Num mundo de miscigenação extrema, onde os grupos humanos tentam entender quem são, contrapondo-se violentamente aos demais grupos, numa luta pela identidade, o aprendizado de outras línguas é um dos meios de se amenizar conflitos, pois concilia a intercompreensão com o respeito ao pluralismo. Desta forma as línguas deixam de ser barreiras, para ser pontes, promovendo a diversidade, sem fomentar as desigualdades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMON, Ulrich (a). *English as a future language of teaching at German universities? A Question of difficult consequences, posed by the decline of German as a language of science* in _____ (editor), *The Dominance of English as a Language of Science: Effects on Other Languages and Language Communities*. Berlin e Nova York: Mouton de Gruyter, 2001.
- _____. (b) *Sprache als Politikum*, disponível no sítio do Institut für Auslandsbeziehung (IFA – Instituto para Relações Internacionais) http://www.ifa.de/i/dakp_ammon.htm.
- ANNAMALAI, E. Resenha sobre o livro de Hans R. Dua: *Hegemony of English: Future of Developing Languages in the Third World*, in *International Journal of Sociology of Languages*, 118, pp.201-203, 1996.
- ASSIM Study. Evaluation of the Economic and Social Impact of Multilingualism in Europe. Final Report - Initial Study. Executive Summary, 1999, disponível no sítio http://www.hltcentral.org/usr_docs/project-source/ASSIM/Assim-EN.doc.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3.ed. Campinas: Martins Fontes, 2000, p. 403
- BLAIR, Ann. *La persistance du latin comme langue de science à la fin de la Renaissance*, in CHARTIER, Roger et CORSI, Pietro, *Sciences et langues en Europe*, Commission Européenne-Forum Européen de la Science et de la Technologie, Edition de l' Ehes, Paris: 1996.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília : MEC/SEF, 1998.

- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio, Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília : MEC/SEMT, 1998.
- BURKE, Peter. *Heu domine, adsunt Turcae*: esboço para uma história social do latim pós-medieval, in _____ & PORTER, R. (org.) *Linguagem, Indivíduo e Sociedade: História Social da Linguagem*, São Paulo: Unesp: 1993.
- CANEN, Ana. *Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares*. Trabalho apresentado na 21a. Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1998, disponível no sítio da internet <http://www.ufrgs.br/faced/gtcurric/canen.html>
- CAVALLI-SFORZA, Luigi Luca. *Genes, Povos e Línguas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHARTIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*, São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHIARINI, Adriana. Só 8% dos brasileiros têm acesso à internet, in *O Estado de São Paulo*, artigo de 07/10/2003.
- CRYSTAL, David. *English as a Global Language*. 4ª. ed., Cambridge: Univ. Press, 2001.
- _____, *Language and the Internet*, 2ª. ed., Cambridge: University Press, 2002.
- DASCAL, Marcelo. *Three Questions about death of languages*, disponível no sítio <http://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/papers/endlang.htm>
- DIEGUES, C. *Engrenagem Enferrujada*. Revista Veja. São Paulo, p. 116-119, 13 set. 2000.
- ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura européia*, Bauru: Edusc, 2001.
- FONTES, Joaquim Brasil. *Gramática, Texto e Retórica*, in _____, *As Obrigatórias Metáforas: apontamentos sobre literatura e ensino*, São Paulo: Iluminuras, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 6.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

FRATH, Pierre. *Hégémonie de l'anglais : fantasmes et dangers*, disponível no sítio

<http://u2.u-strasbg.fr/spiral/Equipe/Pierre/HEG-ANGL.htm>

FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 91

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999.

HAGÈGE, Claude, *L'homme de paroles*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985.

HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna*, 11ª. ed. São Paulo: Loyola, 2002:183-276.

IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*, 6ª. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

KENWAY, Jane. *Educando cibercidadãos que sejam "ligados" e críticos*. In: SILVA, H.. *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. 4.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

KIERNAN, Victor, *Línguas e Conquistadores* in Burke, P., Porter, R. (org.) *Linguagem, Indivíduo e Sociedade: História Social da Linguagem*, São Paulo: Unesp: 1993.

KUENZER, Acácia Z. As políticas de formação: A constituição da identidade do *professor sobrando*, *Educação & Sociedade*, ano XX, nr. 68, 1999.

LAFITTE, Maryse. *Quelques Hypothèses sur la place du français e de l'anglais dans el monde actuel*, in CHARTIER, Roger & CORSI, Pietro (orgs), *Sciences et langues en Europe*, Commission Européenne-Forum Européen de la Science et de la Technologie, Edition de l' Ehes, Paris 1996.

LÉVY-LEBLOND, Jean-Marc. *La langue tire la science*, in in CHARTIER, Roger & CORSI, Pietro (orgs), *Sciences et langues en Europe*, Commission Européenne-Forum Européen de la Science et de la Technologie, Edition de l' Ehes, Paris 1996.

MATTELART, Armand. *A Globalização da Comunicação*, Bauru: Edusc, 2000.

_____, *Les nouveaux scénarios de la communication mondiale*, in Paris: *Le Monde Diplomatique*, agosto, 1995, pp.24-25.

McLAREN, Peter. Traumas do capital: pedagogia, política e práxis no mercado global. In: SILVA, H. *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. 4.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MINAYO, M. C. S.(org) *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: A Linguagem como condição e solução*, DELTA 10, 2, 1994.

MOREIRA, F., MACEDO, E. *Faz sentido ainda o conceito de transferência educacional?*. In: _____ et al. *Currículo: Políticas e Práticas*. 1.ed. Campinas: Papirus, 1999.

MUSSE, Ricardo. Conceitos de Teoria Crítica in *Folha de São Paulo Mais!*, 31/08/2003.

NASCIMENTO, Deise N. C. Mesquita. *Inglês: Língua franca na sociedade global*, dissertação da Faculdade de Educação de Goiânia - Universidade Federal de Goiás, 1996.

NOBRE, Marcos. O Veneno para o Antídoto, in in *Folha de São Paulo Mais!*, 31/08/2003.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo M. *A Historiografia Brasileira da Literatura Inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)*, dissertação de mestrado, Campinas, Unicamp, 1999.

ORTIZ, Renato, *As Ciências Sociais e o Inglês*, artigo divulgado no XI Congresso Brasileiro de Sociologia, 1-5 setembro de 2003, disponível no sítio

<http://www.sbsociologia.com.br/xicongresso>

- PAIVA, Vera. L. M. O. A Língua Inglesa no Brasil e no Mundo in _____(org) *Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências*, Campinas: Pontes, 1996.
- PHILLIPSON, Robert. *Linguistic Imperialism*, 4a. ed. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- POSSENTI, Sírio. *A Questão dos Estrangeirismos* in FARACO, Carlos Alberto (org) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*, 2ª. ed., São Paulo: Parábola, 2002.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Conceito de Identidade em Lingüística: É chegada a hora para uma reconsideração radical?. In: SIGNORINI, I. (org) *Língua(gem) e Identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. 2.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- RASMUSSEN, Anne. *A la recherche d'une langue internationale de la science: 1880-1914*, in CHARTIER, Roger et CORSI, Pietro, *Sciences et langues en Europe*, Commission Européenne-Forum Européen de la Science et de la Technologie, Edition de l' Ehes, Paris: 1996.
- REDONDI, Pietro. *Galilée et Comte: l'italien comme langue universelle*, in CHARTIER, Roger et CORSI, Pietro, *Sciences et langues en Europe*, Commission Européenne-Forum Européen de la Science et de la Technologie, Edition de l' Ehes, Paris: 1996.
- REVUZ, Christine. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*, in: SIGNORINI, I. (org) *Língua(gem) e Identidade: elementos para discussão no campo aplicado*. 2.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Para uma Genealogia da Globalização da Experiência*, texto on-line: <http://bocc.ubi.pt/pag/rodrigues-adriano-globalizacao-experiencia.html>, 2000.
- ROSSI-LANDI, Ferruccio. *Ideologies of Linguistic Relativity*, Paris: Mouton, 1973.

- ROUANET, Sérgio Paulo. *A problemática das línguas no mundo moderno*, conferência em 26/09/1996 na Academia Brasileira de Letras, www.academia.org.br
- RUSSEL, Bertrand. *História do pensamento ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro:2001
- _____, *O Conhecimento "Inútil"* in *O Elogio ao Ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- SORJ, Bernardo. *brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: Unesco, 2003.
- STEINER, George. *Extraterritorial: a literatura e a revolução da linguagem*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____, *After Babel: Aspects of language & translation*, 3ª. ed., Oxford University Press, 1998.
- STÖRIG, Hans Joachim. *As Aventuras das Línguas: Uma história dos idiomas do mundo*, São Paulo: Melhoramentos, 2003.
- TING, Yen Ren. Foreign Language Teaching in China: Problems and Perspectives in *Canadian and International Education*, vol. 16, nr. 1, 1987.
- TSUDA, Yukio. The Hegemony of English and Strategies for Linguistic Pluralism: Proposing the Ecology of Language Paradigm, disponível no sítio http://www.toda.org/conferences/hugg_hon/hugg_hon_papers/y_tsuda.html
- WELLS, George Herbert. *Anticipations of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thought*, Nova York: Dover Publications, Inc., 1999.
- WHORF, Benjamin Lee. *Language, Thought and Reality, Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*, 7ª. ed., Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1987.

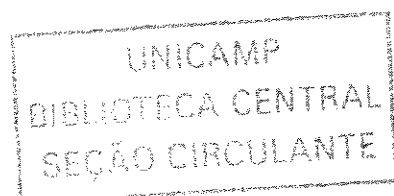
ZUCOLILLO, Carolina M. R. *Língua, Nação e Nacionalismo – Um estudo sobre o Guarani no Paraguai*, tese de doutorado, IEL, Unicamp, 2000.

ANEXOS:

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

ESTRUTURA DA ENTREVISTA

ENTREVISTAS



QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE ESCOLHA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

NOME (OPCIONAL): _____

SUA CONTRIBUIÇÃO PARA ESTA PESQUISA É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS. SE VOCÊ QUISER INFORMAÇÃO SOBRE O ANDAMENTO DESTA PESQUISA E SE ESTIVER DE ACORDO COM UMA ENTREVISTA POR *E-MAIL*, FAVOR FORNECER SEU ENDEREÇO ELETRÔNICO: _____

01. QUAL É SUA INSTITUIÇÃO DE ENSINO?
() PUC () UNICAMP () UNIP
02. PERÍODO E SEMESTRE DE ESTUDO
() diurno () noturno Semestre _____
03. QUAL A SUA FAIXA ETÁRIA?
() 17 a 25 () 25 a 30
() 30 a 40 () outra Quantos anos? _____
04. SUA LÍNGUA MATERNA É O PORTUGUÊS?
() sim
() não Qual é? _____
05. APRENDEU ALGUMA LÍNGUA ESTRANGEIRA NO EXTERIOR, MORANDO LÁ OU FAZENDO CURSOS?
() sim Qual língua? _____
() não
06. VOCÊ CURSOU O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO EM ESCOLA
() pública
() particular
() ambas
07. NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO, VOCÊ ESTUDOU OUTRA LÍNGUA ALÉM DO INGLÊS?
() sim Qual? _____
() não
08. INICIOU ANTES DA GRADUAÇÃO ALGUM CURSO DE LÍNGUA FORA DA ESCOLARIDADE NORMAL?
() sim Qual língua? _____
() não
09. SE A RESPOSTA ANTERIOR FOI AFIRMATIVA, POR QUE VOCÊ ESCOLHEU ESSA LÍNGUA?
(CLASSIFICAR OS ITENS ASSINALADOS POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA – EX. 1 = MAIS IMPORTANTE, 2, 3, ETC.)
() é uma língua bonita
() gosto da língua e da cultura desse povo
() será importante para minha profissão
() é importante no mundo contemporâneo
() meus pais determinaram para mim
() não havia outra opção perto de casa
() era o curso mais barato
() é a língua de meus antepassados
() outra - Favor responder no verso.
10. VOCÊ TRABALHA?
() sim
() não
11. FAZ USO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA SUA VIDA PRIVADA? () sim () não
OU PROFISSIONAL? () sim () não
12. QUAL A LÍNGUA ESTRANGEIRA QUE ESTÁ ESTUDANDO OU JÁ ESTUDOU DURANTE SUA GRADUAÇÃO NESTA UNIVERSIDADE?

13. VOCÊ TROCOU A LÍNGUA ESTUDADA DURANTE A GRADUAÇÃO?
() sim De _____ para _____
() não
14. PRETENDE ESTUDAR OUTRA LÍNGUA ESTRANGEIRA?
() sim Qual? _____
() não
15. O CURSO QUE ESTÁ FAZENDO VAI HABILITÁ-LO PARA ENSINAR LÍNGUA ESTRANGEIRA?
() sim () não
16. VOCÊ ENSINA LÍNGUA ESTRANGEIRA?
() sim () não
17. PRETENDE ENSINAR LÍNGUA ESTRANGEIRA?
() sim () não
18. POR QUE ESCOLHEU A LÍNGUA QUE ESTÁ APRENDENDO NA GRADUAÇÃO?
(CLASSIFICAR OS ITENS ASSINALADOS POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA – EX. 1 = MAIS IMPORTANTE, 2, 3, ETC.)
() é uma língua bonita
() gosto da língua e da cultura desse povo
() será importante para minha profissão
() é importante no mundo contemporâneo
() não tive outra opção
() é a língua de meus antepassados
() outra - Favor responder no verso.
19. ESTÁ ESTUDANDO LÍNGUA EM CURSOS FORA DA UNIVERSIDADE?
() sim Qual língua? _____
() não

ESTRUTURA DA ENTREVISTA

1. Qual(is) a(s) língua(s) que está estudando e porque a(s) escolheu?
2. Qual a importância desta língua no mundo?
3. Você sofreu algum tipo de influência externa para esta escolha, como influência na família? dos amigos? do ambiente de trabalho? da mídia? da escola?
4. Você teve opção? Podia ter estudado outra língua se quisesse?
5. O que seus pais pensam desta língua? Eles concordaram com tua escolha? Em que a valorizam ou desvalorizam?
6. Você tem filhos? Se tivesse, gostaria que eles aprendessem esta língua? Seria capaz de influenciá-los neste sentido?
7. Que outra língua gostaria de aprender? Porquê? É só um desejo ou vai tentar?
8. Você já fala a língua que estuda? Como você se sente se a domina, e se não a domina? Qual o grau de aperfeiçoamento espera alcançar na universidade? E além dela, o que faria para atingir o aperfeiçoamento desejado?
9. Qual a importância do aperfeiçoamento máximo nesta língua? Qual seria este limite de aperfeiçoamento?
10. Que afinidades lingüísticas você tem com a(s) língua(s) que estuda? (facilidade, sonoridade, beleza)
11. Que afinidades culturais você tem com o povo falante desta(s) língua(s)? Quais suas qualidades? E defeitos?
12. Como você acha que este povo nos vê, nos representa, qual conceito que ele tem de nós?
13. Já pensou em morar fora do país? E mudar de país?
14. Como seria viver com o povo falante da língua que estuda?
15. Como você acha que esta língua é usada dentro do meio acadêmico no Brasil? Seria possível seguir uma carreira acadêmica sem esta língua?
16. Como você acha que é o uso desta língua dentro de uma empresa multinacional? Seria possível uma carreira de executivo sem falar esta língua?
17. É fácil ter acesso a esta(s) língua(s)? É fácil encontrar um curso? É fácil pagar o curso?

18. Como esta língua é divulgada na mídia? As propagandas são fartas? São voltadas a que tipo de público? Onde as vê?
19. Você acha que esta língua é bem divulgada na escola pública? Mereceria mais atenção por parte do Estado? Os alunos são incentivados a aprender esta língua? Deveriam ser?
20. Como você espera usar esta língua?
21. Como esta língua vai facilitar tua vida?
22. Como esta língua pode melhorar teu curriculum?
23. Que tipo de crescimento pessoal espera obter pelo conhecimento desta língua?
24. Que tipo de compensação financeira espera obter pelo conhecimento desta língua?
25. Que tipo de instituição valoriza esta língua? Por quê?
26. Qual o tipo de pessoas fala e valoriza a língua que você estuda? Como você os vê?
27. Você tem muito a aprender com a língua que estuda? Que tipo de literatura / linguagens (cinema?) / assunto nesta língua te interessa mais?
28. O que você tem a ensinar / comunicar pelo uso desta língua?
29. Que importância tem o português no mundo?
30. Já pensou em ensinar português para estrangeiros? E trabalhar com tradução do português para outras línguas? Que tipo de texto na tua língua valeria a pena ser divulgado?
31. Você acha possível que o mundo todo se comunique numa única língua?
32. Você valoriza a diversidade lingüística do mundo? Você acha válido o trabalho de preservação de línguas minoritárias como as línguas indígenas?
33. Qual a importância do inglês no mundo de hoje?
34. Você acha o inglês devidamente valorizado ou super valorizado no mundo?
35. Você acha que o inglês deve ocupar o lugar de língua universal?
36. Você acha que o inglês ameaça as outras línguas? O inglês pode ser nocivo em algum aspecto?
37. Gostaria de me perguntar alguma coisa?

Entrevista Sujeito 22 (G) em 13/03/03

- E: Bom dia, G, podemos conversar?
- G: Bom dia E. Podemos conversar desde que não demore muito, pois estou no serviço.
- E: Deve levar uns 20 minutos. Prefere que te contact em outro horário?
- G: Não pode ser agora mesmo.
- E: Porque vc escolheu estudar a língua inglesa?
- G: Na verdade, não gosto muito do inglês, faço Letras por causa do português.
- E: Porque não gosta do inglês?
- E: G, fique a vontade para escrever o que quiser, com a maior espontaneidade possível, o que te passar primeiro na cabeça.
- G: Não tenho muita afinidade, tenho muita dificuldade, é uma língua que não me atrai. Mas acho fundamental, portanto tem que se esforçar um pouco.
- E: Porque é fundamental?
- G: Além do que não tive oportunidades de fazer cursos de inglês fora da escola, então meu inglês é péssimo, o que dificulta ainda mais, porque o inglês da faculdade é para quem já sabe. O inglês é fundamental, principalmente no lado profissional, que hoje em dia é muito exigido...
- G: é também fundamental na faculdade.
- E: ok. Você se acha em desvantagem por saber pouco desta língua em relação aos teus colegas?
- G: Em alguns momentos sim. Enquanto estou me descabelando nas aulas de inglês, algumas pessoas estão tranquilas.
- E: E porque gostaria de estudar francês? Quais as coisas boas que vê nesta língua?
- G: Sinceramente, porque acho a pronuncia bonita. Desde pequena tenho vontade de aprender francês.
- E: É só um desejo, ou realmente pretende concretizá-lo?
- G: Pretendo concretizá-lo, quando terminar a faculdade, porque aí terei tempo e dinheiro.
- E: Se vc tem filhos, ou se tivesse filhos, tentaria influenciá-los para aprender inglês?
- G: Sim, mas deixando-os a vontade, afinal as pessoas sentem afinidade por coisas diferentes.
- E: Como vc acha que estará teu inglês quando terminar a faculdade? Qual é o nível de proficiência que deseja alcançar, ou que acha que alcançará?
- G: Quando entrei na faculdade, já tinha em mente que não seria fácil, mas esperava que fosse aprender bastante, mas não é bem isso que acontece...
- E: Quando pensa nos povos do mundo que falam inglês, quais as qualidades ou defeitos deles que te vêm primeiro em mente?
- G: as professoras de inglês dão aula para meia dúzia de alunos. Mas pretendo sair da faculdade melhor do que entrei. Este ano irei montar grupo estudo com algumas amigas que dominam o inglês. Tenho que correr atrás do prejuízo.
- G: Depende de qual povo. Por exemplo, acho os americanos metidos e arrogantes, particularmente não gosto dos Estados Unidos, e agora gosto menos ainda por causa do Presidente.
- E: Quando pensa nas pessoas que você conhece que falam inglês, como vc as vê?
- G: Que eu tenho o que aprender com elas.
- E: Quando pensa nos povos que falam francês, quais são as primeiras qualidades ou defeitos que pode citar?
- G: Gosto da França, primeiro por ser lindo visualmente, e também por que valorizam muito a sua nacionalidade, mas é um povo muito frio.
- E: Qual a importância do francês no mundo? E no Brasil?
- G: Não consigo imaginar uma grande importância que a França tenha para os países. Talvez os perfumes franceses (isso foi uma brincadeira)
- E: Já pensou em morar fora do Brasil por uns tempos ou emigrar? Para qual país? Porque?
- G: Emigrar não, adoro o Brasil, e não consigo me imaginar morando em outro país. Mas gostaria de ficar uns tempos nos Estados Unidos, para melhorar o inglês (mesmo não gostando, acho importante), mas não agora. Não moraria em nenhum outro lugar, tenho vontade de conhecer muitos, mas morar não.
- E: Você acha que a escola pública deveria dar acesso também ao francês?
- G: Acho que muita coisa deveria ser melhorada na escola pública, antes de se introduzir uma nova disciplina.
- E: Se você fosse fluente em inglês, em que tua vida melhoraria? Tente citar o maior número de aspectos.

- G: Talvez tivesse oportunidades melhores de trabalho. Não teria tanta dificuldade na faculdade. Em todos os lugares temos que encarar o inglês, se estamos no computador, inglês, se vamos assistir TV, inglês... Acredito que ter o inglês facilita muito em vida em diversos aspectos.
- E: Você acha que o mundo precisa de uma língua universal?
- G: Seria muito bom se todos os povos falassem uma única língua, tivessem uma única cultura e vivessem em paz, mas isto não é possível. E eu acho que não, mas acho que deva haver sim um respeito mútuo pelas diferenças, que não acontecesse.
- E: Você acha que o inglês deve ocupar o lugar desta língua universal? Já ocupa?
- G: Acho que não devia, mas em partes já ocupa.
- E: Você deseja ser professora de português?
- G: Sim
- E: O português é importante no mundo?
- G: Não sei se no mundo todo, mas aonde é falado eu acho que é, além do que a nossa língua é linda e riquíssima.
- E: Já pensou em ensinar português para estrangeiros?
- G: Não, mas acho que vou pensar sobre isso, gostei da idéia.
- E: O que você acha que deveria ser mais divulgado do Brasil para o mundo?
- E: Se você estivesse ensinando português para um estrangeiro, o que gostaria de ensinar a ele sobre o Brasil? Sobre a língua? Sobre a cultura?
- G: Há muitas coisas para ensinar do Brasil. Não sei nem por onde começar, nunca pensei nisso.
- E: Você valoriza a diversidade lingüística do mundo? Acha válido o trabalho de preservação de línguas minoritárias como as línguas indígenas?
- G: Acho importantíssimo. Quantas coisas não podemos aprender. E me desculpe, mas acho que teremos que continuar a conversar em outro momento, isto é se for de seu interesse.
- E: G, muitíssimo obrigada. Nos falamos em qualquer outro momento, mas tua ajuda já foi muito preciosa.

Entrevista Sujeito 239 (ED 239) em 17/03/03

- ED 239 (10:39 PM) : olá. vc prefere conversar por aqui ou no msn?
- ED 239 (10:40 PM) : ??
- E (10:42 PM) : Oi, aqui está bom!
- E (10:42 PM) : Estava te esperando...
- ED 239 (10:43 PM) : desculpe o atraso, mas é que eu estava assistindo ao discurso do Bush...ainda estou chocado c/ tamanha prepotência. vc viu?
- E (10:43 PM) : Só vi uma chamada sobre o ultimatum.
- ED 239 (10:44 PM) : foi um discurso tirado de filmes...ridículo e assustador!
- E (10:44 PM) : Também não sei o que poderá vir depois disso...
- E (10:44 PM) : Vc já se formou no ano passado?
- ED 239 (10:45 PM) : guerra 4a feira..e eu que estava vendendo cursos de ingles na califórnia vou perder muito...me formei só em bacharel, tô fazendo licenciatura agora
- E (10:46 PM) : Qual a diferença dos cursos?
- ED 239 (10:46 PM) : basicamente as aulas na pedagogia
- ED 239 (10:47 PM) : didática aplicada ao ensino de língua e estágios.
- E (10:47 PM) : Eu sou bacharel também, com especialização em tradução. Também não tive disciplinas pedagógicas, até fazer uma especialização em educação.
- ED 239 (10:47 PM) : qual língua?
- ED 239 (10:48 PM) : qual o objetivo da sua redação?
- E (10:48 PM) : Fiz inglês, francês e espanhol. Mas depois fui pra Alemanha.
- E (10:48 PM) : Prefiro fazer as perguntas primeiro, para que você não tire de mim respostas que podem influenciar as tuas, pode ser? Ao final poderá perguntar tudo o que quiser.
- ED 239 (10:49 PM) : ok
- ED 239 (10:49 PM) : shoot
- E (10:49 PM) : Quando você começou a estudar inglês e porquê?
- E (10:52 PM) : Tudo certo por aí?

- ED 239 (10:53 PM) : meus pais e familiares próximos nem chegaram perto de frequentar uma faculdade. desde de pequeno resolveram me colocar na escola e em várias outras atividades extracurriculares como língua estrangeira, música e até mesmo esportes. fui alfabetizado formalmente (1a. série) aos seis anos. queriam me dar chances q não tiveram...na minha formatura em janeiro estavam orgulhosos de si mesmos
- E (10:54 PM) : Quem optou pela língua?
- ED 239 (10:55 PM) : eu. meus pais queriam italiano por causa do meu bisavô que ainda era vivo e morava conosco na época...mas eu não gostava.
- E (10:55 PM) : E ainda se lembra da tua relação com o inglês na época? Por que foi a língua desejada?
- ED 239 (10:57 PM) : eu via mais o inglês presente em desenhos e filmes...nunca tinha assistido a um filme italiano, por exemplo. acho q foi isso o 1o. impulso, mas a vontade de fazer aulas de LE nao partiu de mim.
- E (10:57 PM) : Como assim?
- ED 239 (10:58 PM) : eu não queria ir p/ escola de língua, mas era forçado pelos meus pais, mas eles me deixaram, pelo menos, a opção pela língua
- ED 239 (10:58 PM) : tinha 9 anos
- E (10:59 PM) : E como foi tua experiência no exterior? Em que país morou? Com que proficiência retornou?
- ED 239 (11:03 PM) : fui p/ flórida c/ + 3 amigos qdo fiz 15 anos e fiquei um mês conhecendo o estado. nós não queríamos fazer programas turísticos como disney e tal, então não nos dispusemos de guias. viajamos bastenate de onibus e taxi. o contato c/ os falantes nativos foi intenso e acho que, em termos de proficiência, a imerssao possibilitou maior versatilidade e agilidade ao usar todos os sentidos p/ captar mensagens e se comunicar
- E (11:04 PM) : Corajoroso!
- E (11:04 PM) : Qual a importância do inglês no mundo?
- ED 239 (11:05 PM) : bom, o discursso sobre uma iminente guerra, há meia hora atrás foi em Inglês.
- E (11:05 PM) : Dá para ser mais explícito?
- E (11:09 PM) : ED, não se preocupe muito com a elaboração das respostas, ok! Quanto mais espontâneas, melhor.
- ED 239 (11:10 PM) : questões de relevância internacional são tratadas, em grande maioria das vezes, em discursos, palestras e documentos escritos em Língua Inglesa; o que torna o saber, ao menos o esforço passivo de leitura, o idioma indispensável. na verdade, me atraso mais ao digitar do que p/ elaborar respostas...
- E (11:11 PM) : Ok, Qual era o teu nível de proficiência em língua inglesa quando iniciou a graduação?
- ED 239 (11:12 PM) : proficiente/fluente na Língua. por isso mudei de LE e fui p/ francês.
- E (11:13 PM) : E como foi o aprendizado de francês? Porque a escolha? Quais as afinidades lingüísticas e culturais que tem com esta língua?
- ED 239 (11:16 PM) : não sei por que escolhi francês. minha namorada fez italiano e eu pensei em ir junto, mas quando olhei bem p/ o programa do curso de letras vi que estudaríamos alguns escritores que eu gosto muito e escreveram em francês. achei que podia fazer aulas e ler os originais destes autores.
- E (11:16 PM) : E está aprendizado com o progresso que obteve no curso?
- E (11:16 PM) : Desculpe - está satisfeito com o aprendizado?
- ED 239 (11:19 PM) : sim. o meu objetivo, que não era comunicar-me em francês, mas apenas ter uma base (estruturas básicas e vocabulário) para possibilitar uma coerente interpretação dos textos. por isso fiz só até o nível 4 que era obrigatório e não continuei. fiz um semestre de alemão e grego, só por curiosidade
- E (11:19 PM) : Porque gostaria de aprender alemão?
- ED 239 (11:22 PM) : não gostaria! fiz um semestre por que acho que deva existir uma teoria estrutural da linguagem que seja pertinente em todas as línguas e fiquei curioso. vc q é poliglota pode me dizer melhor sobre tamanhas semelhanças. é interessante notar como, por exemplo, se desenvolveram as línguas neo latinas...e fiquei intrigado c/ o alemão, pois já sabia inglês e queria tentar estabelecer relações
- E (11:23 PM) : Você se identifica com as teorias lingüísticas com tendências universalistas, como a gramática gerativa?

- ED 239 (11:25 PM) : em partes sim, eu trabalho c/ aquisição de língua estrangeira no período de alfabetização em língua materna e vejo pontos significantes no aprendizado de ambas, no que corresponde a uma ordem natural de aquisição de linguagem.
- E (11:26 PM) : Só esclarecendo, no questionário vc respondera que pretendia estudar alemão, por isso fiz esta pergunta inciva, ok.
- E (11:26 PM) : Ao falarmos de tendências universalistas, vc acha que o inglês já é uma língua franca?
- ED 239 (11:26 PM) : ok..mas devo ter desistido há meses, foi difícil terminmar o sementre
- ED 239 (11:30 PM) : não sei bem se franca, mas com certeza híbrida. nós brasileiros somos acostumados c/ o termo 'portunhol', caracterizado por falantes de uma das duas línguas que, devido à semelhança entre ambas, se jungam competentes e arriscam palavras e frases na outra língua. o que venho observando é que já ocorre o mesmo c/ o inglês, como por exemplo o 'spanglish' . alunos hoje se arriscam muito nas terminologias em inglês.
- E (11:31 PM) : A sua tendência é censurar isto, ou acha natural o aparecimento de pidgins e outros "world englishes"?
- ED 239 (11:32 PM) : acho natural e inevitável. não evitaria de modo algum, ao contrário, estimularia a autonomia dos alunos
- E (11:33 PM) : Não sei se tem filhos, mas se tivesse, tentaria influenciá-los na escolha de alguma língua?
- ED 239 (11:36 PM) : não tenho, mas já pensei sobre isso, talvez tentasse criar em casa um ambiente de micro-imersão favorecendo bilinguismo em inglês-português...ainda não tenho opinião certa formada sobre isso.
- E (11:36 PM) : Vc está satisfeito com teu nível de proficiência em língua inglesa? Ainda tem alguma ansiedade insatisfeita?
- ED 239 (11:39 PM) : nunca estou satisfeito...eu entendi perfeitamente o discurso do presidente, mas ainda leva tempo p/ me acostumar com certos rappers, dou aula de proficiencia p/ grupos de alunos e professores da unicamp, assim me preparo sempre, mas falta, obviamente, o contato nativo, o que tento suprir c/ meios de comunicação em geral e acolhendo estudantes de programas estrangeiros em casa.
- E (11:40 PM) : Quais afinidades culturais você tem com os povos falantes de inglês? Suas qualidades? Defeitos?
- ED 239 (11:42 PM) : não me identifico culturalmente c/ povos falantes de inglês. isso não quer dizer que não reconheça aspectos bons ou ruins, mas não há identificação.
- E (11:42 PM) : Ainda pensando nestes povos, como você imagina que eles nos representam, que conceitos teriam de nós, brasileiros?
- ED 239 (11:47 PM) : sabemos que há falta de informações a respeito de países estrangeiros tidos como subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, em determinados segmentos, o que faz que, em geral tenha uma série de conceitos pré formulados a respeito de países como Brasil
- E (11:48 PM) : Quais já ouviu dos teus hóspedes que te chocou?
- ED 239 (11:53 PM) : canadenses que não sabiam que há tantos países na América do sul; um cara da pennsilvania que tomou mais de dez vacinas diferentes (de febre amarela até rubéola) p/ vir p/ cá porque leu que aqui, o contato com a natureza, aliado à sujeira produzida pela população, em sua maioria vivendo nas ruas, gera um ambiente propício p/ proliferação de doenças. e, a que eu considero clássica, não saber que haviam tantos prédios assim.
- E (11:53 PM) : Pelo uso do inglês, vc já conseguiu desfazer algum preconceito, ou sustentar uma contra-palavra? Vc costuma ter este tipo de atitude?
- ED 239 (11:55 PM) : quando vêm até o brasil, são instantaneamente desmistificados, mas em salas de bate papo em inglês a toda hora estou "defendendo" idéias opostas a essas barbáries. já consegui fazer a cabeça de alguns gringos, acho.
- E (11:55 PM) : Em que tua vida melhorou pelo aprendizado do inglês? Que benefícios já obteve e que outros ainda espera obter?
- ED 239 (11:58 PM) : pude ter um emprego aos 16 anos e hoje c/ 21 tenho uma independência economica conseguida através do ensino de LE. estudo bastante na área da lingüística aplicada para desenvolver metodologias e retribuir c/ pesquisas.
- E (11:58 PM) : Vc acha o português devidamente valorizado no mundo?

ED 239 (0:02 AM) : acho que o termo "valorizado" não é correto, se empregarmos na mesma frase o sentido mundial. cada língua tem seu valor e este só se justifica dentro de um país, é o que, a princípio, une um povo. poderíamos dizer que o português não seja utilizado, por exemplo, em questões relevantes internacionais e até tratados, porém não se questiona o valor de uma língua assim.

E (0:03 AM) : Vc já pensou em defender o ensino de português como língua estrangeira? É uma bandeira que te atrai?

ED 239 (0:05 AM) : sim. conversei com professoras especialistas na área como Eunice no iel, as oportunidades de mercado estão se abrindo e já fiz uma proposta p/ uma das escolas na qual trabalho p/ implementar o curso. afinal, minha formação na unicamp é em língua materna.

E (0:06 AM) : Vc que já estudou tantas línguas acha importante a luta pela diversidade linguística?

ED 239 (0:07 AM) : o q é a luta pela diversidade linguística? vc diz regional??

E (0:07 AM) : Pela preservação das línguas do planeta, incluindo as línguas minoritárias.

ED 239 (0:08 AM) : sim, pois é base da identidade de uma nação.

E (0:08 AM) : Como você avalia a política de línguas estrangeiras da escola pública?

ED 239 (0:12 AM) : as escolas estão se esforçando para estarem de acordo c/ os pcns. a questão do ensino de LE, tanto em escolas públicas quanto em privadas, foi, durante bom tempo, deixada a critério das instituições de ensino. com uma melhor especificação sobre o que esperar da LE no currículo normal, a tendência é uniformizar e nivelar o ensino.

E (0:13 AM) : Vc acha a oferta de línguas estrangeiras suficiente pela escola pública?

ED 239 (0:14 AM) : a oferta seria suficiente, não fosse a demanda desigualmente superior. não acho q seja um problema específico de LE.

E (0:14 AM) : Vc acha importante que o mundo todo possa se comunicar numa língua única?

ED 239 (0:15 AM) : não

E (0:15 AM) : Você acha que o inglês poderia ser uma ameaça às outras línguas? O inglês pode ser nocivo em algum aspecto?

ED 239 (0:15 AM) : não.

E (0:16 AM) : Gostaria de me fazer alguma pergunta?

ED 239 (0:17 AM) : qual o objetivo da sua redação?

E (0:19 AM) : Eu pesquisei a "escolha" de língua estrangeira, partindo da hipótese de que ela está cada vez mais restrita, tendo em vista o inglês como língua hegemônica. Mas tento me distanciar de respostas unicamente políticas, porque acho que esta dicotomia entre o desejo de uma língua universal e a concretude de Babel é anterior a esta questão.

ED 239 (0:20 AM) : com certeza é. difícil vai ser provar, acho. parabéns pela escolha do tema e tomara que obtenha bons resultados.

E (0:21 AM) : ED, muito obrigada pela paciência e atenção.

ED 239 (0:21 AM) : disponha. guarde o email e me avise quando já puder ler algo que tenha produzido.

E (0:22 AM) : Ok. Tua contribuição foi preciosa. Te desejo uma boa noite e muito sucesso!

ED 239 (0:22 AM) : idem. té +. boa noite

Entrevista Sujeito 208 (J) em 18/03/03

E: Oi, J, dá pra prostrar um pouco ou que outro horário é melhor pra vc?

J: podemos, sim:0

E: Beleza, deixa só eu pegar teu questionário... Peraí

J: ok

E: J, porque vc as opções que fez : alemão na Unicamp, Inglês fora e também Italiano. Qual o teu interesse em línguas estrangeiras em geral e nestas em particular. Favor falar de cada uma.

J: eu escolhi alemão na Unicamp porque fiquei com dó de fazer inglês na Unicamp, inglês é uma língua q vc tem mais facilidade de encontrar bons professores e boas escolas fora da universidade, e cursos de alemão são caros e raros.

J: gosto muito da língua alemã, acho muito bonita, e também por não ser tão comum

- E: Qual a importância do alemão no mundo hoje?
- J: escolhi inglês fora da Unicamp pelo motivo citado acima, e por achar inglês essencial (além da identificação com a língua)
- J: peraí q tô acabando a primeira
- E: Desculpa....
- J: e italiano, eu estava desempregada, surgiu a oportunidade de fazer o curso, barato, e a professora era realmetne muito boa, como eu queria aproveitar o tempo de folga (desempregada), fui aprender outra língua, acho q isso nunca é demais
- E: Pode responder a pergunta sobre a importância do alemão no mundo?
- J: bom, eu sempre ouvi meu pai dizer q quem tem alemão hj consegue bons empregos, pq é uma língua difícil (não tem aspas neste micro, mas leia o difícil entre aspas), e q é raro quem a fala. Mas isso depende do emprego, eu fiz mesmo porque tenho interesse pessoal pela língua
- E: O que é um interesse pessoal? Estético?
- J: interesse de curiosidade por aprender, de poder me comunicar em outra língua
- J: de realmente poder dizer: eu sei uma língua
- E: E além da facilidade de acesso que teve ao italiano, o que a motivou?
- J: qdo meu padrinho perguntou se eu queria fazer o curso com ele, aceitei na hora, porque, como eu disse, nunca é demais saber outra língua, e quanto mais conhecimento melhor. Poderia ter sido outra língua.
- E: Porque teu interesse tão forte por tantas línguas diferentes?
- J: eu não sei se consigo explicar. Realmente, gostaria muito de aprender diversas línguas, adoro estudar línguas estrangeiras, acho q vc aprende um pouco sobre a cultura do lugar. Tb é um certo status hj em dia falar várias línguas, não se pode negar isto
- E: J, vc respondeu no questionário que pretende futuramente ensinar LE. Porque escolheu um curso como o da Unicamp que não a habilitará para este propósito?
- J: minha escolha do curso não teve muito a ver com isso, pq qdo escolhi Letras não sabia direito o q era o curso. Acho q no decorrer do curso fui descobrindo melhor as opções q eu teria como estudante de Letras. Eu realmente não sabia o q estudaria nesta graduação
- E: Está satisfeita?
- J: com o curso?
- E: Sim.
- E: Quando iniciou a graduação, já tinha alguma proficiência em alguma língua?
- J: não totalmente, mas não pela questão da língua estrangeira. Acho q o curso de licenciatura (meu caso) deixa muito a desejar por se voltar demais para as áreas da pesquisa e esquecer de abordar questões relativas ao ensino, especialmente no que diz respeito à literatura
- E: Vc afirmou que usa LE na vida particular e profissional. Qual?
- J: Não tinha feito curso nenhum em nenhuma língua, somente Inglês em escolas, mas sempre gostei de Inglês, portanto acho q tinha um certo conhecimento
- J: Eu trabalho numa empresa de traduções técnicas, faço revisão de qualidade de manuais de informática, e na vida pessoal utilizo o Inglês (mais especificamente) em músicas, textos, e filems, acho q a questão pessoal é meu interesse mes,o. comolo o inglês na minha vida cotidiana
- E: Como vc classificaria tua proficiência no inglês hoje? Ainda sente alguma necessidade de melhorar? Qual seria teu limite de aperfeiçoamento desejado e como pretende alcançá-lo?
- J: Considero meu inglês relativamente fluente, mas ainda tenho muito o q melhorar, especialmente no que diz respeito à pronúncia (porque vocabulário sempre se aprende, nunca se sabe tudo), não sei se há um limite, mas não pretendo parar de estudar, gostaria de dar aulas
- E: E como vai teu aprendizado de alemão? Satisfeita com teu progresso?
- J: eu fiz dois anos de alemão, mas tive q parar pq o curso oferecia somente 2 anos como obrigatório, e depois disso os horários ficaram impossíveis pra mim (trabalho). Infelizmente esqueci muita coisa (o alemão não é como o inglês, não temos tanto contato, é difícil manter). Sinto-me frustrada por ter interrompido temporariamente os estudos de alemão, mas pretendo voltar assim q possível. O aprendiza
- J: O aprendizado da língua (alemão) é mais lento q o de inglês, acho q por essa dificuldade de imersão, de materiais da língua
- J: em 2 anos aprendi o q se aprende de inglês em 6 meses, mais ou menos
- E: E porque gostaria de estudar espanhol e francês? Acha que é só um desejo, ou vai lutar para concretizá-lo?

- J: Com certeza vou estudar essas línguas ainda. O espanhol, por uma afinidade mais pessoal, gosto da língua e da cultura espanhola (faço dança flamenca), e o francês mais por reconhecer a grandeza e a importância da língua. Nos dois casos, minha justificativa enquadra-se na questão de querer aprender línguas novas
- E: Não sei se vc tem filhos, mas se os tivesse, vc tentaria influenciá-los para aprender alguma língua em particular?
- J: com certeza, tentaria passar (porque não os tenho) para eles a idéia q tenho a respeito do conhecimento de outras línguas, de q nunca é demais. Na verdade, acho q isso aconteceu comigo
- J: Mesmo meus pais não tendo tanta experiência em línguas assim, sempre me influenciaram desta forma
- E: Eles valorizam as línguas estrangeiras em geral, ou têm preferências?
- J: minha mãe fez letras na Puc, e sempre gostou de inglês, apesar de não ter mais um bom conhecimento, mas sempre me incentivou, me ensinava algumas palavras, essas coisas. Meu pai sabe somente o básico, mas tb reconhece a importância do Inglês. E ele acha alemão muito importante, como já disse. Minha mãe ainda acha lindo (entre aspas) espanhol e italiano
- E: Que afinidades culturais vc tem com os povos falantes do inglês? Pode citar qualidades e defeitos deles?
- J: na verdade, não tenho (ainda) muito conhecimento acerca da cultura americana, e não gosto de generalizar um povo, muito menos sem conhecê-lo.
- E: E dos alemães? Que conceitos tem deles?
- E: Desculpa.... Alemães....
- J: hehe a mesma coisa. Tive um professor alemão na faculdade q mudou o senso comum q temos acerca dos alemães. Acho complicado generalizar e dizer: os brasileiros são assim, os americanos são assado
- E: Quando pensa no aprendizado de uma língua estrangeira, vc pensa muito no que tem a aprender ou também pensa no que quer ensinar sobre a tua cultura?
- J: acho a troca interessante, mas sempre temos mais o interesse de aprender (mesmo porque, nem sempre as pessoas querem saber sobre nós e nossa cultura - claro, não generalizando)
- E: Já pensou em morar fora do país? Qual? Como seria viver lá?
- J: gostaria de conhecer Estados Unidos, Alemanha e Espanha. Acho q seria maravilhoso
- E: Porque? Maravilhoso em que sentido?
- J: maravilhoso poder estar num lugar longe, conhecendo coisas novas, aprendendo muito mais uma língua, realmente parece outro mundo, acho q iria aprender muito, sobre relações humanas tb, e sobre como ser sozinha, fazer amigos, coisas assim
- E: Quais as línguas mais valorizadas no meio acadêmico no Brasil?
- J: certamente inglês, francês
- E: Quais as línguas mais valorizadas nas instituições privadas?
- J: inglês e espanhol, embora a segunda um pouco menos
- E: Das línguas que estuda ou pretende estudar, como classifica o acesso a elas em termos de cursos disponíveis, seja na escola pública, seja em cursos privados?
- J: acesso real a uma boa aprendizagem, acho difícil, especialmente nas escolas públicas, devido ao desinteresse das instituições em ensinar LEs (proposital ou não)
- J: em escolas particulares, acho complicado, porque há muitas escolas de idiomas q querem ganhar dinheiro fácil, mas não oferecem um bom ensino
- J: geralmente, as escolas boas acabam sendo caras
- E: Vc está fazendo um bom curso de inglês?
- J: sim, considero meu curso muito bom
- E: Quais as línguas mais valorizadas na mídia?
- J: inglês, sem dúvida
- E: O que vc acha que poderia ser melhorado na política de línguas estrangeiras da escola pública?
- J: acho q o desinteresse aparente pode ser proposital, de modo a impedir o acesso dos alunos a melhores níveis de oportunidades. Isso deveria ser pensado com seriedade
- E: Em que vc espera ter sua vida melhorada pelo conhecimento destas línguas? Que tipo de benefícios este conhecimento já te proporcionou e poderá ainda proporcionar?
- J: Muitas vezes diz-se q é melhor ensinar a Língua materna direito do q uma LE, mas acaba não ocorrendo nem uma coisa nem outra; acho q os 2 processos podem ser simultâneos
- J: além da satisfação pessoal (q pra mim é o maior argumento), este conhecimento facilita a busca por empregos, e também influi no seu círculo social, se vc tem contato com pessoas q tb têm os mesmos interesses
- E: J, escreva à vontade. Só estou sendo rápida porque me preocupo em salvar seu precioso tempo!

E: Vc acha que o português é devidamente valorizado no mundo?
J: não sei... sinceramente não sei
E: Vc que se interessa por tantas línguas diferentes, acha que o inglês pode ser uma ameaça às outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?
J: pode, desde q ele ultrapasse a importância da língua materna. Creio q devemos saber nos interessar pela LE e pela Língua materna
E: Vc acha importante que haja uma língua universal?
J: sim, acho. É interessante que as pessoas possam se comunicar independente do país onde moram
E: Acha que o inglês cumpre bem o papel desta língua franca?
J: ainda não, pq o acesso a ele ainda não é tão facilitado
E: Deveria ser mais valorizado no Brasil?
J: em diversos países, creio q sim
E: Vc acha que a escola deveria proporcionar também o aprendizado de outras línguas?
E: digo... proporcionar....
J: sim, acho q seria muito bom
E: Vc acha válido o trabalho de preservação de línguas minoritárias? Por exemplo das línguas indígenas?
J: para a cultura geral dos alunos
J: sinceramente, não tenho interesse pessoal por línguas indígenas, mas creio q pode ser por falta de divulgação mesmo
E: Vc já pensou em ensinar português para estrangeiros?
J: acho importante um trabalho neste sentido
J: essa de cima foi das línguas indígneas
E: Ok...
J: qto a port para estrangeiros, estou tendo uma matéria sobre isto este semestre, e ainda estou formando minha opinião a respeito
E: E gostaria de fazer tradução do português para LEs? Que tipo de textos acha deveriam ser mais traduzidos?
J: nunca pensei nisso... mas acho q literatura (boa, hehehe), e algumas pesquisas q se faz nas faculdades
E: J, tua participação foi preciosa para o meu trabalho. Vc quer me fazer alguma pergunta?
J: quero agradecer e dizer q me coloco à disposição para qdo vc precisar. Sobre o q mesmo (especificamente) é seu trabalho? E o q e onde vc estuda mesmo?
E: Faço mestrado em Linguística Aplicada e estou pesquisando este processo de escolha de línguas estrangeiras.
J: hum, eu não lembrava se vc era da PUc ou da Unicamp
E: Muitíssimo obrigada e a gente se fala pela web afora.... Um forte abraço
J: outro
E: Puxa, vc é creque em manejar estes emoticons... Ainda não aprendi...)

Entrevista Sujeito 131 (C131) em 19/03/03

C 131 (3:48 PM) : Você pode começar, se quiser... Você tem noção de quanto tempo demora, mais ou menos?
E (3:48 PM) : Se vc for rapidinha, em uma hora terminamos.
E (3:49 PM) : Na verdade, tenho umas 30 perguntas. Mas é que às vezes elas se desdobram, dependendo das tuas respostas.
E (3:50 PM) : Também podemos começar e interromper quando vc precisar....
C 131 (3:51 PM) : Tudo bem...
C 131 (3:51 PM) : Pode começar, então...
E (3:52 PM) : Porque resolveu fazer o curso de letras?
C 131 (3:53 PM) : Porque queria dar aulas de Português e Redação.
E (3:53 PM) : Porque optou por estudar alemão?
E (3:56 PM) : Está recebendo???
C 131 (3:58 PM) : Bom, meu namorado morou na Alemanha por um ano e sabe falar alemão. Isso me influenciou um bastante... Além disso, estudei inglês durante muito tempo e não valeria à pena fazer o teste de proficiência, pois "queimaria" meus créditos de língua estrangeira. A maioria dos alunos da minha turma escolheu francês, mas eu nunca tive vontade de estudar francês (apesar de agora

- achar que vou ter que acabar aprendendo um dia...). Eu não me preocupei muito, porque nunca tive um grande interesse por línguas estrangeiras...
- C 131 (3:58 PM) : Na verdade eu sempre me interessei mais pela língua materna mesmo.. Mas acabei me dando muito bem com o alemão, pelo menos até agora... E estou gostando muito da língua.
- E (3:59 PM) : Qual a tua proficiência em inglês? Como era quando iniciou a graduação?
- C 131 (3:59 PM) : Não fiz o teste e não sei exatamente "qual a minha proficiência", acho isso meio "vago". Estudei inglês em curso de línguas por sete anos.
- E (4:00 PM) : Então, o que consegue fazer com a língua? Lê bem, fala, escreve? Imagino que já tenha um bom nível.
- C 131 (4:01 PM) : Este semestre faço tradução, estou me virando bem... Mas estou um pouco distante do inglês, pois depois que parei (fiz até o final de 2001) não tive mais muito contato...Agora estou voltando, por causa da "Tradução".
- E (4:01 PM) : Do que está gostando no aprendizado do alemão?
- C 131 (4:02 PM) : Ah, gostei da estrutura, do ritmo da língua... E do som também... Talvez até por ser tão diferente do português, não sei...
- E (4:03 PM) : Porque vc acha que terá que aprender francês?
- C 131 (4:03 PM) : Para leituras futuras, talvez... Ter pelo menos uma noção...
- E (4:03 PM) : Vc já sente esta necessidade pela bibliografia do curso?
- C 131 (4:04 PM) : Não, por enquanto não...
- E (4:04 PM) : E porque pretende aprender espanhol?
- C 131 (4:05 PM) : Porque acho uma língua parecida com o português, mas ao mesmo tempo, ou até por isso mesmo, um pouco complicada para os brasileiros...
- E (4:05 PM) : Agora vc poderia me falar um pouco deste teu "caso de amor" pelo português?
- C 131 (4:05 PM) : Hahahahaha... Posso...
- C 131 (4:06 PM) : Vc vai fazer perguntas ou é pra eu falar??
- E (4:06 PM) : Fale um pouco primeiro....
- C 131 (4:08 PM) : Bom, não sei se foi influência de professoras que eu tive, acho que deve ter sido... Mas desde o segundo ano do ensino médio resolvi que queria ser professora de português... A profissão em si, me agrada... Eu gosto de dar aula. Tenho um pai professor (só que de Física) e sempre vivi muito este ambiente de escola, sabe? Então acho até que é uma visão meio "romântica"... Quanto à escolha pelo português, é difícil explicar... Eu gosto de gramática, de analisar, de refletir sobre a língua... Gosto de trabalhar com textos, especialmente.
- E (4:09 PM) : Gosta de escrever?
- C 131 (4:10 PM) : Gosto, mas de escrever coisas "práticas". Um texto informativo, uma argumentação... Sem chegar na literatura...
- E (4:10 PM) : Já tem uma idéia da área na qual pretende se especializar?
- C 131 (4:10 PM) : Ainda não...
- E (4:10 PM) : Como você vê a língua portuguesa no mundo? É importante? É valorizado? É suficientemente traduzido?
- E (4:10 PM) : Ops.... desculpa a troca dos artigos...
- C 131 (4:11 PM) : Acho que não...
- C 131 (4:11 PM) : Nenhuma das três..
- E (4:11 PM) : Você acha importante reverter este quadro?
- C 131 (4:12 PM) : Acho que sim, mas isso não tem a ver exatamente com a língua...
- E (4:12 PM) : Vc quer dizer o país como um todo?
- C 131 (4:13 PM) : Quero dizer que o fato de o português não ser devidamente valorizado não tem a ver com a língua portuguesa, mas com o Brasil...
- E (4:13 PM) : Foi o que entendi, então. Vc já pensou em dar aula de português para estrangeiros?
- C 131 (4:13 PM) : Já...
- E (4:14 PM) : Pretende fazê-lo?
- C 131 (4:14 PM) : Mas ainda não fiz nenhuma matéria nem li nada que tratasse desse assunto
- C 131 (4:14 PM) : Isso eu acho que vai depender mais das oportunidades que aparecerem...
- C 131 (4:15 PM) : Se eu for morar na Alemanha algum dia, por exemplo...

E (4:15 PM) : Das LE que estudou - o inglês e o alemão, quais as afinidades lingüísticas ou culturais vc poderia citar?

C 131 (4:15 PM) : Entre as duas e o português?

E (4:16 PM) : Pensando no inglês, como foi o aprendizado, linguisticamente falando - sonoridade, facilidade, beleza?

C 131 (4:17 PM) : Bom, comecei o inglês com dez anos, então acho que foi um processo meio natural, acho que eu tinha que aprender de qualquer jeito...

E (4:17 PM) : Vc decidiu fazer inglês ou sua família aconselhou?

C 131 (4:17 PM) : Minha mãe me matriculou...

E (4:18 PM) : Qual a importância do inglês no mundo?

C 131 (4:18 PM) : Mas "eu já sabia" que iria fazer inglês

C 131 (4:19 PM) : Os Estados Unidos são o "foco" do mundo e o inglês é importante para tudo... Pelo menos aqui no Brasil é uma língua muito utilizada, até mesmo inconscientemente, por pessoas que nem mesmo sabem inglês...

C 131 (4:19 PM) : Isso de uma forma mais superficial...

E (4:19 PM) : Quando tiver filhos, vc acha que os aconselharia também a estudar inglês?

C 131 (4:20 PM) : Acho que sim...

E (4:20 PM) : Em qual língua estrangeira pretende se aperfeiçoar ao máximo? Porque?

C 131 (4:20 PM) : Naquela em que eu precisar mais...

C 131 (4:21 PM) : Como eu já falei, meu interesse principal não é língua estrangeira... Então, por enquanto, as trato como um "hobby"

E (4:21 PM) : Vc realmente pensa em viver fora do Brasil ou é uma hipótese remota? Ou seria só para morar fora por uns tempos?

C 131 (4:22 PM) : Seria só por uns tempos... É uma hipótese. Nem certa, nem remota. Mas eu acho que seria interessante, principalmente depois que se tem filhos...

E (4:22 PM) : Você acha que o mundo necessita de uma língua universal, uma língua franca?

C 131 (4:23 PM) : Acho que não... Mas o inglês quase que tem feito esse papel ultimamente...

E (4:23 PM) : Acha que o inglês cumpre bem este papel?

C 131 (4:23 PM) : Acho que cumpre do mesmo jeito que qualquer outra que estivesse no lugar cumpriria... Não acho que isso tenha a ver com a língua em si...

E (4:24 PM) : Você acha que o inglês pode ser uma ameaça para as outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?

C 131 (4:24 PM) : Acho que não...

E (4:24 PM) : Você preza a diversidade lingüística do mundo?

C 131 (4:24 PM) : Sim, claro...

E (4:25 PM) : E no que se refere a línguas minoritárias, como as línguas indígenas, acha válido o trabalho de preservação?

C 131 (4:25 PM) : Acho.

E (4:25 PM) : Se não soubesse ler inglês, como acha que seria sua vida acadêmica?

C 131 (4:26 PM) : Primeiramente, eu não estudaria na Unicamp...

E (4:26 PM) : Como é a demanda bibliográfica em termos de LE?

C 131 (4:27 PM) : Depende da matéria... Na maioria das vezes, não tem sido tão grande. Mas semestre passado fiz uma matéria com uma professora norte-americana que só tinha bibliografia em inglês...

E (4:27 PM) : E o francês, espanhol?

C 131 (4:28 PM) : Por enquanto ainda não precisei... Mas imagino que num mestrado seja fundamental...

E (4:28 PM) : Quando pensa nos povos falantes de alemão, que qualidades ou defeitos vc poderia apontar?

C 131 (4:30 PM) : Eu imagino que sejam pessoas bem educadas, bem criadas, interessantes de se conviver... Mas também muito fechadas, tímidas, sem muito calor humano...

E (4:30 PM) : E o que poderia falar dos povos falantes de inglês?

C 131 (4:30 PM) : Acho que devem ser mais parecidos com a gente...

E (4:31 PM) : Como somos?

C 131 (4:31 PM) : Talvez mais esnobes, não sei...

C 131 (4:31 PM) : Como somos?? Difícil esta...

E (4:31 PM) : Vc está satisfeita com a política de línguas estrangeiras oferecida pela escola pública do Brasil?

- C 131 (4:33 PM) : Não estou muito por dentro desse assunto... Mas não imagino que seja satisfatória... Como nada tem sido na rede pública brasileira...
- E (4:33 PM) : Vc acha que deveriam ser oferecidas outras opções de LE?
- C 131 (4:34 PM) : Acho que primeiro uma deveria ser estruturada de forma adequada...
- C 131 (4:34 PM) : Depois podem pensar em oferecer outras...
- E (4:34 PM) : Dos brasileiros que você conhece que falam alemão, vc acha que eles têm algum tipo de interesse comum? Acha que eles valorizam alguma área de conhecimento específico?
- C 131 (4:35 PM) : Sim... Acho que são pessoas que trabalham com alta tecnologia, coisas que no Brasil não têm muito investimento... Principalmente na área de engenharia...
- E (4:36 PM) : A mesma pergunta para os brasileiros que você conhece que falam inglês. Dá para adjetivá-los?
- C 131 (4:37 PM) : Seriam aqueles que se preocupam com o status que a língua ganhou... Aquela coisa: "para conseguir um bom emprego, blá, bá, blá", o que não deixa de ser verdade...
- E (4:37 PM) : E os que falam francês? Acha que se interessam mais pelo quê?
- C 131 (4:38 PM) : Pela língua mesmo... Porque acham bonito, ou então pela cultura francesa...
- E (4:39 PM) : Vc gostaria de me perguntar alguma coisa ou de fazer alguma comentário?
- C 131 (4:39 PM) : Em que área específica vc trabalha?
- E (4:40 PM) : Sou mestranda em Linguística Aplicada e estou fazendo um estudo para tentar entender melhor o processo de "escolha" de línguas, num contexto onde o inglês é a língua hegemônica.
- C 131 (4:40 PM) : Ah...
- E (4:41 PM) : C, sua colaboração foi preciosa para o meu trabalho. Muitíssimo obrigada!!!
- C 131 (4:41 PM) : Que bom, E...
- C 131 (4:41 PM) : Se vc precisar de alguma coisa, é só escrever... Boa sorte no seu trabalho!
- E (4:42 PM) : Muito obrigada. Manteremos contato e muito sucesso nos teus estudos!
- C 131 (4:42 PM) : :)

Entrevista Sujeito 138 (AC) em 20/03/03

- E: Oi, AC, quando quiser podemos começar, ok!
- AC: podemos começar agora...
- E: Ótimo. Antes da graduação, vc só tivera contato com o inglês no ensino fundamental e médio?
- AC: Sim. Uma vez eu iniciei um curso em uma escola de ingles, mas como o ensino nao era muito eficiente, eu logo sai
- E: E porque fez as opções que fez na Unicamp: inglês e francês?
- AC: O inglês eu escolhi porque al+em de ser um idioma indispensavel hoje em dia , eu gosto muito dessa lingua. e o francês pelo fato de, alem de eu tambem achar gostar , vai me ser muito util na leitura de alguns livros na graduação.
- E: Sobre influências externas que pode ter sofrido nesta escolha, vc poderia assinalar alguma destas como família, amigos, colegas, ambiente de trabalho, mídia, escola?
- AC: O meu pai fala inglês fluentemente e acho que isto pode ter feito com que eu passasse a gostar da língua. Quanto a escolha do francês, acredito que os conselhos de alunos do segundo ou terceiro ano possam ter me estimulado a optar por essa língua eles sempre falavam que nós iriamos usar muito o frances
- E: Quando vc diz que gosta de inglês, que elementos poderia mencionar para descrever este "gosto" ?
- AC: Eu sempre me interessei pelo inglês, gosto de pegar textos, letras de músicas para traduzir, entre outras coisas
- E: Quando viz que o inglês é indispensável, poderia falar sobre a importância desta língua no mundo?
- AC: Hoje em dia a maior parte dos empregos exige que o trabalhador tenha um bom domínio de tal idioma, a internet está cada dia mais atuante em nossas vidas e , grande parte das informações que ela tem a nos oferecer está em inglês,
- E: Qual o aperfeiçoamento máximo que espera obter nesta língua? Como?
- AC: Eu pretendo adquirir uma boa fluência em inglês, de modo a ser capaz de, além de entender textos escritos, conseguir me expressar bem e compreender adequadamente essa l+ingua, quando falada
- E: Acha que o teu curso vai te proporcionar esta proficiência? Pôde constatar isto nos alunos de graus mais avançados?

- AC: Pelas informações que eu tive até o momento, acredito que o curso de inglês oferecido no CEL pode não ser suficiente para que eu adquira tal proficiência. Pretendo, depois de terminá-lo, fazer ou aulas particulares, ou em alguma outra escola de idiomas. Tenho muita vontade de passar alguns meses no exterior, pois conviver com a língua é a melhor forma de aprendê-la, mas não sei se vai ser possível
- E: Porque não? Para onde gostaria de ir?
- AC: Tenho muita vontade de ir para a Austrália, mas também já pensei em ir para o Canadá ou mesmo para o próprio Estados Unidos (meu tio morava lá até o final do ano passado). Mas com a situação financeira do país e agora com essa história da guerra...
- E: Que afinidades culturais vc tem com os povos falantes do inglês?
- AC: Acredito não ter muita afinidade com a cultura desse povo .
- E: E o que acha importante mencionar sobre a cultura dos povos falantes do francês?
- AC: Também não tenho um conhecimento muito profundo do povo francês, apesar de atualmente minha professora estar trazendo para a sala de aula textos, de certa forma , mais culturais (como as músicas, por exemplo)
- E: Vc está gostando de aprender esta língua? Porque?
- AC: Sim, muito. Acho a melodia do francês muito bonita, podendo até mesmo dizer atraente (é interessante notar que essa "atração " pela língua é algo recíproco , uma vez que eles também gostam do sotaque brasileiro).
- E: Qual o nível de proficiência pretende atingir no francês? O mesmo do inglês?
- AC: Eu gostaria, sem dúvida, de atingir um alto grau de proficiência no francês e vou me esforçar para que tal objetivo seja atingido.
- E: Vc também mencionou que talvez faça espanhol ou italiano. Porque?
- AC: O espanhol porque também acho uma língua importante. Já o italiano eu sempre tive vontade de aprender, não sei muito bem o motivo.
- E: Vc acha importante saber várias línguas?
- AC: Sim.
- E: No teu curso vc preza mais o tema ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras ou de língua materna?
- AC: No começo eu me interessava muito mais por ensino de língua materna. Mas depois que eu fiz uma matéria de ensino de língua estrangeira comecei a me interessar mais por esse assunto.
- E: Vc informou que gostaria de ensinar LE. Porque escolheu este curso na Unicamp que não irá habilitá-la para tal?
- AC: Meu interesse inicial é ensinar língua portuguesa, mas eu também penso em ensinar LE caso surja alguma oportunidade. Também já pensei em, depois de acabar a graduação na Unicamp, tentar fazer na USP algumas matérias que me habilitem a lecionar em LE
- E: Qual a tua relação com o português? Já tem alguma idéia da área em que pretende se especializar?
- AC: Eu ainda não me decidi por completo, pois apesar de gostar muito da área de linguística aplicada, adoro literatura. Porém acho que vou acabar optando pela área de linguística
- E: Vc acha o português suficientemente divulgado e valorizado no mundo?
- AC: Não muito.... também acho que o português dentro do nosso próprio país ainda enfrenta muitos problemas , principalmente com relação aos conhecidos "mitos linguísticos".
- E: Quais são?
- AC: O ensino do português nas escolas não é bem administrado, as pessoas possuem muitos preconceitos que acabam por prejudicar os próprios falantes...
- E: Vc já pensou em ensinar português para estrangeiros?
- AC: Ainda não tinha considerado essa hipótese, apesar de achar~la muito interessante
- E: Que tipo de texto em português mereceria ser mais divulgado / traduzido?
- AC: Acho que além de textos literários, textos que tratem da nossa cultura.
- E: Vc que se interessa por tantas LEs, vc preza a diversidade linguística do mundo? Acha justa a luta pela preservação até mesmo de línguas minoritárias como as indígenas?
- AC: Sim ,acredito que mesmo essas línguas minoritárias devem ser preservadas, afinal elas fazem parte da cultura de um povo.
- E: Ainda pensando em diversidade linguística, vc acha suficiente a oferta de LEs pela escola pública? Está satisfeita com a política de línguas estrangeiras?

AC: Não, ainda é muito precário o ensino de LE em escolas públicas (até mesmo em muitas escolas particulares). Muitas vezes aplica-se um ensino muito superficial, que não habilita realmente o aluno no idioma escolhido por ele

E: E a oferta de LEs é suficiente ou deficitária?

AC: Acho que ainda é deficitária

E: O inglês pode te proporcionar crescimento pessoal? Em que pode facilitar tua vida? Pode melhorar teu currículo? Pode trazer compensação financeira?

AC: Acredito que sim. Um profissional que domine o inglês possui hoje uma maior facilidade na procura por um emprego

E: E o francês?

E: Desculpe se te interrompi.... "Fale" à vontade!

AC: Acredito que a exigência pelo francês seja menor

E: Quando pensa nas pessoas que vc conhece que falam inglês, vc acha que elas têm algo em comum? Valores comuns? Se interessam por certas áreas específicas de conhecimento?

AC: Acho que hoje em dia as pessoas das mais diversas áreas estão se interessando - ou sendo obrigadas a se interessar - pelo inglês. Mas acho que a grande maioria pertence a uma classe mais alta, com mais oportunidade de estudo

E: E como vê as pessoas que conhece que falam francês? O que elas têm em comum?

AC: Não conheço muitas pessoas que realmente falam o francês... mas acredito que a situação não seja muito diferente da do inglês

E: Que tipo de literatura / linguagens (cinema, música) / assunto mais te interessam na língua inglesa?

AC: Alguns textos literários como Shakespeare, músicas em geral...

E: E na língua francesa?

AC: Também me interesso por textos literários (como contos), apesar de ainda não ter tido um muito contato com eles .

E: Qual (ais) LE(s) é (são) mais valorizada(s) no meio acadêmico?

AC: O inglês,

E: E nas empresas privadas?

AC: O inglês também

E: Vc sente mais ansiedade pelo que tem a aprender com elas línguas, ou também espera ensinar muita coisa pelo uso destas línguas?

AC: Apesar de ter uma certa ansiedade em aprender tais línguas, espero, sem dúvida, poder ensinar muita coisa com essas línguas

E: Vc acha importante que o mundo eleja uma língua universal?

AC: Acho que não...

E: Acha que o inglês ameaça as outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?

AC: Acho que todos devem ser muito cautelosos quanto a influência de tal língua, afinal sua interferência é enorme . Mas não acho que chega ao ponto de ser nocivo

E: Quando tiver filhos (caso ainda não os tenha) acha que acabaria tentando influenciá-los no aprendizado de alguma língua? Qual?

AC: Vou incentivar meus filhos a aprenderem o inglês, e, talvez alguma outra língua como o francês. Mas não irei obrigá-los , afinal não se aprende uma língua sem que tenha o interesse do aluno

E: Cara AC, sua colaboração, paciência e atenção foram muitíssimo importantes para o meu trabalho. Vc gostaria de perguntar ou comentar alguma coisa?

AC: Também gostei muito de poder ajudá-la. Acho esse assunto muito interessante e sempre que precisar, pode voltar a falar comigo

E: Muito obrigada! Espero manter contato! Um grandnnnnnnnde abraço!

AC: Um grande abraço para você também (e também espero que possamos manter contato). Até mais !

Entrevista Sujeito 241 (N 241) em 21/03/03

N 241 (4:35 PM) : quer fazer a entrevista agora???

E (4:35 PM) : Oi, N, quero sim, vamos lá? Peraí, vou pegar teu questionário!

N 241 (4:35 PM) : ótimo

E (4:36 PM) : Quando vc iniciou a graduação, qual era teu nível de proficiência na língua inglesa?

N 241 (4:37 PM) : eu acho que nao sei classificar direito mas acredito que intermediário. Eu fiz inglês desde os 9 anos, durante 6 ou 7anos...

E (4:37 PM) : Vc já falava, tinha uma redação razoável, lia com facilidade?

N 241 (4:38 PM) : escrevia bem, tinha dificuldade com vocabulário ainda e com o temido Perfekt

N 241 (4:39 PM) : mas me comunicava bem, dava pra ser entendida

E (4:39 PM) : Ok. e vc sente que teu inglês evoluiu bastante durante a graduação? Está satisfeita com teu nível de aperfeiçoamento, ou ainda sente alguma ansiedade?

N 241 (4:41 PM) : nao, o curso de inglês na faculdade nao foi bom nao, melhorei por fora... Queria ter uma gramática boa, ter um inglês "padrao"

E (4:42 PM) : Como seria a tua atitude neste aprendizado: tua ansiedade é maior pelo que ainda tem a aprender na língua, ou sente também a necessidade dela para comunicar, ensinar talvez?

N 241 (4:42 PM) : e nas matérias comuns do currículo a gente nao tinha que ler em ingles nada do tipo, meu irmao fazia Biologia e todos os livros era em inglês

N 241 (4:43 PM) : pra ensinar nao, precisa gostar da língua pra isso e eu nao tenho tanta afinidade assim com o ingles. O que sei tá bom pra mim, entendo até filmes em ingles...

E (4:43 PM) : A bibliografia em inglês do teu curso foi pequena? E a bibliografia em francês?

N 241 (4:47 PM) : textos teóricos acho que nao teve nenhum em língua estrangeira. Os textos literários (geralmente poesia) tinham sempre traducao ao lado ou alguém fazia na sala. Tinha muito professor de ingles na minha classe mais na turma de Lingüística do que na de Letras

E (4:47 PM) : Vc afirmou no teu questionário que teus pais determinaram que vc estudasse inglês. Este aprendizado foi penoso? Preferiria ter estudado outra língua? Qual? (Pense apenas naquela fase inicial)

N 241 (4:49 PM) : nao foi penoso, eu gostava muito e nem tinha nocao de "outras línguas"

E (4:50 PM) : Vc gostava antes da graduação e depois reconheceu que não tem tanta afinidade assim com a língua? Porque? Descobriu outras?

N 241 (4:51 PM) : porque descobri outras. Frances, que estudei 2 anos na graduação e agora o alemão...
A propósito eu estou morando em Munique

E (4:51 PM) : Eu me lembro bem. Já vou chegar neste assunto, ok!

N 241 (4:51 PM) : Mas nao é que nao goste de ingles, apenas acho "morno"

E (4:51 PM) : Fale-me porque fez a opção pelo francês na graduação?

N 241 (4:54 PM) : boa pergunta. Acho que alguém me disse que era muito útil para a minha área. Além disso nao gosto de espanhol nem italiano e nao me interessei pelo alemão.

E (4:54 PM) : Está satisfeita com o que aprendeu ou ainda gostaria de avançar nos estudos de francês?

N 241 (4:55 PM) : preciso estudar muito, esqueci quase tudo, tive apenas uma base e o último semestre nao foi muito produtivo.

E (4:55 PM) : Temos uma contradição aqui, N, vc afirmou que gostaria de estudar espanhol e italiano, juntamente com o alemão. Vc estudaria uma língua da qual não gosta muito? Estudaria por quais motivos?

N 241 (4:57 PM) : eu falei que nao gosto de espanhol italiano agora porque sao chatas mas qualquer língua é gostosa de aprender pra mim. Mas seriam as últimas....

E (4:58 PM) : Entendo perfeitamente. E como surgiu o alemão na tua vida?

N 241 (4:59 PM) : agora acho que ingles frances e alemão está bom demais. Espanhol me irrita, acho que nao conseguiria estudar...

N 241 (5:00 PM) : o alemão surgiu porque uma amiga e convidou pra vir morar em Munique com au Pair. Antes disso nao sabia uma palavra em alemão...

E (5:00 PM) : Vc começou um curso antes de sair do Brasil, certo?

N 241 (5:02 PM) : me dá um minutinho?

E (5:02 PM) : Ok!

N 241 (5:07 PM) : pronto,é que aqui na internet de repente começa a ficar lento demais e cai a conexão..

E (5:07 PM) : O que aconteceu primeiro: o interesse pela língua, ou a oportunidade de ter uma experiência no exterior?

- N 241 (5:08 PM) : era pra eu vir em 2002, entao comecei um curso em setembro de 2001 com professora particular. Daí nao deu certo, eu resolvi terminar a faculdade primeiro e entao estudei alemao o ano todo 4 vezes por semana em escola e com professora particular
- N 241 (5:09 PM) : a experiência. Na verdade queria saber bem um idioma. Antes tava pensando até em ir pra os EUA, também como AU Pair
- E (5:09 PM) : E como está sendo o aprendizado? Está gostando?
- N 241 (5:10 PM) : muito... A Família é super legal. e me sinto muito bem aqui. No primeiro mes nao fiz curso pra poder passear mais, ordens de meu pai: Férias!!! :-). Comecei um curso há duas semanas
- E (5:11 PM) : Pensando em afinidades lingüísticas (beleza, sonoridade, facilidade, etc.) como classificaria o inglês, o francês e o alemão? Pode falar delas separadamente?
- N 241 (5:12 PM) : depois do alemao o ingles ficou fácil demais... Eu gosto de ler em alemao e ingles, mas o frances é bom de ouvir, mesmo sem entender. Se bem que agora com o alemao direto aqui estou gostando cada vez mais dessa língua
- E (5:12 PM) : E em termos de afinidades culturais com os povos falantes destas línguas? Poderia comentar alguma coisa?
- N 241 (5:13 PM) : o vocabulário aumenta a cada dia mas ainda escorrego na gramática. As pessoas me entendem mas eu queria falar "certo" e "bonito"
- N 241 (5:14 PM) : Eu tenho adorado a Alemanha, tudo muito organizado, é muito a minha cara. Em casa mil gavetas e armários, tudo tem seu lugar. Acho que, apesar de ser muito parecido no Brasil, eu nao iria gostar de morar nos EUA por exemplo.
- E (5:14 PM) : Por que não?
- N 241 (5:15 PM) : antipatia gratuita... Acho, influenciada pela guerra. Nao sei opinar quanto a morar na Franca...
- E (5:15 PM) : Em termos de importância do inglês, do francês e do alemão no mundo, o que vc poderia comentar?
- N 241 (5:16 PM) : Bom, aqui em qualuqrr lojinha que eu entro, pra comprar postal que seja, se nao me expresso bem no almeao, a pessoa comeca a falar ingles na hora. Eu entedo. Nao dá pra negar a importância...
- E (5:17 PM) : Vc recebeu influência da sua família para iniciar os estudos de inglês. Vc acha que tentaria influenciar seus filhos para aprender alguma língua? Qual?
- N 241 (5:17 PM) : mas aqui acontece uma coisa engraçada, nao consigo falar ingles nem frances. Até entendo mas na hora de falar só sai alemao,. Meu cérebro puxa sempre o alemao como língua estrangeira
- E (5:18 PM) : Acho bem positivo: vc está em total imersão.
- N 241 (5:18 PM) : sim, o alemao. Só porque eu gosto... :-). O inglês naturalmente vao ter que aprender na escola, iria incentivar sim
- E (5:18 PM) : E que importância tem o alemão no mundo?
- N 241 (5:20 PM) : No mundo nao sei responder. Tem uma importância comercial por causa das grandes firmas como Bosch e Siemens por exemplo. MAs ainda tem fama de "língua difícil" e pouca gente sabe...
- E (5:20 PM) : O aprendizado de línguas vai melhorar tua vida? Teu crescimento pessoal? Melhorar teu curriculum? Trazer compensação financeira? Qual língua favorecerá mais tudo isto?
- N 241 (5:22 PM) : melhorar curriculum sem dúvida, nao sei se com compensacao financeira, talvez. MAs aprender nunca é demais e eu fico muito feliz de aprender línguas. Acho que o inglês e o alemao, já que o frances tá bem enferrujado.
- E (5:22 PM) : O inglês, o francês e o alemão são mais valorizados por que tipo de instituição? Pelo meio acadêmico? Pelas empresas privadas?
- N 241 (5:26 PM) : acho que o frances só no meio acadêmico, as outras tem um campo mais aberto: firmas, escolas, estudo...
- E (5:27 PM) : Como espera poder usar estas línguas quando retornar ao Brasil?
- N 241 (5:28 PM) : eu queria trabalhar em algo relacionado ao alemao. Por enquanto pode ser qualquer coisa. Queria comecar um projeto de emstrado com literatura infantil alema (que já vi algo aí), ou trabalhar em escolas bilíngües como o Porto Seguro, ou mesmo em firmas...
- E (5:29 PM) : Como foi o acesso às línguas que estuda? Em termos de facilidade de cursos, cursos acessíveis financeiramente? Favor responder pelas três línguas.

- N 241 (5:29 PM) : mas agora estou vendo pra estudar por aqui. Começar um curso numa faculdade. Tem um que é voltado pra circulação de livros que é 'maravilhoso. Queria voltar pro Brasil com um alemão de ótimo pra cima :-)
- N 241 (5:30 PM) : o francês fiz na faculdade, só paguei os livros.
- N 241 (5:30 PM) : o inglês fiz desde pequena no CCAA, depois na faculdade e depois com professora particular 20 reais a hora, sem material era quase só conversação
- E (5:31 PM) : Vc acha que a oferta de LEs da escola pública é boa? Deveria melhorar?
- N 241 (5:31 PM) : O alemão saiu bem mais caro mas eu já trabalhava e então pagava o curso na escola. A professora particular era por conta dos meus pais ainda.
- N 241 (5:31 PM) : de jeito nenhum, não tem possibilidade de escolha!
- N 241 (5:32 PM) : Aqui eles tem latim, inglês, francês e italiano.
- N 241 (5:32 PM) : parece que nem todas são obrigatórias.
- E (5:32 PM) : Vc preza a diversidade linguística no mundo? Também acha importante a luta pela defesa de línguas minoritárias?
- N 241 (5:33 PM) : eu trabalhei numa escola pública de Campinas que tinha francês fora do período de aula. Os alunos que se destacavam ganhavam bolsa na Aliança Francesa
- N 241 (5:34 PM) : Nunca vivencie diversidade linguística de verdade. Mas semana passada estive na Suíça e achei uma bagunça um país tão pequeno ter tantas línguas e tantos dialetos, estes, sem forma escrita. Os suíços acham isso lindo eu não sei direito. As línguas tem direito de existirem, né? Mas não sei dizer se isso é bom ou ruim.
- E (5:35 PM) : Vc acha importante que uma haja uma língua franca no mundo?
- N 241 (5:35 PM) : De qualquer forma a nossa língua materna "nos define". Se o português sumisse eu ia continuar sendo constituída por português.
- N 241 (5:36 PM) : Imposta? Acho difícil "pegar"... tipo o esperanto? Mas o inglês também é imposto de qualquer forma né? Acho que facilita mas também acomoda...
- E (5:37 PM) : Como acomoda?
- N 241 (5:38 PM) : hoje em dia as pessoas aprendem inglês e pronto, ninguém mais quer aprender a língua do outro. Acho que a língua diz muito sobre a cultura, a mentalidade do outro
- E (5:38 PM) : Acha que o inglês pode representar uma ameaça às outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?
- N 241 (5:40 PM) : não...Acho difícil que algum país abandone sua língua para ficar com o inglês. Acho que vai ser sempre língua estrangeira (fora dos países de língua inglesa, é claro)
- E (5:41 PM) : E se não pensarmos neste extremo, mas na diminuição de oferta das LS, por exemplo?
- E (5:42 PM) : Quero dizer L II...
- N 241 (5:43 PM) : mas o problema é de ordem econômica. As pessoas "querem", "precisam" de inglês.
- E (5:43 PM) : Acha que o inglês é devidamente valorizado como língua franca ou supervalorizado?
- N 241 (5:44 PM) : supervalorizado. Em todos os aspectos: principalmente na música
- E (5:44 PM) : Porque decidiu estudar letras na Unicamp se gosta tanto de línguas estrangeiras e a Unicamp não a habilita para trabalhar como profissional destas línguas?
- N 241 (5:47 PM) : eu gosto pra aprender mas não sei se quero ensinar. ...Gosto de literatura, pra mim. E pra ensinar, gosto de classes de alfabetização.
- E (5:48 PM) : Como é a tua relação com o português?
- N 241 (5:48 PM) : como assim? Leitura escrita?
- E (5:49 PM) : O quanto vc gosta da língua? Gosta de escrever? Gosta de alguma disciplina específica da língua?
- N 241 (5:50 PM) : adoro português. Tanto que aqui achei uma biblioteca brasileira e tenho lido mais que nunca
- E (5:50 PM) : Acha que o português deveria ser mais divulgado no mundo?
- N 241 (5:51 PM) : gosto de escrever carta, email, nada de literatura
- N 241 (5:52 PM) : mas com que finalidade?
- E (5:53 PM) : Acha que a língua deveria ser mais divulgada como um produto? Como o é o inglês? Ou acha que há textos que deveriam ser mais traduzidos?
- N 241 (5:56 PM) : acho que se soubessem que no Brasil falamos português e não espanhol já estava de bom tamanho... Gostaria de ter mais autores de língua portuguesa traduzidos para outras línguas sim
- E (5:56 PM) : Já pensou em dar aulas de português para estrangeiros?

- N 241 (5:58 PM) : sim, isso é legal. Tive uma matéria na graduacao só sobre isso
- E (5:58 PM) : Que tipo de textos e outras linguagens (música, cinema) mais te interessam separadamente nas línguas inglesa, francesa e alemã?
- N 241 (6:00 PM) : inglês' pop music, sao sempre fáceis de entender. Em frances literatura, contos e poesias principalmente. Em alemao por enquanto... tudo.
- E (6:00 PM) : Quando pensa nas pessoas que conhece no Brasil que falam alemão, vc poderia apontar valores ou interesses que elas possam ter em comum? Dá para categorizar?
- N 241 (6:00 PM) : mas gosto das tres como possibilidade de comunicao ou de entender o tipo de texto/linguagem que for
- N 241 (6:02 PM) : na escola que eu fazia alemao todo mundo adorava alemao, isso incentivava a gente mais ainda. Alguns tinham que aprender pois trabalhavam em firmas alemas, outros tinham ascendência alema mas nao praticavam em casa. A maioria pra melhorar o curriculum na profissao, mas todos aprendiam com prazer, isso achei diferente de quando aprendia inglês em escola.
- E (6:02 PM) : A mesma pergunta para as pessoas que você conhece que falam francês.
- N 241 (6:04 PM) : a maioria da minha classe era da área de humanasou artes: letras, história, música, tem mais a ver com essa área.
- E (6:04 PM) : A mesma pergunta para as pessoas que você conhece no Brasil que falam inglês. Que valores ou interesses têm em comum? Como elas são?
- N 241 (6:05 PM) : é obrigatório, mesmo quem nao gosta acaba fazendo anos a fio. Qualquer emprego pede ingles. MAs tem gente que gosta, se dedica à gramática, lê livros "de maior qualidade", nao fica só no oba-oba de querer viajar pros States
- E (6:06 PM) : Pelo uso de LEs o que teria a comunicar sobre o teu país, a tua cultura, que idéias gostaria de defender?
- N 241 (6:08 PM) : Que agente nao é só carnaval mas também nao é só pobreza. Que nossacultura é diferente e isso nao significa que nao temos educacao (aqui dizem que nao temos educacao porque nao brindamos olhando nos olhos...) Que temos muitos problemas principalmente com crianas mas apesar de tudo temos muita esperanca
- E (6:08 PM) : N, tua colaboração foi preciosa para o meu trabalho. Gostaria de agradecer imensamente tua participação, atenção e paciência. Vc gostaria de me perguntar alguma coisa?
- N 241 (6:09 PM) : qual é o título da sua pesquisa?
- E (6:10 PM) : Meu título ainda está bem estranho: Como o brasileiro quer se dizer no mundo pós-moderno? Na verdade trata-se de um estudo sobre a escolha de línguas estrangeiras neste contexto onde o inglês detem a hegemonia.
- N 241 (6:10 PM) : quanto tempo morou em Munique fazendo o que?
- E (6:11 PM) : Eu fiz o mesmo que vc. Estudei tradução na Unesp - inglês, francês e espanhol. Não consegui bolsa para país de língua inglesa, mas consegui um trabalho como au-pair. Morei em Solln na maior parte do tempo.
- N 241 (6:12 PM) : essa cidade é linda né? eu moro em Pullach Um abraço e até mais Se precisar pode mandar mais email
- E (6:13 PM) : Eu gostei demais da experiência e concordo com vc - a cidade é muito linda. Um abraço, muito sucesso pra vc e muito obrigada.

Entrevista Sujeito 85 (G 85) em 24/03/03

- E (3:00 PM) : Oi, G, podemos tentar hoje?
- G 85 (3:01 PM) : manda ver!
- E (3:01 PM) : Beleza! Porque vc iniciou o estudo de alemão antes da graduação?
- G 85 (3:02 PM) : Porque estudava em colégio alemão (Porto Seguro). Eles ensinam alemão a partir da 3a série
- E (3:02 PM) : Porque teus pais optaram por este colégio? Pela qualidade, ou também consideraram o aprendizado da língua?
- G 85 (3:03 PM) : os dois. principalmente pela qualidade e disciplina
- E (3:04 PM) : E porque eles tinham interesse que vc aprendesse alemão? São descendentes? Achem a língua importante?

- G 85 (3:05 PM) : não. eles sabiam que eu tinha facilidade pra aprender línguas (ingressei no Porto Seguro na 6a série) e o fato de se ensinar 2 línguas os atraiu também. Meu pai dá muito valor ao aprendizado de línguas
- G 85 (3:05 PM) : o "não" é referente a não serem descendentes. sorry
- E (3:06 PM) : Qual é teu nível de proficiência hoje em alemão? Vc gostou / aproveitou bem o aprendizado?
- G 85 (3:08 PM) : gostei muito, mas infelizmente, hoje, só consigo entender o alemão, num nível intermediário, talvez. Quando tenho que me expressar, não consigo. Já faz 13 anos que perdi o contato com a língua, infelizmente. Por pura falta de dinheiro e tempo.
- E (3:08 PM) : Quantos anos cursou a língua?
- G 85 (3:09 PM) : 5 anos
- G 85 (3:09 PM) : Mínimo de 2 aulas por semana
- E (3:09 PM) : Porque gostou da língua? Dá para descrever isto?
- G 85 (3:11 PM) : pra falar a verdade, não conheço uma língua que me tenha sido apresentada e de que eu não goste. O aprendizado do alemão foi facilitado pela semelhança léxica com o inglês, porém existia a dificuldade com os artigos e com os casos. Mas eu adorava.
- E (3:11 PM) : Qual a importância desta língua no mundo?
- G 85 (3:12 PM) : Do alemão? Sinceramente, não sei mensurar isso
- G 85 (3:12 PM) : ela é importante para o aprendizado da filosofia
- E (3:12 PM) : Porque estudou mandarim? Quem escolheu esta língua?
- G 85 (3:13 PM) : eu. e vou voltar no meio do ano, provavelmente
- G 85 (3:13 PM) : estudei porque sempre me interessei pela cultura chinesa
- G 85 (3:13 PM) : e porque faltam profissionais estrangeiros que dominem esta língua
- E (3:13 PM) : Fez curso particular? Qual é a tua relação com esta cultura?
- G 85 (3:14 PM) : simplesmente passei a me interessar, ao assistir alguns filmes chineses
- G 85 (3:14 PM) : fiz curso particular.
- E (3:14 PM) : Com que idade iniciou o aprendizado? Como foi? Qual é a tua proficiência?
- G 85 (3:19 PM) : com 25. eram aulas aos sábados e a turma era muito heterogênea. Tenho nível básico. Infelizmente, estava me desenvolvendo mais rapidamente que os outros e então parei. não estava compensando. Fiz durante 6 meses, mais ou menos
- E (3:19 PM) : Como vc espera utilizar esta língua no Brasil?
- G 85 (3:20 PM) : muito futuramente, como intérprete ou tradutora. E isso pode ser no Brasil ou na China. Tenho vontade de morar lá.
- E (3:20 PM) : Porque?
- G 85 (3:21 PM) : Porque é um mercado promissor. A ciência medicinal é fascinante, a cultura é fascinante.
- E (3:21 PM) : Quando prestou vestibular, já tinha definido este teu interesse específico pelo ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras? Tentou outras universidades?
- G 85 (3:22 PM) : Nos primeiros vestibulares não tinha nada definido. Prestei Cinema, Estatística, Ed. Física...Entrei em Ciências Sociais na Unicamp, cursei por 2 anos e larguei
- E (3:23 PM) : Mas vc já está terminando o curso na Unip, certo? Está satisfeita? Como está teu aprendizado de inglês?
- G 85 (3:24 PM) : Isso dá uma longa história... Meu aprendizado vai bem, mas graças ao meu esforço. Os professores da Unip, em sua maioria, são excelentes, mas acabam tendo que nivelar por baixo a qualidade das aulas
- E (3:25 PM) : Se quiser contar esta longa história, fique à vontade. Vc já tem uma proficiência boa ou ainda tem alguma ansiedade quanto a um maior aperfeiçoamento?
- G 85 (3:26 PM) : E, vou ter que fazer uma pausa de 20 min (reunião). Podemos continuar depois?
- E (3:26 PM) : Ok.
- G 85 (3:53 PM) : Ainda tenho que prestar um Cambridge ou similares. Mas tenho uma boa proficiência. Minhas maiores qualidades são listening e pronúncia. Gramática não é meu forte, por pura falta de estudo. Quero me aperfeiçoar em tradução. Tenho me destacado nesta área.
- E (3:54 PM) : Das línguas que conhece, em qual teria o maior interesse em obter aperfeiçoamento máximo?
- G 85 (3:55 PM) : Inglês
- E (3:55 PM) : Porque?
- G 85 (3:55 PM) : por estar já num nível avançado

- G 85 (3:55 PM) : Chinês seria meu grande desafio. Adoraria
- E (3:55 PM) : Pode me falar um pouco se gosta da língua, da cultura inglesa?
- G 85 (3:57 PM) : Sim. Gosto muito da sonoridade da língua, principalmente para música e para a poesia. Da cultura, prefiro a tradição inglesa à cultura americana. E gosto mais da sonoridade do inglês britânico.
- E (3:58 PM) : Não sei se vc tem filhos, mas se tivesse, vc os influenciaria a estudar alguma língua? Qual? Porque?
- G 85 (4:00 PM) : Não tenho. Influenciaria a aprender inglês, primeiramente, pois pode se considerar este aprendizado como essencial hoje em dia. Depois, deixaria a escolha a cargo deles. Tentaria influenciá-los a aprender um pouco de latim e grego, tb, pra que assim facilitasse o domínio do Português.
- E (4:00 PM) : Quais línguas estrangeiras vc considera mais importantes hoje no Brasil? Em que tipo de instituição: meio acadêmico, instituições privadas?
- G 85 (4:02 PM) : Espanhol e inglês, no meio privado. Tb, em menor escala, japonês e chinês; Francês, alemão, inglês, espanhol, no meio acadêmico.
- E (4:03 PM) : Quando pensa nas pessoas que vc conhece que falam alemão, vc acha que elas têm interesses ou valores em comum? Quais?
- G 85 (4:04 PM) : Sim. Interesses acadêmicos e de ascensão profissional. Quanto a valores, talvez essas pessoas prezem a cultura, o conhecimento
- E (4:04 PM) : A mesma pergunta para as pessoas que conhece que falam mandarim.
- G 85 (4:05 PM) : As pessoas que conheço que aprendem mandarim são curiosos ou descendentes de chineses ou taiwaneses
- G 85 (4:06 PM) : Conheço-as superficialmente
- E (4:06 PM) : E como são as pessoas que vc conhece que falam inglês? Pelo que se interessam? O que mais valorizam?
- G 85 (4:07 PM) : muitas do meio da informática, que se interessam por joguinhos, rpg, filmes, música.
- G 85 (4:07 PM) : estas nem sempre valorizam a cultura
- E (4:07 PM) : Como é o acesso às línguas estrangeiras no Brasil? Fácil, difícil, raro, caro?
- G 85 (4:07 PM) : talvez a cultura de massa, a cultura americana
- G 85 (4:08 PM) : Línguas como inglês, espanhol, mais populares, é fácil o acesso. Já o japonês, por exemplo, tentei achar um curso em Campinas e tive grandes dificuldades. Mandarim, nem se fala!
- G 85 (4:09 PM) : Isso muda se falarmos da cidade de São Paulo. Lá é bem mais fácil
- E (4:09 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais divulgadas pela mídia? Onde observa esta divulgação?
- G 85 (4:10 PM) : O inglês, sem dúvida. Isto é bem claro em panfletagens em faculdades, em propaganda de rádio ou TV, oferta de cursos a empresas
- G 85 (4:10 PM) : O espanhol vem logo atrás
- E (4:11 PM) : O que vc acha da política de línguas estrangeiras da escola pública? Suficiente? Deficitária?
- G 85 (4:12 PM) : não conheço o currículo da escola pública . não tenho como dar minha opinião. o que sei é o que observo em alunos vindos destas instituições. Tem um inglês fraquíssimo, em sua maioria.
- E (4:13 PM) : Acha importante que a oferta de línguas estrangeiras na escola pública seja ampliada ou é já seria suficiente melhorar a qualidade do ensino de inglês?
- G 85 (4:14 PM) : segunda opção
- E (4:14 PM) : Como vc acha que o inglês, o alemão e o mandarim poderiam contribuir com teu crescimento pessoal? Melhorar teu curriculum? Trazer compensação financeira? Se puder, por favor fale de cada língua separadamente.
- G 85 (4:16 PM) : Inglês: melhoraria meu currículo se tiver uma certificação de renome. O aperfeiçoamento em tradução me traria compensação financeira e pessoal
- G 85 (4:17 PM) : Alemão: melhoraria currículo, traria satisfação pessoal e provavelmente compensação financeira
- G 85 (4:18 PM) : Mandarim: principalmente crescimento pessoal, por se tratar de uma língua totalmente diferente de minha língua mãe
- E (4:18 PM) : Que tipos de textos ou outras linguagens (cinema, música) mais te interessam no inglês, no alemão e no mandarim?
- G 85 (4:19 PM) : Inglês: cinema, poesia, prosa, música, tv em geral, revistas, internet
- G 85 (4:20 PM) : Alemão: literatura, cinema

G 85 (4:20 PM) : Chinês: cinema, poesia, prosa,
E (4:21 PM) : No aprendizado de uma língua, sente mais ansiedade pelo que tem a aprender ou também gostaria de, por esta língua, poder ensinar coisas sobre a tua cultura?

G 85 (4:22 PM) : nunca havia pensado nisso... acho que sinto mais vontade de aprender, mas a possibilidade de troca de informações seria muito interessante também

E (4:23 PM) : Vc já pensou em ensinar português para estrangeiros?

G 85 (4:23 PM) : sim

E (4:23 PM) : Pretende fazê-lo?

G 85 (4:24 PM) : mas não tenho experiência como professora. Talvez o faça, por necessidade, mas não é meu principal objetivo

E (4:24 PM) : Acha importante a divulgação do português no mundo?

G 85 (4:25 PM) : Sim. Acho muito importante.

E (4:25 PM) : Como foi o teu aprendizado da língua materna? Bom, interessante?

G 85 (4:26 PM) : Muito bom. Tive bons professores. Adoro gramática, o que é raro. Tb gosto muito de poesia, romances, contos.

E (4:26 PM) : Vc que gosta de tradução, já pensou em poder traduzir (ou verter - pela linguagem técnica) textos de português para outras línguas? Que tipo de textos e linguagens do português mereceriam ser mais traduzidos?

G 85 (4:27 PM) : Penso muito nisso. Mas tenho maior dificuldade em verter para o inglês do que para traduzir para português. Talvez os textos cinematográficos, os romances contemporâneos, as músicas, a poesia. não sei bem

E (4:28 PM) : Vc acha importante que haja uma língua franca para a comunicação mundial?

G 85 (4:29 PM) : é mais prático quando esta existe. mas acaba "bitolando" as pessoas, alienando-as, pois fica mais fácil pra todos para absorver conhecimentos referentes aos países que falam/escrevem nesta língua.

E (4:29 PM) : Vc acha que o inglês deveria ocupar este lugar de língua universal?

G 85 (4:30 PM) : praticamente já ocupa, né?

G 85 (4:30 PM) : só não foi instituído ainda

G 85 (4:30 PM) : formalmente

E (4:30 PM) : Vc acha que o inglês ameaça outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?

G 85 (4:32 PM) : Sim. principalmente quando se nota que adolescentes falam/escrevem melhor em inglês que em português. Também quando se adota termos em inglês para expressar significados que já tem seu correspondente em português. isso é péssimo!

E (4:32 PM) : Vc valoriza a diversidade lingüística do mundo? Acha válido o trabalho de preservação de línguas minoritárias como as línguas indígenas?

G 85 (4:34 PM) : sim. a língua carrega aspectos culturais que não se encontra em outro lugar. Acho completamente válido e necessário para a preservação cultural dos povos

E (4:34 PM) : G, desculpe ter que retomar, mas fiquei com uma dúvida: quando vc pensa no mandarim como importante para instituições privadas, vc pensa necessariamente em que tipo de indústria? A dos Tigres Asiáticos?

G 85 (4:35 PM) : não. aqui no Brasil mesmo. a exportação para a China no Brasil está aumentando consideravelmente. Eu mesma já organizei uma missão empresarial para China, de empresas de software, e negócios foram fechados. é um grande mercado!

E (4:35 PM) : G, a sua colaboração foi preciosa para o meu trabalho. Agradeço imensamente sua colaboração, atenção e paciência. Vc gostaria de me fazer alguma pergunta?

G 85 (4:36 PM) : Gostaria de saber qual o objetivo de sua pesquisa e qual a sua área de estudo

E (4:37 PM) : Faço mestrado em Lingüística Aplicada, e pesquiso o processo de escolha de línguas estrangeiras neste contexto onde o inglês detem a hegemonia.

G 85 (4:38 PM) : Obrigada. Precisando, é só entrar em contato. Se quiser me dar uma bolsa de estudos pra aprender qualquer língua, tô aceitando :-). Brincadeirainha...

E (4:39 PM) : Muito obrigada! A propósito, vc conhece o Centro de Línguas Estrangeiras da Unicamp? A diversidade de línguas é grande e os preços são acessíveis.

G 85 (4:39 PM) : conheço. Infelizmente, os horários são incompatíveis, por enquanto. Mas obrigada pelo toque!

E (4:40 PM) : Ok. Um grande abraço!

G 85 (4:40 PM) : Pra vc também.

Entrevista Sujeito 29 (P) em 26/03/03

- E : P, quando puder estou a postos.
P : To podendo
E : P, vc informou que estudou inglês em cursos no exterior. Como foi esta experiência e qual foi o país?
P : Nao falei isso naum,falei que gostaria
E : Então vc não entendeu a pergunta do questionário, mas tudo bem. A pergunta era se vc aprendeu alguma língua estrangeira no exterior...
P : Nao, aprendi em casa
E : Vc é totalmente bilíngue?
P : Nao
P : To enferrujada ainda
E : Vc é descendente de ingleses? americanos?
P : Sou descendente de americanos
E : Qual geração?
P : 3
E : Quanto se fala inglês na tua casa?
P : Hoje menos,mas falava muito na epoca em que minha avo era viva
E : Apesar disso vc informou que tb fez curso de inglês antes da graduação. Porque?
P : MAs costumamos falar ainda Pq tinha bolsa no Centro Cultural,e aproveitei a chance,para aumentar meu vocabulario e minha fluencia no Ingles
E : Apesar de ser descente, vc colocou a proximidade com a cultura deste povo como menos importante do que a impotância utilitária desta língua. Quais as afinidades lingüísticas e culturais com esta língua poderia salientar?
P : Acredito que culturalmente seria util ter essa proximidade com os nativos dos EUA,mas linguisticamente e muito melhor pra minha area e para o meu trabalho,para poder seguir uma area de pesquisa,ainda nao feita,pq e uma lingua muito rica,assim como o Portugues,e gostaria de integrar as duas ,em uma pesquisa so
E : Vc gosta da área de engino/aprendizagem de LE?
P : Sim
E : Vc tem filhos? Se tivesse tentaria influenciá-los para aprender inglês?
P : Tenho um filho,que ja fala as duas linguas,ele nao tem dificuldade nenhuma em falar as duas linguas,e ate responde na lingua certa,dependendo de como pergunto,ele responde
E : Apesar de ser professora de inglês e de com certeza já ser fluente vc ainda tem alguma ansiedade com relação a um maior aperfeiçoamento?
P : Sim,acredito que sempre temos que nos aperfeicoar bastante,pois a lingua sempre muda
E : Qual seria este limite máximo que gostaria de atingir? Porque é tão importante?
P : o Limite maximo seria ler,falar e escrever totalmente fluente,em qquer tipo de linguagem,seja ela medica,tecnica,normativa.....Pq assim,eu teria realmente aprendido bem a lingua
E : Vc afirmou que gostaria de estudar francês. Porque?
P : Pq acho uma lingua linda,o modo como falam o frances e apaixonante,e tambem,e o berco da linguistica nao?Gostaria de poder me especializar la.....
E : Se pudesse morar fora escolheria os EUA ou a França?
P : Franca
E : Qual a importância que o francês tem no mundo, além das mencionadas?
P : Os grandes autores franceses,sao ainda muito importantes
E : Vc realmente pretende iniciar o aprendizado de francês ou ainda está mais no desejo?
P : MAsi no desejo
P : Minha faculdade e muito cara
E : Que LEs são mais valorizadas pelo meio acadêmico no Brasil?
P : LEs??
E : Desculpe - línguas estrangeiras.
P : Ingles e Espanhol,acredito eu.

E : Que LEs são mais valorizadas pelas instituições privadas, empresas?

P : Inglês, Alemão, Francês e Espanhol

E : Quais LEs são mais divulgadas pela mídia? Como é o acesso a línguas estrangeiras no Brasil ou mais especificamente na cidade de Campinas?

P : O Inglês se transformou em uma grande indústria, tem escolas abrindo em cada esquina. Quanto ao acesso, se você estudar numa faculdade Pública ou Estadual, você tem mais acesso, inclusive gratuitamente, mas se você não estiver em uma, o jeito é desembolsar um bom dinheiro.

E : Como você vê a oferta de línguas estrangeiras pela escola pública? Suficiente? Deficitária?

P : Deficitária, nas escolas públicas, quando se tem aula de inglês, é apenas uma vez por semana, e com professores com pouca didática.

E : Você acha que a escola pública deveria oferecer também outras línguas?

P : Acho que sim, porque quanto maior o contato com outras línguas, principalmente quando se é novo, melhor, aprende-se muito mais rapidamente e mostra outra perspectiva de aprendizagem para os alunos

E : No que o conhecimento da língua inglesa melhorou sua vida?

P : Tenho boa comunicação com estrangeiros, tenho mais oportunidades de emprego, e ainda posso almejar estudar fora, se eu assim desejar

E : Pensando nas pessoas que você conhece que falam inglês você acha que elas têm alguns valores ou interesses em comum?

P : Sim, a maioria das pessoas que conheço querem ir para o exterior para estudar ou morar fora, e desde pequenas elas têm a oportunidade de estudar o inglês, isso é essencial para ir a um outro país

E : A mesma pergunta para as pessoas que você conhece que falam francês - você acha que elas tendem a valorizar o quê?

P : O Francês é diferente....

P : Chega a ser influente na língua portuguesa, algumas pessoas o falam, mas não acredito ter igual importância do inglês

E : P, eu estou me referindo a brasileiros que falam francês ou residentes

P : O mesmo que o inglês. Comunicação, oportunidades

E : Que tipos de textos e linguagens (cinema, música) mais te interessam na língua inglesa?

P : Cinema, música, teatro, revistas científicas

E : E na língua francesa?

P : Cinema e poesia

E : Qual é a sua relação com o português? Você gostou do aprendizado da língua?

P : Os filmes franceses são apaixonantes

P : Adoro o Português, pra mim é uma língua que estou sempre reciclando, e sempre aprendendo, é uma língua com um vernáculo riquíssimo

E : Você já pensou em ensinar português para estrangeiros?

P : Sim

E : Você acha que o português deveria ser mais divulgado no mundo? Há esta possibilidade?

P : Acho que sim, porque se todo mundo se interessa pelo Espanhol, deveriam também ter acesso ao Português, que é falado em vários países de grande poder turístico

E : Que tipos de textos e linguagens na nossa língua deveriam ser mais divulgados e traduzidos?

P : Cinema, ainda é pouco divulgado, mas também são feitos poucos. Poesia, quase não se divulga, o que é mais divulgado é MPB e samba e carnaval, não acho que isso traduza o Brasil...

E : Você trabalha com tradução? Faz ou gostaria de fazer tradução (ou versão - falando tecnicamente) do português para o inglês?

P : Faço tradução simples, minha mãe é juramentada, então vamos fazer um negócio.

E : Quando pensa do aprendizado do inglês, você sente mais ansiedade com as coisas que aprende com a língua ou também acha este instrumento importante pelo que gostaria de transmitir, comunicar pelo uso do inglês?

P : Também é importante

E : Você acha importante que o mundo escolha uma língua franca para a comunicação universal?

P : Não, acho que essa tentativa é inútil para reverter várias décadas de uso do Inglês. Já é a língua universal. Ninguém pede para ter aulas de Esperanto, por exemplo

E : Você acha que o inglês ameaça as outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?

P : hmmm, não

E : Vc valoriza a diversidade lingüística no mundo?

P : Se alguém quiser aprender outras linguas,vai ter a oportunidade.MAS quanto a estrangeirismo na lingua,talez seja nocivo sim,pois nossa lingua e muito rica e ja que e pra usar uma palavra nova para determinar algo,que seja na nossa lingua.

P : Valorizo e muito

E : Vc acha válido os esforços de preservação de línguas minoritárias como as línguas indígenas?

P : As linguas indigenas tem maxima importancia linguisticamente falando,podemos aprender muito com elas e tambem,preserva-las,pois fazem parte da nossa lingua

E : Vc pretende ser tradutora e professora?

P : Pretendo fazer traducoes e dar aulas para ajudar a me sustentar,mas prefiro a pesquisa de linguas e seus usos no mundo

E : E que tipos de texto prefere traduzir? Prefere a tradução para o português ou para o inglês?

P : Para o Portugues

E : Gostaria de me perguntar alguma coisa?

P : E mais dificil,mas e mais estimulante tb

P : Voce ta fazendo pesquisa pra que?

P : mestrado?

E : Sou mestranda e pesquiso o processo de escolha de línguas estrangeiras neste contexto onde o inglês é a língua hegemônica.

E : P, vc acha mais difícil traduzir para o português do que para o inglês?

P : E masi dificil sim

E : Como assim?

P : Pq traduzir para o ingles e muito mais facil ,pq conhecemos mais os usos de cada palavra ou expressao

E : Interessante...

P : ja para o Portugues.....tem muitos usos que as pessoas desconhecem

P : Minha mae e tradutora ha mais de 30 anos

E : Aqui em Campinas?

P : Sim

P : ela faz umas p Unicamp

E : P, sua colaboração foi muito importante para o meu trabalho. Gostaria de te agradecer imensamente sua atenção e paciência.

P : Obrigada voce

P : espero que possa ter ajudado

E : Muito obrigada mais uma vez e te desejo muito sucesso na tua carreira. Ajudou muito!

P : Abracooo

E : Outro!

Entrevista Sujeito 289 (L) em 26.03.03

E (7:12 PM) : Oi, L!

L 289 (7:12 PM) : E, desculpe o atraso. Estou pronta.Tudo bem?

E (7:12 PM) : Sem problema. Vamos lá...

L 289 (7:13 PM) : ok

E (7:13 PM) : L, vc informou que estudou russo antes da graduação. Como foi esta experiência? Porque fez esta opção?

L 289 (7:15 PM) : Sim, estudei em 1997 e tinha interesse em conhecer a língua russa por ser diferente e rara, eu tinha o intuito de terminar , conseguir uma bolsa e ir prara URSS (na época)s

L 289 (7:15 PM) : Desculpe, em 1987

E (7:15 PM) : Como conseguiu um curso? Foram aulas particulares?

L 289 (7:16 PM) : Rara, não. Dificil de alguém estudar, foi isso que quis dizer Nao, havia 6 alunos na sala e a escola era Centro Cultural Brasil - URSS

E (7:17 PM) : Que tipo de influência externa teve para optar por esta língua - família, amigos, mídia, escola?

L 289 (7:17 PM) : Meu irmão que também que cursou comigo e que conseguiu a inform

E (7:17 PM) : Este centro era em Campinas? Ainda existe?

L 289 (7:19 PM) : Não, fechou de pois de 1 ano de curso. Houve a extinção da URSS
E (7:19 PM) : Como foi o aprendizado? Gostou? Quanto tempo cursou?
L 289 (7:19 PM) : E era em Campinas na José Paulino
L 289 (7:20 PM) : Foi ótimo, adorei, me dei muito bem na língua, por sinal era a primeira da sala, imagine minha alegria e esperança de conseguir a bolsa. Cursei 1 ano
E (7:20 PM) : Do que gostou na língua? Achou bonita, sonora, fácil?
L 289 (7:21 PM) : Sim, achei bonita e muito fácil, pelo menos até aonde estudei, a gente lê como escreve.
E (7:21 PM) : Porque tinha intenção de estudar na URSS? Algum curso específico? Para aprender a língua?
L 289 (7:22 PM) : Sim para aprender a língua e conhecer o país.
E (7:22 PM) : Quais afinidades culturais vc sente com os povos falantes desta língua?
L 289 (7:23 PM) : Acho a história bastante interessante e acho um país muito belo, pressuponho.
E (7:23 PM) : Quais tipos de texto e linguagens mais te interessa / interessava nesta língua?
L 289 (7:24 PM) : Bom, não trabalhei muito com txtos, mas a literatura me interessa.
E (7:24 PM) : Depois que o curso acabou, pensou em continuar estudando? Porque não o fez?
L 289 (7:25 PM) : Sim, queria muito, mas não tinha informações de outros lugares que tinham curso de russo, só fiquei sabendo há uns 3 anos que parece que na Unicamp havia
E (7:25 PM) : Qual a importância desta língua no mundo?
L 289 (7:27 PM) : Bom, eu acho que saber uma língua é mais cultura para adquirirmos, mas ela não é difundida como inglês, mas é importante, mas não sei lhe dizer em que ponto mais
E (7:27 PM) : Porque resolveu fazer o curso de letras?
L 289 (7:28 PM) : Gosto muito de línguas, adoro estudar o português, gosto muito de Literatura (todas) e gosto de mais de ler
E (7:28 PM) : Porque escolheu estudar inglês na graduação?
L 289 (7:28 PM) : desculpe o demais foi erro de digit
E (7:29 PM) : Não se preocupe com os deslizes. O que me interessa é o conteúdo, ok, e a tua espontaneidade.
L 289 (7:30 PM) : Na verdade não foi uma escolha, mas agora gosto muito. Eu fazia só portuguêses e quando vim transferida novamente, mudou a grade curricular
E (7:30 PM) : Transferida de onde?
L 289 (7:31 PM) : Bem, minha história é complicada, eu comecei o curso em 1993, fiz o primeiro ano, me casei, fui transferida para UFPR cursei 1 ano lá, fui Para Unb, larguei e voltei o ano passado
E (7:31 PM) : Do que está gostando no aprendizado do inglês?
L 289 (7:33 PM) : Estou gostando de tudo, da parte de compreensão (oral) que tenho mais dificuldade e gostando demais da parte gramatical, que vou bem melhor, temos uma visão e lógico um outro objetivo na faculdade, estudamos de uma forma mais enriquecedora
E (7:34 PM) : Qual a importância desta língua no mundo?
L 289 (7:34 PM) : Ah, é muito importante, com ela você pode comunicar-se em qualquer lugar do mundo
E (7:34 PM) : Como é este objetivo da faculdade? Qual é esta forma mais enriquecedora? O que se acrescenta na graduação que é novo para vc?
L 289 (7:36 PM) : A preocupação em aprender corretamente como falar, através da linguística e também saber distinguir a língua oral da parte teórica, a gramática
E (7:36 PM) : Que tipo de textos e linguagens (cinema, música) mais te interessam nesta língua?
L 289 (7:37 PM) : Assuntos atuais, literatura, música
E (7:38 PM) : No aprendizado desta língua, sente mais ansiedade com tudo o que pode aprender com ela, através dela ou também acha a língua importante como instrumento para tudo o que vc teria a comunicar, a informar e a ensinar pelo uso do inglês?
L 289 (7:39 PM) : O interesse é o que eu posso me informar com ela, mas para ensinar ainda fico com o português
E (7:39 PM) : E para conversar e ensinar coisas sobre a sua própria cultura?
E (7:40 PM) : Quero dizer, em experiências em que tenha que usar o inglês...
L 289 (7:40 PM) : Ah, é bem gostoso
E (7:41 PM) : Qual seria tua proficiência hoje? Qual o limite máximo de aperfeiçoamento vc espera obter e porque?
L 289 (7:41 PM) : Sim, seria bem interessante poder falar em inglês algo que temos mais conhecimento que seja nosso

E (7:44 PM) : Está respondendo?
 (Message was sent. User is Offline. The message will be delivered when user goes Online.)
 L 289 (7:45 PM) : Gostaria de poder desenvolver bem o ingles(é o inglês que vc esta pg, nao é), mas só fazendo a graduação nao basta tem que continuar a estudar, ter uma oportunidade de estudar fora do país., e tenho muito o que aprender , consigo entender bem algumas coisa mas ainda não sou uma falante..u(caiu a linha, por isso demorei)
 L 289 (7:46 PM) : E?
 E (7:46 PM) : Peraí...
 E (7:46 PM) : Não sei se tem filhos, mas se os tivesse, tentaria influenciá-los para aprender uma língua estrangeira? Qual? Porque?
 L 289 (7:50 PM) : E,se quiser marque para outra hora, então, deve ter caído a sua tbém. Um abraço
 E (7:51 PM) : Não, a minha não cai, é cabo....
 E (7:51 PM) : Não se preocupe, a não ser que fique muito difícil para vc, ok?
 E (7:53 PM) : L??

Entrevista Sujeito 99 (M) em 26/03/03

E: Oi, M.
 M: Oi, E tudo bem?
 E: Tudo. Fiquei te esperando às 14:30 hs
 M: Mas, nós marcamos às 15:00 hs.
 E: Jura? Acho que estou ficando louca. Eu marquei às 14:30 na agenda. Tudo bem, acho que era medo de te perder de vista.... Vamos começar?
 M: Tudo bem, você está disponível à partir de agora?
 E: Sim.
 M: Então vamos começar?
 E: M, Vc aprendeu francês na escola pública antes da graduação?
 M: Sim, mas há muito tempo atrás.
 E: Vc gostou da experiência? Por quantos anos teve francês?
 M: Gostar da experiência até que gostei. O único incomodo era a professora. Tive por dois anos, na quinta e na sexta séries.
 E: Mas não pretende continuar este aprendizado, certo?
 M: Se aparecer a oportunidade de aprender novas línguas, é claro que sim.
 E: Do que gostou no francês, de forma geral?
 M: A língua é muito parecida com o Português. É mais fácil de entender do que o Inglês.
 E: Vc informou que fez curso de inglês, antes da graduação. Por quanto tempo? Porque decidiu estudar esta língua?
 M: Ainda estou estudando o Inglês além da faculdade por quê é a língua mais usada no mundo em geral, tanto empresarial, turístico etc.
 E: Quais as afinidades lingüísticas e culturais vc sente com esta língua?
 M: Ambas são de origem latina, algumas palavras tem os mesmos radicais e são parecidas na linguagem falada.
 E: Vc acha inglês bonito, fácil, sonoro? Que tipos de textos e linguagem prefere na língua inglesa?
 M: Não acho bonito e nem fácil, sonoro sim e prefiro textos literários, jornalísticos poéticos etc. Tenho que ter afinidade com todos por quê estou me graduando em tradução e pretendo fazer pós nessa área.
 E: Existe a opção por tradução na Unip?
 M: Sim, o nosso curso ainda é de quatro anos. No ano passado foi mudado para três sem a graduação de Tradutor e Intérprete. Hoje para quem entra no curso de Letras só sai com o Bacharelado em Português e Inglês. O nosso sai como Bacharel e Tradutor e Intérprete. O quarto ano a partir de agora é optativo.
 E: Vc sofreu alguma influência externa para a escolha desta língua como família, amigos, ambiente de trabalho, a mídia, a escola?
 M: Sim, no trabalho. Na época não tinha recursos para pagar outro curso.
 E: Não entendi. Vc começou a fazer inglês na empresa em que trabalhava? Se pudesse optar teria feito outra língua?

- M: Não. Na época a Empresa de origem Canadense, exigia que seus funcionários se graduassem e também optassem por Inglês. Daí então resolvi fazer a Faculdade matando dois coelhos numa cajada.
- E: Vc tem filhos? Se os tivesse tentaria influenciá-los para aprender inglês? Porque?
- M: Sim, dois filhos inclusive o mais velho já faz Inglês e na escola regular os dois além do Inglês tem o Espanhol desde o ensino fundamental I.
- E: Como está tua proficiência em língua inglesa? Qual o limite máximo de aperfeiçoamento que pretende alcançar? Porque?
- M: Com a professora particular de Inglês estou fazendo conversação em nível avançado gramaticalmente. A conversação está um pouco prejudicada por conta de bloqueios e pretendo até no final do ano falar melhor e atingir o nível máximo, inclusive estou pensando em fazer um Intercâmbio cultural depois da graduação talvez na Inglaterra com meu marido. Preciso dominá-la devido a minha pretensão.
- E: M, acabo de receber uma ligação e vou ter que sair, por questões urgentes de trabalho. Vc me perdoa? Quando poderemos continuar? Amanhã de manhã vc pode?

Continuação da entrevista em 28/03/03

- E: Oi, M, que bom que veio!!!
- M: Bom dia E, tudo bem?
- E: Fiquei tão constrangida com a interrupção da nossa entrevista. Vc está me prestando um favor tão importante, e tantos problemas aconteceram....
- M: Não há de que. Só uma pergunta. Da turma da minha classe só eu retornei o seu contato p/ participar das entrevistas?
- E: Na verdade já entrevistei a G 85 e estou esperando a V., mas ela só tempo tarde da noite....
- E: Peraí que vou abrir tua entrevista, ok?
- E: Ok, já estou com ela aberta.
- M: Pode continuar.
- E: M, vc informou que também gostaria de estudar italiano. Porque?
- M: Por quê sou filha de italianos.
- E: Aprendeu em casa? Vcs usavam a língua em família?
- M: Não aprendi nada ainda meu pai não falava em italiano conosco porque não tinha com quem conversar. A minha mãe fala espanhol. Só participo de conversas em italiano quando meus parentes vêm da Itália.
- E: Mas participa de conversas com alguma base?
- M: Não só de ouvir entendo alguma coisa.
- E: Porque nunca estudou italiano, se é uma língua tão próxima à tua realidade. Vc acha bonita? Tem laços afetivos com ela?
- M: Nunca tive oportunidade. Acho muito bonita e como lhe disse sou descendente direto. Alíás tenho a cidadania européia porque meu avô era combatente das duas grandes guerras.
- E: O acesso ao estudo de língua italiana é difícil numa cidade como Campinas?
- M: Em Campinas não sei porque moro em Valinhos. Aqui na Casa da Cultura Italiana sendo o presidente o Consul do Vice consulado de Campinas é oferecido todo início de ano a um preço acessível, por volta de 65,00 reais p/ quem é sócio.
- E: Então a falta de oportunidade foi mais uma questão de tempo do que financeira?
- M: Sim, hoje estou concentrada no Inglês. Mas no ano que vem já estarei me matriculando no Italiano e se houver uma oportunidade de conhecer outra língua com certeza farei.
- E: E o acesso ao francês? Há cursos de francês em Valinhos?
- M: Nunca vi por aqui.
- E: Porque vc acha importante conhecer várias línguas?
- M: Por quê como disse anteriormente, pretendo seguir a carreira como Tradutora, daí a necessidade de conhecer outras línguas.
- E: Qual a importância do inglês, do francês e do italiano no mundo atual? Em que áreas elas são mais importantes respectivamente? Poderia falar de cada um separadamente?
- M: O Inglês é a língua mundialmente falada e entendida.

- M: Não acabei desculpa. O francês no século passado foi muito usado hoje algumas empresas usam o francês como é o caso da Rhodia. O Italiano tenho visto hoje em alguns anúncios de jornais pendendo o conhecimento da língua italiana. Talvez seja pelos investimentos dessas Nacionalidades aqui no Brasil.
- E: Vc pretende aprender todas as línguas com o mesmo nível de aperfeiçoamento, ou pretende se especializar numa delas? Qual?
- M: à partir do momento que eu me interesse pela língua devo apreendê-la por completo. A duração do curso de italiano aqui são de três anos.
- E: Que disciplinas específicas de tradução teu curso oferece?
- M: O curso de tradução desde o ano passado vem sendo dado. Fazemos tradução de diversos assuntos, recebemos material e indicação de literatura p/ tal como por exemplo a de Poesia. Temos que estudar qual a melhor maneira de traduzir a poesia, como e quando foi escrita etc. Temos mais aulas de Inglês do que Português, durante a semana temos aula de gramática, Interpretação, tradução e Lit. estrangeira
- E: Vocês estudam teorias de tradução? E de interpretação? Aprendem tradução consecutiva, simultânea? Têm laboratórios e cabines para treinamento?
- M: Sim temos as teorias de tradução. De interpretação está sendo iniciada neste ano. O Laboratório é péssimo. Mas acho que laboratório não é tudo. Uma boa conversa em sala com debates de assuntos seria muito mais proveitoso do que sermos jogados no laboratório e simplesmente ouvir e entender. O grande problema que vejo durante o curso é que não temos conversação.
- E: Com que tipo de textos vc preferiria trabalhar como tradutora? Comerciais, tradução juramentada, técnica, literária, cinema? Como vc espera que seja este mercado?
- M: Qualquer texto. P/ tradução juramentada temos que ter um registro específico do Governo, é necessário passar por provas em São Paulo e isso só acontece a cada cinco anos.
- E: Você gosta mais de traduzir para o português ou fazer versão para o inglês? Acha importante dominar as duas competências?
- M: Sim claro, gosto de fazer as duas
- E: Que tipos de textos e linguagens (cinema, música) vc acha que são mais traduzidos do português para outras línguas? Quais deveriam ser mais divulgados? Acha viável?
- M: E só um instante que vou atender a Campanha.
- E: ok
- M: Acho cinema e novelas mais traduzidos p/ outras línguas. O mercado novelístico brasileiro é o mais avançado, o cinema nem tanto pois encontra barreira do mercado americano. Termos técnicos também como é caso da Uru eletrônica.
- E: Vc sente mais ansiedade com relação a tudo o que pode aprender com outras línguas, ou também a sente com relação a tudo o que espera comunicar / informar / ensinar pelo uso destas línguas?
- M: Sim sou muito ansiosa. Aliás p/ tudo. Hoje a minha ansiedade é de me comunicar. Fiquei totalmente travada p/ falar em Inglês. Estou na batalha p/ me livrar desse bloqueio, estou conseguindo.
- E: Vc acha o português uma língua mundialmente importante? É bem divulgado? Deveria sê-lo?
- M: Acho que sim. Hoje no mundo são muitos os países que falam o português. Durante as grandes navegações os Portugueses conseguiram conquistar muitas nações. Deveria ser.
- E: Já pensou em ensinar português para estrangeiros? O que pensa sobre isto?
- M: Já pensei sim. É um campo em franca expansão devido a abertura de mercado estrangeiro.
- E: Vc pretende ser tradutora e professora se possível?
- M: Professora não para adolescentes. Mas p/ adultos e crianças até 10 anos.
- E: Já pensou em morar fora do país? Onde?
- M: Já. Em qualquer lugar do mundo. Tenho o interesse em conhecer a Inglaterra.
- E: O que pensa deste povo, da sua cultura?
- M: Acho que os brasileiros são muito ecleticos, aceitam muito desafios, são honestos e muito trabalhadores.
- E: O que pensa do povo anglo-americano? Da sua cultura?
- M: Acho um povo muito mesquinho. Só pensam na bem aventurança deles. Acham que são donos da verdade e do mundo. Não respeitam as culturas de outras, se impõem demais. Querem tirar proveito de tudo.
- E: Como seria viver na Inglaterra? A cultura deles? (pode viajar...)
- M: São extremamente rigorosos. Britânicos em tudo. Não teria dificuldade de me adaptar, acho que sou meio cigana. Posso viajar sim.
- E: O que pensa sobre a cultura francesa?

M: Não tenho muito conhecimento da cultura francesa. Só conheço os perfumes e comida. Acho que não sejam tão duros assim, até namorei um quando jovem.

E: O que pensa sobre a cultura italiana?

M: Muito divertida. São alegres despojados. São também muito trabalhadores.

E: Que línguas estrangeiras vc acha que são mais valorizadas no meio acadêmico no Brasil?

M: O Inglês e o espanhol. Atualmente.

E: Que línguas estrangeiras vc acha que são mais valorizadas nas empresas e instituições privadas no Brasil?

M: o mesmo.

E: Que língua poderia te trazer mais crescimento pessoal? Valorizar mais teu curriculum? Te trazer mais compensação financeira? Se quiser pode falar de uma língua ou outra separadamente.

M: Além do Inglês e o Espanhol, qualquer 3ª língua enriquece muito o curriculum.

E: Quando pensa na divulgação de línguas estrangeiras pela mídia, quais são as mais divulgadas? Quais os meios? Como vc percebe que está sendo divulgada?

M: O Inglês sem dúvida é mais divulgado no momento seguido o espanhol devido ao Mercosul. Os meios são diversos. Televisão, rádio, internet, panfletos distribuídos, jornais etc. Normalmente usam o outro idioma p/ chamar atenção.

E: Quando pensa nos brasileiros que vc conhece que falam francês, vc acha que eles têm algo em comum? Valorizam coisas similares? Tendem a se interessar mais por determinados assuntos, áreas de conhecimento?

M: É difícil de dizer pois conheço algumas pessoas que usam o francês diariamente. São muito diferentes. Talvez o interesse seja pela área em que trabalham. Não vejo valorização de alguns assuntos.

E: A mesma pergunta para os brasileiros que você conhece que falam italiano - acha que eles têm valores ou interesses comuns?

M: Neste caso sim, pois são descendentes diretos.

E: Dá para citar alguns destes valores ou interesses? Eles têm alguma tendência a trabalhar numa determinada área de conhecimento?

M: Não, por quê só usam mesmo para conversar entre si. Inclusive não trabalham mais. São aposentados.

E: E dos brasileiros que vc conhece que falam inglês? Como eles são? Acha que pode identificar alguns valores ou interesses que possam ter em comum?

M: Não da p/ diferenciá-los. Tenho visto um interesse muito grande no conhecimento da língua apenas.

E: Vc que gosta e valoriza as línguas estrangeiras, acha importante que seja mantida a diversidade lingüística no mundo? Acha válido o trabalho de preservação de línguas minoritárias, como as línguas indígenas?

M: Claro que sim, pois é através delas que se tem conhecimento da cultura de um povo.

E: Como você qualifica a política de línguas estrangeiras da escola pública? Como é a qualidade do que se oferece? Acha que deveriam ser oferecidas outras línguas?

M: Acho difícil oferecer outras línguas na escola pública. A qualidade é péssima, pois vejo professores não qualificados dando aulas. Hoje a ênfase é no Inglês.

E: Você acha importante que o mundo eleja uma língua para a comunicação universal?

M: Ela já está eleita no momento. É o Inglês.

E: Você acha que o inglês é devidamente valorizado ou super valorizado? Pode ameaçar outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?

M: Não só pode como é fato. No Português já se introduziram algumas palavras. A partir do momento que se usa demais acaba interferindo na outra. Isso poderia ser evitado se o Brasileiro fosse mais exigente com sua Língua.

E: M, tua colaboração foi preciosa para o meu trabalho. Você gostaria de perguntar alguma coisa?

M: Sim. você dá muita ênfase ao Francês. Porque?

E: Na verdade, não tive esta intenção. Eu me ative a fazer perguntas sobre todas as línguas que vc mencionou no teu questionário.

M: Tá bom. você me convenceu.

E: Já entrevistei pessoas que estudaram russo, mandarim... Eu fico falando sobre estas línguas também.

E: M, muitíssimo obrigada por tudo: teu tempo gasto comigo, tua paciência, tua atenção.

M: De nada, qualquer coisa pode contar comigo.

E: Obrigada e te desejo muito sucesso na tua vida profissional.

M: Obrigada e p/ você também.

E: Inté!

Entrevista Sujeito 219 (D) em 27/03/03

Entrevista iniciada por e-mail:

E: Antes de entrar na graduação vc aprendeu inglês e espanhol na escola pública. Como foi o aprendizado? Do que gostou nestas línguas?

D: Com que proficiência chegou à graduação. Comecei a aprender inglês na 7ª série, numa escola estadual no bairro em que eu morava. A professora mal sabia o verbo to be e sua pronúncia era horrível. Resultado: não aprendi quase nada e tomei raiva pela coisa. Aí saí do ensino fundamental e fui pra Fundação Bradesco que, apesar de não pagar nada pra estudar lá, a escola era considerado muito boa e particular. As professoras de inglês eram muito chatas e autoritárias e destetava ainda mais a língua. Isso significa que para o vestibular eu mal conseguia ler um texto. Tirei 4 na segunda fase da Unicamp, sendo que a média do pessoal que entra em Letras é 8! Falar então, eu não falava nada, nem queria.

Quanto ao espanhol, comecei a aprendê-lo na Fundação, no último ano. Acho que fiz só o último semestre. O professor, também autoritário, mas mais flexível dominava bem a língua e até que tentava dar umas aulas mais dinâmicas, mas não aprendi muito. A sala era grande, cerca de 45 alunos e não dava pra treinar o oral, só o escrito. Mesmo com tanto aluno, ela falava pra gente falar coletivamente, coisa que nunca aconteceu em inglês e me lembro de algumas coisas do espanhol, creio eu, graças a isso. Mas como um semestre foi pouco, tinha noções básicas para leitura e quase nada de oral.

E: Porque escolheu o francês, espanhol e italiano na graduação?

D: Escolhi o francês porque não gostava do inglês. No começo fiquei perdida, não sabia direito onde pisava, mas sabia, mesmo que intuitivamente, que o francês era muito útil pra Letras, pra literatura. Quanto ao espanhol, como já o tinha visto no colegial e tinha gostado, tentei pegar como eletiva, como cortiço e consegui. Fiz o 1º semestre à noite no CEL e o 2º de dia. Mas a profa. do 2º era muito chata, fazia piadinhas que reduziavam meus colegas ao mínimo e dava muitos exercícios mecânicos, bem behavioristas que não gostava. Então parei, mas se pudesse, se fosse outra profa., continuaria o curso.

Com o italiano aconteceu meio parecido. Tenho ascendência italiana, mas de muito longe. Então, surgiram duas vagas para o italiano 1 no CEL e me candidatei. Como tinha bolsa de IC da fapesp foi fácil conseguir a vaga. Fiz o 1º semestre à tarde e estou fazendo 2º à noite, porque tenho a tarde repleta de obrigatórias. Com o italiano ocorre uma coisa engraçada, porque apesar de eu gostar muito do francês e do espanhol, o italiano mexe mais comigo. Acho que é porque chego em casa e fico falando minhas descobertas pros meus pais, que se interessam pelo assunto. Coisa de sangue, sei lá.

E: Porque substituiu o inglês pelo francês?

D: Na verdade, no dia da matrícula eu pensava que era melhor optar pelo inglês, mas depois, conversando com os colegas, todos falavam que o inglês do CEL era muito fraco e, já que eu não gostava do inglês, resolvi mudar para o francês. E não me arrependo. Fiz 5 semestres de francês e hoje me sinto satisfeita com meu aprendizado. Só falta ir à França pra aperfeiçoar!

E: Com qual língua vc mais se identifica, e quanto pretende se aperfeiçoar nela? Qual seria este limite máximo de aperfeiçoamento?

D: Acho que já respondi um pouco desta questão acima. Mas é uma dura decisão. Eu ainda não decidi o que fazer da minha vida. Só sei que um dia quero fazer mestrado e doutorado e dar aula, de preferência de língua estrangeira. O inglês é essencial e onde quer que eu vá necessito dele e cada vez mais em níveis melhores. Ano passado entrei num curso de inglês. Fiz um semestre. Depois fiz outro com a profa. que tinha no curso, mas em aulas particulares. Esse semestre pretendemos continuar, mas ainda não conseguimos horários. É pelo inglês, que não gosto muito, mas sei lidar melhor com ele hoje, que pretendo ir ano que vem para os EUA, trabalhar como au-pair e voltar com ele afinado, fluente, perfeito pra eu nunca mais ter que me preocupar e ficar com vergonha que não sei inglês. Tudo ficaria mais fácil, desde a prova de mestrado até brincadeiras com amigos feitas na língua. Mas daí a ser profa. de inglês são outros 500. Acho que não quero.

Aí fico em dúvida entre o francês e o italiano, mas seja qual eu escolher para trabalhar, vou ter que fazer intercâmbio, viver na cultura francesa ou italiana de qualquer maneira. Eu dou aulas de francês pra dois estudantes da eng., mas não me sinto muito seguro. Digo que apenas os ajudo a estudar francês, porque não sei falar com fluência, o que considero requisito básico pra uma profa. de língua de verdade. Por um lado fica mais fácil eu ir pra França, porque sei mais francês do que qualquer outra língua. Mas por outro, fica mais fácil

ir pra Itália, porque acho que talvez eu consiga a cidadania italiana e penso que gosto mais da cultura italiana que da francesa. Mas enquanto essas viagens não surgem, vou estudando por aqui mesmo.

Sequência em tempo real:

- E 11:35:26: Vamos tentar!
- D 11:35:36: ok, E, vamos tentar
- E 11:36:13: Beleza! D, qual seria a importância das línguas que estuda, no mundo? Fale do inglês, francês, espanhol e italiano, de modo geral!
- D 11:40:05: A importância do inglês é maior, ou seja, ele é necessário para se fazer qualquer coisa hoje em dia, infelizmente: prestar mestrado, conversar numa roda de amigos e entender o que eles falam, do que eles falam, para entender músicas, filmes etc. O espanhol está ganhando espaço e quem o fala tem melhor lugar ao sol. Quanto ao francês, penso que é uma boa fonte de conhecimento para minha área de Letras. O italiano, como já disse, é o meu queridinho, por causa da minha ascendência italiana.
- E 11:41:12: Se vc tivesse filhos, tentaria influenciá-los para fazer alguma destas línguas? Qual?
- D 11:42:43: Ah, pergunta difícil... Se eu chegasse a falar todas línguas fluentemente, acho que ensinaria todas, mas principalmente o italiano
- E 11:43:34: Quando pensa nas pessoas que vc conhece, que falam inglês, vc acha que elas têm interesses e valores em comum? Quais?
- D 11:46:56: Eu conheço apenas uma colega que tem inglês fluente, ou seja, ela é bilingue. As outras falam, mas com o conhecimento adquirido aqui mesmo no Brasil. Os interesses que julgo que essas pessoas têm em comum são, fora do meio acadêmico, em geral, ligados ao trabalho, de maneira capitalista, e à cultura geral. Posso estar errada no meu julgamento
- E 11:47:17: E como são as pessoas que vc conhece que falam francês? O que valorizam? Pelo que se interessam?
- D 11:49:59: As que falam francês são meus professores. Meus colegas de turma falam como eu, uma língua mais ou menos. Estes valorizam as mesmas coisas que eu, principalmente o estudo e, por que não, a diversão. Meus professores falam mais sobre a língua e valorizam a cultura francesa, sua literatura. Mas isso também ocorre com os profs. que falam inglês. No fundo, é tudo estereótipo.
- E 11:50:23: E sobre as pessoas que vc conhece, que falam italiano? Como são? Do que gostam, pelo que se interessam?
- D 11:51:27: O universo dessas pessoas se resume à minha profa de italiano. Mas o que ela valoriza e as outras pessoas falantes do inglês, por exemplo, não valorizam, é a gastronomia.
- E 11:51:57: E por fim, como vê as pessoas que falam espanhol? O que valorizam? Pelo que se interessam?
- D 11:54:02: Não sei ao certo. Aliás, essas perguntas têm um cunho muito atrelado a julgamento de valores, coisa complicada de lidar. Mas eu acho que os falantes de espanhol valorizam mais a história, não sei porquê. Tenho essa impressão. Pelo menos nas aulas que tive, sempre surgia uma conversa sobre isso.
- E 11:54:15: Em termos de ofertas de curso, como vc qualifica o acesso às línguas estrangeiras na cidade de Campinas? É fácil, difícil, oferta variada, acesso caro?
- D 11:58:06: Nunca procurei saber sobre aprender além do inglês em escolas particulares. Não sei quanto custa fazer espanhol, ou francês, ou italiano fora do CEL. Mas estou vendo nos últimos 5 anos, pelo menos, ampliarem-se as ofertas de ensino de línguas além do inglês. Posso citar o exemplo da escola Planet, que passou a oferecer, além do inglês e do espanhol (e antes era só inglês), o francês. Até a Wizard (não sei se é assim que se escreve ao certo) está abrindo turmas para italiano. Vi numa propaganda na Romeu Tortima semana passada. E, tem como eu digitar o texto visualizando-o? É muito ruim escrever numa só linha infinita...
- E 11:58:17: Quais são as línguas mais divulgadas pela mídia? Como esta divulgação chega até vc?
- E 11:59:20: D, eu não conheço os recursos..... Faça o seguinte, escreva um pouco e mande com
- E 11:59:36: assim eu saberei que vc ainda não terminou.
- D 11:59:46: O inglês, primeiramente, e o espanhol, em segundo lugar. Chegam via televisão, panfletos entregues nos semáforos ou em, ok
- D 12:00:19: são entregues também em caixas de cantinas etc. Out doors em parecem bastante eficazes

D 12:01:09 Mas a tv é mais. Mas parece que as propagandas de tv de ingles têm diminuído. Mande outra pergunta

E 12:01:30 E quanto ao ensino de línguas na escola pública? O que pensa desta política, em termos de qualidade e oferta?

D 12:01:46 Acho ruim porque não consigo ler o que escrevi!!! Não sei como o texto sai ao certo

E 12:02:40 Não consegue ler???

E 12:02:54 Está tudo saindo ótimo, por aqui!

D 12:03:37 Ah, esta oferta é ruim atualmente. Não ajuda em quase nada o aluno e, muitas vezes, atrapalha, traumatiza. As turmas são grandes, o oral é posto de lado, os professores muitas vezes não têm fluência. Eu não gostei da minha experiência.

E 12:04:10 O que é mais importante, aumentar a oferta, melhorar a qualidade, ou ambos?

D 12:06:26 Não, eu consigo ler as perguntas e respostas, mas quando escrevo, não consigo ver meu texto inteiro. Mas não se preocupe, está tudo certo!!

E 12:06:41 Vc que gosta de tantas línguas diferentes, qual a importância da diversidade lingüística do mundo?

D 12:07:40 Ambos, sem dúvida. Só não sei o que fazer primeiro. Acho que melhorar a qualidade e depois expandir a oferta, senão, expande-se a oferta e a qualidade fica de lado.

D 12:10:13 É, eu gosto de muitas línguas. O que me atrai nisso é descobrir junto com uma nova língua, toda a cultura a ela relacionada. A diversidade linguística é importante pela sua conversação cultural. Pela língua se conhece um povo... e se destrói outros também!

E 12:10:46 Vc também acha importante os esforços pela preservação de línguas minoritárias, como as línguas indígenas?

D 12:15:04 Sim, acho importante. Isso não significa que tenham que ficar só na minoritária, afinal, precisam saber a majoritária para participar da sociedade e não se deixar enganar. Se formos transferir isso pra uma esfera macro, um bom exemplo é o inglês (como majoritária) e o resto das línguas. Temos que admitir que o inglês impera, mas não quero aprendê-lo para engolir tudo o que dele provém, mas para tentar enxergá-la como uma unidade criticável.

E 12:15:16 Vc acha importante que seja eleita uma língua para a comunicação universal?

D 12:16:42 Nunca pensei sobre isso, mas se elegermos fica implícito que ela é a melhor e a mais poderosa e que, consequentemente, as outras não são.

E 12:17:21 Vc acha que o inglês cumpre bem este papel ou esta prevalência é problemática?

D 12:19:25 É problemática, sem dúvida, mas se não houvesse ideologia e dominação implícitas ela também serviria bem para este papel.

E 12:19:57 Então vc acha que as ideologias estão muito associadas às línguas?

D 12:20:25 Ideologia tem em todo lugar, mas a língua é pura ideologia.

E 12:20:50 Acha que o ensino de inglês poderia ser nocivo em algum aspecto?

D 12:22:23 Acho que o ensino de qualquer coisa pode ser nocivo. Platão já dizia que a educação deve ser voltada para o bem da polis, social, porque ela serve muito bem para o mal também. Veja o estágio que o crime organizado chegou. Isso não seria possível sem educação.

E 12:22:53 Além de tudo o que pode aprender com uma língua, quais são suas ansiedades com relação ao uso que pretende fazer delas? Espera usá-las para quê?

D 12:26:14 Espero usar o inglês para ultrapassar obstáculos que apareçam, por exemplo, utilizá-la para comunicação universal. Se um dia eu for para um lugar que eu não saiba falar a língua local eu poderia me virar com o inglês. Além disso, para ler sem dificuldades. Não quero ensinar inglês. Pelo menos é o que penso hoje!!! Quanto ao francês e ao italiano, penso seriamente em me tornar profa. de uma delas.

E 12:26:38 Vc sente o teu aprendizado de francês (ou mesmo italiano) menos dissociado de questões ideológicas, ou esta questão se apresenta tão forte como no aprendizado da língua inglesa?

D 12:28:03 Acho que com o inglês é mais forte por causa de sua predominância. Com as outras duas é mais suave, mas tem muita ideologia sim.

E 12:28:16 Qual é a tua relação com a língua portuguesa? Quer ensinar português também? Acha nossa língua bem divulgada? Deveria sê-lo?

D 12:29:42 Minha relação com o português é boa. Poderia ensiná-la sem problemas. Não acho nossa língua bem divulgada, mas como poderia ser mais? Não consigo enxergar isso...

E 12:29:56 Vc acha que o inglês ameaça as outras línguas? Reduz o interesse das pessoas por outras línguas?

D 12:32:09 O ingles nao ameaça as outras línguas. O que ameaça é a forma como ele é imposto. Isso implica em oferta de cursos. Consumimos o que nos é disponível. Isso quer dizer que sem oferta de outras línguas, como podemos ter acesso a elas?

E 12:32:21 Vc acha que haveria alguma possibilidade atual de se buscar um equilíbrio? O que poderia ser feito?

D 12:33:31 Buscar equilíbrio... Uma saída é o marketing.

E 12:33:43 Das línguas que estuda, quais delas mais favorece teu crescimento pessoal?

D 12:33:53 O italiano

E 12:34:12 Quais mais valorizam teu curriculum?

D 12:34:19 O frances

E 12:34:31 Quais mais te trariam compensação financeira?

D 12:34:51 Não sei. Acho que o frances

E 12:35:03 Quais as línguas mais valorizadas no meio acadêmico?

D 12:36:03 Depende da área. Em TL é frances, ingles, espanhol, respectivamente. Em LA é ingles e o restante.

E 12:37:37 Quais as línguas mais valorizadas por empresas e instituições privadas?

D 12:39:30 O ingles, em primeiro lugar e, em segundo, a língua de origem da empresa

E 12:39:38 Que tipo de textos e outras linguagens (cinema, música) mais te interessam nas línguas que estuda. Pode exemplificar separadamente por língua?

D 12:42:45 Cinema é ingles. Música, apesar de preferir as brasileiras, também gosto das de ingles e de italiano. Nao gosto muito de música francesa. Literatura adoro a de lingua italiana e espanhola. Culinária, italiana. Alguma outra linguagem?

E 12:43:06 Além da tua afinidade explícita com a cultura italiana, com qual outra cultura sente alguma afinidade (ref. às culturas anglo-americana, espanhola, francesa)?

D 12:45:04 depois da italiana, a espanhola. Gosto da francesa, mas em menor grau e com mais desconfiança. Com a anglo-americana não tenho muito contra, nao, principalmente depois de ter amigos de lá.

E 12:45:11 E o aprendizado de qual língua te traz mais prazer? Porque?

D 12:46:37 Da italiana, porque eu adoraria morar na Itália. Tenho muitos de italiano em mim: falar alto e com as mãos, família briguenta e barulhenta. Pena que a língua se perdeu.

E 12:46:44 D, tua colaboração foi muito importante para o meu trabalho. Vc gostaria de me fazer alguma pergunta?

D 12:46:54 Já acabamos?

E 12:47:12 Acho que sim.....

D 12:47:39 Bom, depois vc me dá um retorno sobre sua pesquisa. Me interesse por isso. Não sei ao certo para que estou servindo!!!

E 12:48:13 Vc tem questionamentos muito similares aos meus, quando iniciei a pesquisa.

D 12:48:54 Espero que tenha ajudado. Se precisar de algo mais é só falar, ok?

E 12:49:11 Está servindo muito. E quando estiver com a pesquisa pronta eu informo, ok?

E 12:49:31 MUITÍSSIMO obrigada por enquanto! Agora vou dar um aula. Um grande abraço!

D 12:49:40 Ah, vc é profa. de alguma dessas línguas? Pretende

D 12:50:00 Ok, boa aula e obrigada!!

E 12:50:17 Dou aulas de inglês e alemão.

D 12:50:45 Ah, legal. Mas nao gosto de alemão!!! Um abraço, E e até mais!!

E 12:50:55 Inté!

Entrevista Sujeito 217 (C217) em 28/03/03

E (5:50 PM) : Oi, Já chegou?

C 217 (5:50 PM) : Oi já cheguei! Estava esperando vc.

E (5:50 PM) : Se soubesse teria ligado antes. Vamos lá?

C 217 (5:51 PM) : Vamos.

E (5:51 PM) : C, vc informou que fez curso de inglês antes da graduação. Porque fez esta opção? Vc decidiu ou decidiram por vc?

- C 217 (5:52 PM) : Eu decidi. Meus amigos do primeiro colegial iam todos fazer inglês e eu sempre achei importante. Aí fiz no Yázigi durante 2 anos.
- E (5:52 PM) : Qual é a importância desta língua para vc de modo geral?
- C 217 (5:53 PM) : Leio textos acadêmicos, uso o inglês para o trabalho (às vezes preciso me comunicar com estrangeiros) e muitas vezes faço traduções.
- E (5:53 PM) : Na época do questionário não estava trabalhando. Trabalha agora?
- C 217 (5:54 PM) : Meu trabalho é esporádico. Às vezes aparece um evento de moda/publicidade e eu faço. (Agora tbm faço iniciação científica)
- E (5:54 PM) : Além da importância da língua, que afinidades especificamente lingüísticas tem com ela? (fácil, difícil, bonita, sonora?)
- C 217 (5:55 PM) : Fácil. Bonito eu acho o francês, difícil eu acho o latim e sonora eu acho o alemão.
- E (5:55 PM) : Já me antecipou várias questões...
- C 217 (5:56 PM) : :)
- E (5:56 PM) : O que pensa da cultura inglesa ou anglo-americana? Que afinidades tem com ela?
- C 217 (5:57 PM) : Não muitas. Gosto principalmente da música (blues, jazz e um pouco do pop até!) e da literatura (poesia, sobretudo). De resto, não me animo a conversar com americanos nem com ingleses.
- C 217 (5:58 PM) : Acho que são muito pedantes.
- E (5:58 PM) : Ao iniciar a graduação vc também optou pelo francês. Porque?
- C 217 (5:58 PM) : Porque os maiores poetas e pensadores são franceses. Eu ia precisar ler no original.
- E (5:58 PM) : Vc ainda cursa as duas?
- C 217 (5:59 PM) : Parei inglês e francês. Estudo sozinha. Só continuei o latim.
- E (5:59 PM) : Pretende fazer todos os semestre de latim?
- C 217 (6:00 PM) : Pretendo. Até o 8 se conseguir entrar no mestrado.
- E (6:00 PM) : Porque fez esta opção?
- C 217 (6:01 PM) : Porque além de gostar muito do latim, pretendo trabalhar com isso. É uma área bem deficiente no mercado. Não há professores gabaritados.
- E (6:02 PM) : Então, quando menciona que pretende ser professora de língua estrangeira, referia-se ao latim. Porque estuda na Unicamp que não a habilitará como tal?
- C 217 (6:02 PM) : Como assim não me habilitará?
- E (6:03 PM) : Desculpe-me, mas neste assunto seu um pouco ignorante. Mas sei que a Unicamp não forma professores de língua estrangeira. No caso do latim, vc estará habilitada para ser professora?
- C 217 (6:05 PM) : É claro que a Unicamp forma professores de língua estrangeiras. Do contrário eu não teria feito um curso de 1 semestre todo cujo nome era: "Ensino de Língua Estrangeira". Estarei habilitada sim. Qualquer pessoa com um bom conhecimento lingüístico e três anos estudando latim pode dar aula.
- E (6:06 PM) : C, esta não é a informação que tenho. Que eu saiba, todos os formandos da Unicamp são professores de língua materna. Mas tudo bem, vamos para a próxima. Ao estudar latim, vc está unindo o útil ao agradável (é difícil - vc disse)? Ou um dos aspectos predomina?
- C 217 (6:08 PM) : Os dois aspectos predominam. Eu gosto e acho que vai ser muito útil. (Vc tem razão. No currículo FORMAL da Unicamp não temos LICENCIATURA em língua estrangeira. Mas isso não significa que a Unicamp não tenha nos dado um formação suficientemente boa para que possamos dar aula de língua estrangeira.)
- E (6:09 PM) : Entendo perfeitamente.
- E (6:09 PM) : Mais uma - as pessoas estranham esta tua opção pelo latim? Como vc se justifica?
- C 217 (6:11 PM) : Estranham. É uma língua morta e geralmente as pessoas pensam que a única utilidade de uma língua é a comunicação oral. Saber falar. Eu me justifico dizendo que o latim originou todas as línguas românicas, que eu adoro tudo na cultura clássica (história, literatura, filosofia) e adoro o fato de poder fazer algo que quase ninguém faz. :)
- E (6:11 PM) : Porque parou o inglês e o francês? Como está sendo teu estudo autodidata?
- C 217 (6:13 PM) : Parei pq a Unicamp não oferece mais esses cursos no meu nível gratuitamente e eu não tenho dinheiro para pagar. Meu estudo autodidata é livre. Quando dá tempo eu ouço minhas fitas de francês com diálogos, recitais de poemas, músicas e procuro transcrever. Quanto ao inglês, a

- imersão é total. Faço um curso de tradução aqui na Unicamp, leio a maioria da bibliografia em inglês e a maioria dos meus cds são em língua inglesa. Eu treino muito. :)
- E (6:13 PM) : C - daqui pra frente vou me ater só a questões sobre línguas modernas, para não me desviar do meu tema, ok?
- C 217 (6:13 PM) : ok.
- E (6:13 PM) : Quantos semestres a Unicamp oferece?
- C 217 (6:14 PM) : Até o 6. Eu fiz inglês até o 6. Mas parei o francês no 5 porque não tinha professora pra dar o nível 6. :(
- E (6:15 PM) : Como vc classificaria tua proficiência hoje nestas línguas? Qual o aperfeiçoamento máximo vc considera necessário?
- C 217 (6:15 PM) : A minha proficiência em inglês, de zero a 10, eu daria 7. A minha em francês, eu daria 5.
- C 217 (6:16 PM) : Eu considero o máximo aperfeiçoamento vc poder conversar com um nativo tranquilamente e escrever textos.
- E (6:17 PM) : Fale-me um pouco mais do francês. Qual a importância desta língua no mundo hoje?
- C 217 (6:18 PM) : Eu acho que a importância, na minha área, é maior na área da leitura. Os maiores poetas e pensadores são franceses. A vanguarda veio de lá. Os tratados, os poemas, tudo. Quanto à comunicação oral eu acho que é uma língua secundária.
- E (6:19 PM) : Entre o inglês e o francês vc tem algum tipo de preferência ou são interesses complementares?
- C 217 (6:19 PM) : Complementares, totalmente. Gosto mais da música inglesa/americana que da francesa (acho que é a minha única preferência)
- E (6:20 PM) : Vc mencionou que gostaria de estudar italiano. Porque? Qual a sua importância no mundo?
- C 217 (6:21 PM) : Eu sou descendente de italianos. Eu estou tirando a minha cidadania e além do mais... pretendo morar na Europa um tempo depois de acabar a faculdade. Além do que, é uma língua que sempre me interessou muito, mas que eu sempre considerei secundária em grau de importância no que concerne à comunicação e à leitura dos textos específicos para minha área.
- E (6:21 PM) : Não sei se tem filhos, mas se os tivesse tentaria influenciá-los para aprender alguma língua?
- C 217 (6:22 PM) : Não tenho filhos. Mas certamente tentaria introduzir o gosto por aprender línguas desde cedo.
- E (6:22 PM) : Alguma em especial? Alguma que considere fundamental para a formação de uma criança?
- C 217 (6:23 PM) : Não acho que exista alguma língua "fundamental para a formação de uma criança". Mas acho que começaria pelo inglês mesmo. É mais fácil de aprender e é mais útil no dia-a-dia.
- C 217 (6:23 PM) : Erudição não basta.
- E (6:23 PM) : Em que país europeu gostaria de morar?
- C 217 (6:24 PM) : Itália, França ou Inglaterra. Um dos três. Suíça, talvez.
- E (6:24 PM) : Quando fala de área de interesse - ou a tua área, qual seria?
- C 217 (6:25 PM) : Quando falo "minha área", quero dizer da área de Letras.
- E (6:25 PM) : Já tem algum interesse mais específico, além do Latim?
- C 217 (6:25 PM) : Teoria literária. Talvez desenvolva meu mestrado nisso.
- E (6:26 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas no meio acadêmico no Brasil?
- C 217 (6:26 PM) : Inglês e francês, sem dúvida.
- E (6:26 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas por empresas e instituições privadas no Brasil?
- C 217 (6:26 PM) : Inglês e espanhol.
- E (6:27 PM) : Vc acha a política de línguas estrangeiras do Estado satisfatória? Em termos de qualidade? Em termos de oferta de línguas estrangeiras?
- C 217 (6:27 PM) : (É a diferença entre o que é para leitura e o que é para comunicação)
- C 217 (6:28 PM) : Não acho. Não temos oportunidade de terminar nossos cursos porque a política privilegia ensinar POUCO a MUITOS em vez de ensinar MUITO a poucos. Ou seja, são abertas 15 salas de Francês 1 e nenhuma de francês 6.
- C 217 (6:29 PM) : O melhor seria ensinar muito a muitos. Mas estamos falando da realidade, não é?
- E (6:29 PM) : E o que pensa desta mesma pergunta no ensino fundamental e médio?
- C 217 (6:29 PM) : idem.
- E (6:29 PM) : O que vc acha mais importante - aumentar a oferta de línguas ou melhorar o ensino de inglês?
- C 217 (6:30 PM) : no que concerne ao Estado.
- C 217 (6:30 PM) : Melhorar o curso.
- E (6:30 PM) : Vc acha que a literatura em língua francesa é superior à literatura em língua inglesa?

- C 217 (6:31 PM) : Não. São boas as duas. Muito boas. Acho que o francês é melhor quanto aos pensadores. Mas a literatura é excelente nas duas línguas.
- E (6:31 PM) : Em termos de acesso a cursos de língua inglesa e francesa - de forma geral - vc sente muito diferença?
- C 217 (6:33 PM) : Muita. Quase não há oferta de curso de língua francesa. É considerado secundário pela maioria das pessoas que estão voltadas para uma formação que interesse às instituições privadas, não ao meio acadêmico.
- E (6:33 PM) : E que línguas estrangeiras são mais divulgadas pela mídia? Por que meios esta divulgação chega até vc?
- C 217 (6:34 PM) : Inglês é a mais divulgada. Chega até mim por TODOS os meios. No rádio, na t.v., nos slogans de publicidade, na rua... enfim.
- E (6:34 PM) : Em que o inglês vai facilitar (ou já facilita) a tua vida?
- C 217 (6:35 PM) : Leio textos acadêmicos, uso o inglês para o trabalho (às vezes preciso me comunicar com estrangeiros) e muitas vezes faço traduções.
- E (6:35 PM) : Com estas línguas - considerando o inglês, o francês e o italiano, vc espera obter crescimento pessoal, melhorar teu curriculum, aumentar tua empregabilidade, obter compensação financeira? Se quiser pode mencioná-las separadamente.
- C 217 (6:36 PM) : Tudo isso exatamente nessa ordem.
- E (6:36 PM) : Quando vc pensa nos brasileiros que vc conhece que falam inglês, vc acha que seria possível identificar valores ou interesses que eles possam ter em comum?
- C 217 (6:37 PM) : Todos querem aumentar sua empregabilidade e/ou obter compensação financeira por isso. Ninguém começa a fazer inglês porque pretende ler Sakespeare no original.
- E (6:38 PM) : E pensando nas pessoas que vc conhece que falam francês? Como são? Pelo que se interessam? Há algo em comum entre eles?
- C 217 (6:38 PM) : Todas desejam obter primeiro crescimento pessoal (ter a capacidade de ler as melhores obras humanas de todos os tempos) e depois obter compensação financeira.
- E (6:39 PM) : E como são os "heróis da resistência" que sabem latim? :o)
- C 217 (6:39 PM) : Opa... esses são como os de francês. Fazem porque gostam. Ninguém aguenta fazer latim só pq está valorizado no mercado.
- E (6:40 PM) : Quando vc fala que gostaria de obter um nível bom em inglês e francês para se comunicar, quando vc está envolvida com o aprendizado de uma língua sente mais ansiedade por tudo que esta nova língua poderá te possibilitar em termos de crescimento, ou também ansia pelo instrumento que te possibilitará comunicar, informar, ensinar coisas?
- C 217 (6:41 PM) : As duas coisas. Mas não fico ansiosa com isso. Levo tranquila.
- E (6:41 PM) : Que bom :o)
- C 217 (6:42 PM) : :)
- E (6:42 PM) : Qual a tua relação com o português? Vc acha que o português deveria ser mais divulgado no mundo?
- C 217 (6:43 PM) : Acho que ele tem a divulgação que merece. Nossos autores fazem o que pode e acho que o português não nasceu pra ser business language. Acho uma língua difícil para aprender e a nossa literatura, em geral, não compensa o sacrifício. É melhor ler a tradução.
- E (6:44 PM) : Ok. Vc sempre me economiza muitas perguntas :o)
- C 217 (6:44 PM) : :)
- E (6:44 PM) : Vc acha importante que o mundo eleja uma língua franca para a comunicação universal?
- C 217 (6:45 PM) : Acho que o inglês faz bem o papel.
- E (6:45 PM) : Acha o inglês devidamente valorizado como língua franca ou supervalorizado?
- C 217 (6:46 PM) : Supervalorizado. Muito, é claro, pela dominação econômica e política dos EUA e da Inglaterra.
- E (6:46 PM) : Vc acha que o inglês ameaça as outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?
- C 217 (6:47 PM) : De jeito nenhum. As influências são naturais. Fazem parte da evolução de qualquer língua. Nada de Aldo Rabelo.
- E (6:47 PM) : O que pensa sobre a diversidade lingüística do mundo? Qual sua importância?
- C 217 (6:47 PM) : Fundamental. A língua é o espelho da cultura. O que seria de nós sem diversidade cultural?
- E (6:48 PM) : Vc acha válido os esforços de preservação de línguas minoritárias?

- C 217 (6:49 PM) : Não. Acho que a evolução tem de acontecer. Se uma língua tende a desaparecer é porque deixou de fazer parte da vida das pessoas e se isso acontece, bom, então é melhor que a evolução aconteça e a língua vá desaparecendo mesmo.
- E (6:49 PM) : C, sua colaboração foi muito importante para o meu trabalho. Vc gostaria de me perguntar alguma coisa?
- C 217 (6:49 PM) : Não. Coloco-me à disposição para o que precisar. :)
- E (6:50 PM) : MUITÍSSIMO obrigada pela atenção, pelo seu tempo, por sua paciência!
- E (6:50 PM) : Um agrande abraço!
- C 217 (6:50 PM) : De nada! Um abraço, boa sorte com a pesquisa! C.

Entrevista Sujeito 150 (D 150) em 30/03/03

- D 150 (8:02 PM) : Olá, E. cheguei...
- E (8:03 PM) : Que bom, eu já estava a postos pra não te deixar escapar
- D 150 (8:03 PM) : Desculpas, acontece que tive que tentar umas 10 vezes para conseguir me conectar.
- E (8:03 PM) : Só um minuto, vou localizar teu questionário!
- D 150 (8:04 PM) : Ok.
- E (8:05 PM) : Já achei. Sabia que tenho 400 questionários respondidos?
- D 150 (8:05 PM) : Nossa, você vai ter um trabalhão...
- E (8:06 PM) : D, vc informou que antes da graduação já fazia curso de inglês. Porque optou por esta língua? Foi decisão tua? Teve influências externas?
- D 150 (8:07 PM) : Minha mãe optou por mim, acontece que na época tinha 11 anos e uma prima minha já fazia o curso. Não gostei nem desgostei da idéia, só comecei a gostar muito do curso quando tinha uns 14 anos.
- E (8:07 PM) : Continuou o curso até iniciar a graduação?
- D 150 (8:08 PM) : Não, parei quando tinha 18 anos por causa de uma confusão com a dona da escola, se não tivesse acontecido isso acho que teria continuado lá até hoje.
- E (8:08 PM) : Como está a tua proficiência nesta língua?
- D 150 (8:09 PM) : Muito boa, hoje trabalho como professora de inglês (no final das contas valeu a pena minha mãe ter me colocado no curso mesmo sem eu estar muito a fim).
- E (8:09 PM) : Vc se lembra como sua mãe justificava a importância de vc fazer o curso de inglês?
- D 150 (8:10 PM) : Não, espera um pouco que eu vou chamá-la.
- D 150 (8:11 PM) : disse que me dizia que era muito importante eu saber falar inglês porque teria mais chances no futuro se dominasse outro idioma.
- E (8:11 PM) : Não se se vc tem filhos, mas se os tivesse, tb tentaria influenciá-los para estudar esta língua?
- D 150 (8:13 PM) : Com certeza, acho muito importante que os filhos sejam "induzidos" pelos pais a fazerem algumas coisas quando são pequenos, mesmo que eles (os filhos) não gostem muito, pois poderão gostar no futuro, este foi meu caso, se não tivesse feito o curso minha vida hoje seria bem diferente.
- E (8:13 PM) : Em que esta língua facilitou tua vida? Tente pensar em todos os aspectos possíveis, ok?
- D 150 (8:15 PM) : Bom, está me facilitando para ler textos acadêmicos, ajudou muito também uma vez, quando trabalhava para o presidente do Rotary club daqui de Valinhos e vieram alguns australianos para cá e ninguém sabia falar inglês, fiquei como intérprete deles por três dias (conforme for lembrando vou te falando, ok...
- E (8:16 PM) : Que tipo de crescimento pessoal ela te trouxe? Melhorou teu curriculum? Trouxe compensações financeiras?
- D 150 (8:17 PM) : Ah, na época quando estudava no ensino fundamental (5ª e 6ª séries) eu e minha amiga, que fazíamos cursos de inglês nos dávamos muito bem nesta matéria na escola - a professora fazia nós apresentarmos nossos teatros para todas as outras classes
- E (8:19 PM) : Quas as afinidades lingüísticas sente com este língua?
- D 150 (8:19 PM) : crescimento financeiro nunca me trouxe (só agora que sou professora estou tendo um retorno financeiro propriamente dito), não sei se nos outros empregos que tive fez diferença o inglês que constava no curriculum, já que não usava nunca ele pra nada.

D 150 (8:19 PM) : Como assim?

E (8:20 PM) : É fácil, bonita, sonora? coisas assim....

D 150 (8:22 PM) : Os linguistas dizem que não se deve classificar uma língua como fácil ou difícil, bonita, sonora, etc, mas confesso para você que sempre pensei nela nesses aspectos e hoje ainda é difícil não pensar - acho que o inglês soa muito bem e te confesso que gosto particularmente do inglês britânico (você conhece o Hugh Grant, assisto os filmes só para ouvir a voz dele)...

D 150 (8:24 PM) : E...

E (8:24 PM) : D, pode ser que vc ache que muitas perguntas seriam improcedentes em termos de categorização, mas pretendo...

E (8:25 PM) : pretendo tentar captar o que passa pelo teu imaginário. Então tente ser apenas espontânea, ok?

E (8:25 PM) : E o que gosta da cultura inglesa ou anglo-americana?

D 150 (8:26 PM) : E eu estou sendo, e não acho sua perguntas improcedentes, muito pelo contrário

E (8:27 PM) : By the way.... Hugh is great!

D 150 (8:28 PM) : Gosto da música, do cinema - sou apaixonada pelo cinema norte americano (fiquei acordada até as 2 horas da manhã no domingo passado para assistir à entrega do oscar e vibrei quando a Nicole Kidman ganhou o oscar de melhor atriz.

E (8:28 PM) : Qual a importância desta língua no mundo hoje?

D 150 (8:30 PM) : Eu acho que é enorme. Para muitos empregos, se a pessoa não souber inglês não consegue a vaga - onde eu dou aulas tem pessoas que fazem o curso por exigência da empresa.

E (8:31 PM) : Quando vc iniciou a graduação, porque escolheu o francês?

D 150 (8:33 PM) : Iniciei a graduação no ano passado, e escolhi francês porque sempre quis fazer o curso mas nunca encontrei onde fazer (não existe nenhuma escola em minha cidade que ofereça o curso), o motivo pelo qual optei por fazer foi a sonoridade (sempre me pareceu que os franceses falavam cantando), acredito que foi por este aspecto, mais que qualquer outra coisa, que resolvi fazer francês.

E (8:34 PM) : Vc está indo bem no aprendizado? Pretende fazer todos os semestres? Quantos poderá cursar na Unicamp?

D 150 (8:35 PM) : Estou indo bem e adorando, pretendo fazer todos os quatro semestres (que são os obrigatórios) e mais alguns se tiver possibilidades.

E (8:35 PM) : Qual o nível de aperfeiçoamento pretende obter nesta língua?

D 150 (8:37 PM) : Na verdade eu gostaria de saber falar e escrever muito bem, igual o inglês, mas fiz inglês durante um tempo bem grande, e como não sei se vai ser possível fazer francês por bastante tempo, não sei até onde vou chegar (por enquanto estou me dedicando muito).

E (8:37 PM) : O que poderia mencionar sobre a cultura francesa? Do que gosta?

D 150 (8:39 PM) : Gosto de algumas músicas, como por exemplo Edith Piaf (apesar de preferir músicas americanas)

E (8:39 PM) : Que conceitos (genéricos) tem dos povos falantes de inglês e dos povos falantes do francês? Com qual se identifica mais?

D 150 (8:43 PM) : Não tenho muito conhecimento dos franceses, e por conhecer mais os falantes do inglês - já que estão muito mais na mídia que os franceses, me identifico mais com os falantes do inglês,

E (8:43 PM) : Qual a importância do francês no mundo contemporâneo?

D 150 (8:44 PM) : Posso pensar um pouco e logo te respondo?

E (8:45 PM) : Fique à vontade....

E (8:48 PM) : Podemos ir para a próxima? Vc mencionou que gostaria de estudar italiano, porque?

D 150 (8:48 PM) : O francês não tem a mesma importância que o inglês - tido como língua universal - na minha opinião ele é aquela segunda língua que alguns empregadores exigem que os empregados tenham, e por eles não especificarem muito, a gente acaba pensando que o interesse mesmo é que a pessoa fale inglês e como muita gente já fala, uma tentativa de "peneirar" é fazer esta solicitação.

D 150 (8:49 PM) : Porque sou descendente de italianos por parte de mãe (meus bisavós eram italianos)

E (8:50 PM) : No gosta desta língua? Desta cultura? Deste povo? É uma língua importante?

D 150 (8:52 PM) : Acho linda, adoro cantar músicas italianas (apesar de não saber cantar), mas nunca pensei na importância dela para o mundo contemporâneo.

- E (8:52 PM) : Quais seriam os benefícios que os francês e o italiano poderiam te trazer? No que elas poderiam ser importantes? Pode mencioná-las separadamente, se quiser.
- D 150 (8:55 PM) : Acredito que poderia ler mais livros através dos originais, já que as vezes os professores reclamam que as traduções não são boas, também poderia aprender mais sobre os falantes destas línguas.
- E (8:56 PM) : Já pensou em morar fora do país? Onde? Porque?
- D 150 (8:58 PM) : No momento não penso nisso, mas alguns anos atrás pensava em morar em Londres, minha prima morou lá durante dois anos e aprendeu muitas coisas, e por um bom tempo alimentei o desejo de ir para lá para melhorar meu inglês, mas minha mãe nunca gostou muito da idéia.
- E (8:58 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas no meio acadêmico no Brasil?
- D 150 (8:59 PM) : Acho que o francês, o alemão, o inglês
- E (8:59 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas em empresas e instituições privadas?
- D 150 (8:59 PM) : Inglês e alemão
- E (8:59 PM) : O que acha do acesso a cursos de línguas estrangeiras na região de Campinas? Fácil, difícil, caro?
- D 150 (9:01 PM) : Em Campinas eu não sei, mas na minha cidade eu considero bastante caro, apesar de ser fácil de se encontrar- para você ter idéia, eu pagava em torno de 70 reais para estudar duas vezes por semana, e tive que sair do curso porque a diretora queria passar para 100 reais mensais.
- E (9:02 PM) : O que acha da política de línguas estrangeiras da escola pública em termos de qualidade e diversidade?
- D 150 (9:05 PM) : Ruim nos dois quesitos, estudei no SESI durante o ensino fundamental e era razoável, mas aí fui para uma escola do estado e descobri que perdi 3 anos de tempo durante as aulas de inglês - as vezes a professora dava atividade e falava que eu não precisava fazer porque era muito fácil. Meu pai tinha aulas de inglês e francês na época dele e agora além de ter diminuído a diversidade, a qualidade - pelo menos em escola pública - caiu muitíssimo
- E (9:05 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais divulgadas pela mídia? Através de qual meio esta divulgação chega até você?
- D 150 (9:06 PM) : Inglês, espanhol, alemão. Chegam até mim através da TV
- E (9:07 PM) : Vc pretender ser professora de inglês / seguir carreira acadêmica / tentar emprego em empresas privadas?
- D 150 (9:07 PM) : Seguir carreira acadêmica
- E (9:08 PM) : Voltando à penúltima resposta, vc mencionou a TV divulgando estas línguas em termos de propaganda ou filmes?
- D 150 (9:10 PM) : propaganda - principalmente de escolas de idiomas - é praticamente impossível ver qualquer programação que não seja em inglês. Eu não tenho TV por assinatura, mas nos canais livres que me lembre nunca vi passar um filme que não fosse em inglês (só "A vida é bela").
- E (9:10 PM) : Já viu propaganda de cursos de alemão?
- E (9:11 PM) : Desculpe, só fiquei curiosa....
- D 150 (9:12 PM) : Sim, mas não na TV, eu me confundi, desculpe-me, no jornal eu já vi sobre curso de alemão.
- E (9:12 PM) : Ao aprender uma língua vc sente mais ansiedade com o que pode aprender através dela ou também sente necessidade dela para se comunicar / ensinar / informar coisas para outras pessoas no Brasil ou fora do país?
- D 150 (9:13 PM) : Os dois, principalmente a segunda opção.
- E (9:14 PM) : Quando pensa nas pessoas que vc conhece que falam inglês, vc acha que elas têm valores ou interesses em comum?
- D 150 (9:15 PM) : Nunca pensei nisso, vou pensar um pouquinho...
- D 150 (9:17 PM) : Bom, as pessoas que conheço que decidiram fazer curso de inglês tomaram a decisão pensando no futuro profissional
- E (9:17 PM) : E as pessoas que vc conhece que falam francês? Como elas são, pelo que se interessam, elas tendem a seguir certas áreas específicas de conhecimento?
- D 150 (9:20 PM) : Só conheci pessoas que fazem francês a partir do ano passado, , a maioria escolheu como língua estrangeira, são da história, da filosofia, letras, apenas uma da engenharia não se enquadra na área de humanas

- E (9:20 PM) : E como são as pessoas que conhece que falam italiano? Têm valores ou interesses em comum?
- D 150 (9:22 PM) : Não conheço ninguém que fala italiano, minha bisavó falava, , mas não cheguei a conhecê-la.
- E (9:22 PM) : Voltando um pouco a uma questão anterior, o que vc gostaria de comunicar / ensinar / informar pelo uso do inglês, por exemplo? A quem? (pode ser uma resposta genérica, ok)
- D 150 (9:23 PM) : Bom, eu comunico, ensino e informo pelo uso do inglês, principalmente minhas turmas intermediárias, (com elas eu falo quase só inglês).
- E (9:23 PM) : Qual a sua relação com o português?
- D 150 (9:23 PM) : Como assim?
- E (9:24 PM) : Gosta? Gosta muito? Gosta de escrever? De ler?
- D 150 (9:25 PM) : Gosto muito, de escrever e ler.
- E (9:25 PM) : Vc acha que o português deveria ser mais divulgado no mundo? Existe esta possibilidade?
- D 150 (9:26 PM) : Eu gostaria que fosse, mas não sei se existe esta possibilidade.
- E (9:27 PM) : Já pensou em dar aulas de português para estrangeiros? Ou de trabalhar com tradução do português para outras línguas? Que tipo de textos ou linguagens (música, cinema) acha que deveriam ser mais divulgados / traduzidos?
- D 150 (9:30 PM) : Nunca pensei, mas acho uma idéia interessante. Gostaria de trabalhar com a tradução do português para inglês (e quem sabe francês, futuramente), acredito que obras literárias deveriam ser traduzidas (na verdade, não sei se uma grande quantidade já foi). A música brasileira é muito conhecida na França, segundo a professora de frances, mas não sei se é nos estados unidos, acredito que não é tanto e acho uma pena.
- E (9:30 PM) : Vc acha importante que o mundo eleja uma língua franca para a comunicação universal?
- D 150 (9:32 PM) : Não, não sei se isso daria muito certo e além de tudo, é no mínimo estranho impor uma língua - tipo o esperanto - que não é original de ninguém, para comunicação.
- E (9:32 PM) : Acha que o inglês já cumpre bem este papel?
- D 150 (9:33 PM) : Acho que sim
- E (9:33 PM) : Vc acha que o inglês ameaça outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?
- D 150 (9:33 PM) : Acho que não.
- E (9:34 PM) : Qual a importância da diversidade lingüística no mundo?
- D 150 (9:35 PM) : As pessoas fazem a diversidade, e conhecendo a diversidade a gente conhece as pessoas
- E (9:35 PM) : Acha importante os esforços de preservação de línguas minoritárias como as línguas indígenas?
- D 150 (9:36 PM) : Sim
- E (9:36 PM) : D, sua colaboração foi preciosa para o meu trabalho. Vc gostaria de me fazer alguma pergunta?
- D 150 (9:37 PM) : Sim, gostaria de saber um pouco sobre o trabalho que você está desenvolvendo.
- E (9:38 PM) : Sou mestranda em Lingüística Aplicada e estou tentando desvendar um pouco o processo de escolha de línguas estrangeiras, num contexto onde o inglês é uma língua hegemônica.
- D 150 (9:39 PM) : Que interessante, posso te perguntar se o porque das outras pessoas terem escolhido o inglês foi parecido com o porquê de eu ter escolhido?
- E (9:40 PM) : Acho que sim. Os discursos circulantes hoje são muito fortes e acho difícil escapar desta "necessidade" que vai sendo construída. Mas ainda não fiz nenhuma análise mais aprofundada. O inglês normalmente está muito associado - nas respostas - com a vida profissional - com a utilidade.
- D 150 (9:41 PM) : É verdade, E, eu agradeço por ter tido a oportunidade de te ajudar e te desejo boa sorte no seu trabalho.
- E (9:42 PM) : Muito obrigada, obrigada por sua atenção, por seu tempo. E te desejo muito sucesso na sua carreira!
- D 150 (9:42 PM) : Muito obrigada Qualquer necessidade, pode voltar a me procurar, ok Tchou, Tchou
- E (9:42 PM) : Um grande abraço!!

Entrevista com Sujeito 275 (M 275) em 31/03/03

- E (9:01 PM) : Olá, podemos começar ou quer acabar de ver o jornal? :o)
- M 275 (9:02 PM) : Podemos, claro...

E (9:02 PM) : Vou te chamar de Má, porque não sei o teu pré-nome....

M 275 (9:03 PM) : Fica M275 como pré nome...

E (9:03 PM) : Vc informou que fez um curso de inglês no exterior. Como foi esta experiência? Longa? Que país?

M 275 (9:04 PM) : Não fiz curso no exterior, e não lembro de ter informado,,,desculpe.

E (9:05 PM) : Tudo bem, muitas pessoas se enganaram nesta questão. É que eu perguntava se aprendeu alguma língua estrangeira no exterior, morando lá ou fazendo cursos. ...

E (9:05 PM) : Ok, então vc informou que iniciou um curso de inglês antes da graduação. Que idade tinha? Quem fez esta opção? Vc ou tua família optou por vc?

M 275 (9:06 PM) : Aprendi, fazendo um curso em escola de inglês, aqui no Brasil...mas pretendo ir fazer um curso no exterior, acho q no ano que vem..

M 275 (9:06 PM) : iniciei com 13 anos, eu fiz esta opção.

E (9:07 PM) : Porque?

M 275 (9:07 PM) : naquela época já pensava no futuro, e como minha prima tbm queria fazer, iniciamos juntas...

E (9:08 PM) : Como foi a experiência? Gosta da língua? Tem facilidade? Acha o inglês uma língua fácil, sonora, bonita?

M 275 (9:10 PM) : foi boa e ruim,,,pois, nos primeiros anos, " apanhei muito" , não entendia muita coisa...Não tenho muita facilidade em aprender ingles..Acho uma língua sonora, e muito diferente do português.

E (9:10 PM) : Vc continuou o curso até iniciar a graduação? Como é a tua proficiência hoje?

M 275 (9:11 PM) : terminei o curso, e no ano seguinte entrei para a faculdade, regular..

E (9:11 PM) : Porque escolheu fazer letras?

M 275 (9:12 PM) : a principio , porque o Bacharelado me chamava a atenção, achava que era uma profissão diferente de ser professor, e queria me aprofundar no inglês.

E (9:13 PM) : Vc informou que pretende ser professora de língua estrangeira. Acabou mudando de idéia? Ou ainda quer tentar alguma coisa na indústria, secretariado, tradução, carreira acadêmica?

M 275 (9:15 PM) : se eu concretizar realmente a idéia de fazer um curso no exterior que possibilite minha fluência em inglês, tentarei algo na indústria, empresas, e até mesmo como professora de língua estrangeira.

E (9:15 PM) : Existe a opção bacharelado ou licenciatura na PUCC?

M 275 (9:16 PM) : O novo curriculum da PUCC, forma o aluno de letras em bacharelado e licenciatura juntas,

E (9:17 PM) : Como poderia descrever o aperfeiçoamento máximo que espera obter nesta língua? O que é possível obter no teu curso? O que é possível obter no exterior?

M 275 (9:18 PM) : Aperfeiçoamento só na escrita. É possível obter técnicas para lecionar. Acredito que no exterior é possível obter muita experiência e fluência.

E (9:19 PM) : Em que país gostaria de morar? Porque? Quais as afinidades culturais sente com este povo?

M 275 (9:21 PM) : Canada, amigos que já moraram lá, afirmaram que o povo que vive lá, é mais "solidario" com estrangeiros.

E (9:21 PM) : Qual a importância desta língua no mundo hoje?

M 275 (9:22 PM) : importancia total para as relações comerciais, administrativas, etc

E (9:22 PM) : Vc acha que se tivesse filhos tentaria influenciá-los para estudar inglês?

M 275 (9:23 PM) : com certeza, até já penso na possibilidade de comunicar com eles em inglês ,desde crianças..

E (9:23 PM) : Vc também informou que gostaria de estudar espanhol. Porque? É só um desejo vago ou vai tentar concretizar?

M 275 (9:24 PM) : por enquanto um desejo vago.

E (9:24 PM) : Acha a língua bonita, importante, fácil?

M 275 (9:25 PM) : Acho necessária para a tecnologia atual e muito importante.

E (9:25 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas no meio acadêmico brasileiro?

M 275 (9:25 PM) : inglês e espanhol

E (9:26 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas por empresas e instituições privadas?

M 275 (9:26 PM) : inglês e espanhol

E (9:27 PM) : Como é o acesso a cursos de línguas estrangeiras na região de Campinas? Tem bastante diversidade de oferta? São cursos financeiramente acessíveis?

M 275 (9:28 PM) : Bom, sim há uma grande diversidade, depende, varia muito, conheço um ,o qual uma professora americana dá as aulas e cobra um precó bem baixo.

E (9:28 PM) : Quais são as línguas estrangeiras mais divulgadas na mídia? Como esta divulgação chega até vc?

M 275 (9:29 PM) : Inglês, Chega por internet e tv, filmes..etc

E (9:29 PM) : O que vc acha da política de línguas estrangeiras da escola pública? Como é a qualidade? Acha que outras línguas deveriam ser oferecidas?

M 275 (9:31 PM) : é pessima a qualidade, acho que deveriam tirar toda e qualquer língua estrangeira da escola publica: a sala é lotada e o aluno não aprende nada.

E (9:31 PM) : E como ficariam os alunos que não podem pagar um curso?

M 275 (9:32 PM) : uqe a escola abrisse vagas para os realmente necessitados, e em um outro horario, financiado pelo estado ou municipio, que cuida das escolas publicas

E (9:33 PM) : M 275, no que o inglês vai facilitar a tua vida?

M 275 (9:34 PM) : vai me dar a possibilidade de crescer no campo profissional, arrumando outros empregos

E (9:35 PM) : Vc acha que o conhecimento desta língua por si aumenta tua empregabilidade ou pretende ainda fazer outros cursos?

M 275 (9:36 PM) : pretendo fazer outros cursos, não sei quais ainda.

E (9:36 PM) : Que tipo de crescimento pessoal espera obter pelo conhecimento desta língua?

M 275 (9:37 PM) : não sei ainda, só espero que o salario melhore

E (9:37 PM) : Quando vc pensa nas pessoas(brasileiros) que conhece que fala inglês, vc acha que elas têm valores ou interesses em comum? Como elas são? Pelo que se interessam? O que valorizam?

M 275 (9:39 PM) : Têm interesses de se ascenderem financeiramente. São professores já da língua, se interessam em estar sempre em convívio com nativos da língua

E (9:40 PM) : Que tipos de textos e linguagens (cinema, música...) mais te interessam nesta língua?

M 275 (9:41 PM) : gosto de letras de musicas

E (9:41 PM) : Vc enfatizou bastante a importância da fluência em inglês. Vc gostaria muito de poder se comunicar.... Com quem? Em que situação? Que coisas gostaria de poder comunicar, ensinar, informar pelo uso desta língua?

M 275 (9:42 PM) : gostaria de me comunicar bem em inglês com minhas professoras da faculdade, e com alunos que futuramente poderei ter, ou em trabalhos de tradução em empresas.

E (9:43 PM) : Vc gosta de fazer traduções? Gosta mais de traduzir do inglês para o português ou do português para o inglês?

M 275 (9:44 PM) : inglês para o português

E (9:44 PM) : Qual é a tua relação com o português? Gosta da língua? Aprendeu bem? Gosta de ler? De escrever?

M 275 (9:46 PM) : Uma relação razoável, gosto sim, gosto mais de ler que escrever. Mas acho o português muito complexo.

E (9:46 PM) : Vc acha o português uma língua de importância mundial? Acha que deveria ser mais divulgado?

E (9:46 PM) : desculpe... mundial???

M 275 (9:47 PM) : não acho que seja de importancia mundial, até deveria ser, pois há muitos profissionais brasileiros lá fora, que são importantes.

E (9:47 PM) : Que tipos de textos e linguagens(música, cinema) em português deveriam ser mais traduzidos e divulgados?

M 275 (9:49 PM) : acho que a música é bem divulgada, e os filmes da cultura brasileira deveriam ser mais divulgados lá.

E (9:49 PM) : Vc já pensou em ensinar português para estrangeiros?

M 275 (9:50 PM) : não, nunca pensei,,,mesmo porque acho que são rarissimos estrangeiros que gostariam de aprender

E (9:50 PM) : Vc acha importante que haja uma língua universal para a comunicação entre os povos?

M 275 (9:51 PM) : acho , acho sim,,,isso facilitaria muita coisa, como as relações exteriores por exemplo

E (9:51 PM) : Vc acha que o inglês cumpre bem este papel?

M 275 (9:53 PM) : acho que sim,,,pelo mesmo é considerado mundial

E (9:53 PM) : O que vc pensa dos povos falantes de inglês?
M 275 (9:54 PM) : depende do país, acho os americanos secos e mal educados, já os canadenses, digo isso, pois a maioria dos meus amigos aqui no icq estrangeiros são canadenses..
E (9:55 PM) : Vc acha que o inglês ameaça as outras línguas? O inglês pode ser nocivo em algum aspecto?
M 275 (9:55 PM) : sim, ameaça, tanto que ele que predomina.
E (9:56 PM) : Vc acha a diversidade lingüística do mundo importante? Porque?
M 275 (9:56 PM) : sim, por causa do conhecer de varias culturas.
E (9:56 PM) : Vc também acha válido os esforços de preservação de línguas minoritárias como as línguas indígenas?
M 275 (9:57 PM) : não, pq infelizmente, elas não nos serviram de nada profissionalmente falando
E (9:58 PM) : M 275, sua colaboração foi muito importante para o meu trabalho. Vc gostaria de perguntar alguma coisa?
M 275 (9:59 PM) : Sim, qual e onde vc fez faculdade?
E (9:59 PM) : Bem, eu sou graduada em tradução pela Unesp de Rio Preto. Agora sou mestranda em Lingüística Aplicada na Unicamp.
..... (segue-se perguntas sobre a experiência profissional e no exterior)
E (10:17 PM) : M 275, eu gostaria de agradecer imensamente sua participação, sua gentileza, atenção, seu tempo gasto com a entrevista e também quero desejar a você muito sucesso na sua vida profissional!
M 275 (10:17 PM) : Eu que agradeço, foi muito bom, aprendi varias coisas, precisando, as ordens.
E (10:17 PM) : Ok. Um grande abraço!
M 275 (10:18 PM) : outro !

Entrevista Sujeito 8 (R 8) em 04/04/03

E (3:04 PM) : Oi, R, vc vai poder falar comigo hoje?
R 8 (3:05 PM) : Oi desculpe-me mas estava com um probleminha no PC desde terça feira e só foi possível resolver hoje...vírus..
R 8 (3:06 PM) : Sim, se quiser pode ser agora..
E (3:06 PM) : ok, deixe-me localizar teu questionário..
R 8 (3:06 PM) : td bem..
E (3:08 PM) : R, vc informou que antes da graduação vc iniciara curso de inglês e alemão. Eram cursos particulares?
R 8 (3:09 PM) : Sim, mas não foi possível terminá-los ainda.
E (3:09 PM) : Ok. Com que idade iniciou o curso de inglês? Vc escolheu ou escolheram por vc?
R 8 (3:11 PM) : Com 20 anos, eu mesmo escolhi pq sempre tive fascínio pela língua inglesa.
E (3:12 PM) : Como é isto? Dá para descrever? Do que gosta na língua, do que gosta na possibilidade de falar esta língua?
E (3:17 PM) : Recebeu a última pergunta?
R 8 (3:18 PM) : Desculpe-me novamente. Eu gosto muito de falar , ainda que não tenha tido oportunidade de praticar com nativos da língua e gosto de ler pq a gramática da língua inglesa é bem mais fácil que a nossa.
E (3:18 PM) : E por quanto tempo fez este curso?
R 8 (3:19 PM) : apenas durante um ano básico I, II e intermediário I
E (3:20 PM) : E o curso de alemão? Porque iniciou? Com que idade? Quanto tempo cursou?
R 8 (3:21 PM) : Eu iniciei o curso de alemão no ano passado por curiosidade mesmo, pq sou descendente de alemães e queria aprender a língua.
E (3:22 PM) : Continua fazendo? Está gostando?
R 8 (3:23 PM) : Tive que parar este ano pq estou sem trabalhar, mas pretendo continuar pq achei bem interessante.
E (3:23 PM) : Do que está gostando?

- R 8 (3:24 PM) : Bem a língua alemã é bastante difícil, tanto a fala como a escrita, é bem diferente, um desafio mesmo...quanto ao inglês continuo fazendo a faculdade e estuando por conta pq sou bastante curiosa.
- E (3:25 PM) : Vc já falava alemão em casa?
- R 8 (3:26 PM) : Não, ninguém da minha família, apesar da descendência, fala alemão.
- E (3:26 PM) : Porque vc decidiu fazer o curso de letras?
- R 8 (3:28 PM) : Para aperfeiçoar a língua tanto inglesa como portuguesa, na escrita, fala e leitura e compreensão de textos. Tb pq pretendo lecionar ou trabalhar como tradutora para empresas multinacionais
- E (3:29 PM) : Vc também informou que gostaria de estudar espanhol e italiano. Porque?
- R 8 (3:33 PM) : Pq quero ampliar meus conhecimentos em línguas estrangeiras (espanhol e italiano) para poder aproveitá-los em uma provável viagem
- E (3:34 PM) : Como tradutora, vc pretende eleger uma destas línguas ou quer aprender várias também para atuar profissionalmente?
- R 8 (3:38 PM) : Inicialmente pretendo especializar-me em tradução na língua inglesa pq tenho mais afinidade e conhecimento. As demais línguas futuramente irão me ajudar no aspecto profissional, tanto para lecionar como para trabalhar como tradutora.
- E (3:38 PM) : Qual é a importância do inglês no mundo?
- R 8 (3:44 PM) : Com a globalização, a língua inglesa tornou-se uma chave que abre muitas portas para oportunidades de trabalho no exterior ou no país de origem e também facilitou bastante a comunicação entre os povos para decisões diplomáticas (política, economia e social), pq todos conhecem a língua mesmo que esse conhecimento não seja amplo e conseguem se entender de alguma forma utilizando o inglês.
- E (3:45 PM) : E qual seria a importância do alemão, do espanhol e do italiano? Poderia falar destas línguas separadamente?
- R 8 (3:51 PM) : Bem, eu diria que a resposta seria a mesma para as três línguas,elas são importantes para quem deseja utilizá-las a trabalho dentro ou fora de cada país. Acredito que o espanhol está sendo bem aceito em outros países devido ao Mercosul, para facilitar as negociações entre os mesmos.
- E (3:52 PM) : Vc acha que o inglês cumpre bem este papel de língua internacional, de língua franca?
- R 8 (3:57 PM) : Sim, pq é uma língua fácil de aprender, sem grandes complicações gramaticais, acredito que por esse motivo é bastante utilizada internacionalmente. O esperanto, que é uma mistura de várias línguas e que era uma esperança de descentralizar a língua inglesa, não deu certo por ser muito complicado além de possuir variações gramaticais.
- E (3:57 PM) : Vc acha o inglês devidamente valorizado ou super valorizado?
- R 8 (4:02 PM) : O inglês é super valorizado na maioria dos países, o que acaba sendo ruim, por exemplo, quando vc vai procurar um trabalho aqui no Brasil, a primeira coisa que o entrevistador costuma perguntar é se tem conhecimento da língua inglesa, mesmo que o cargo não exija isso. E o português acaba sendo descartado, mas de que adianta saber uma língua estrangeira se vc não consegue elaborar um texto formal na sua própria língua?
- E (4:02 PM) : Vc acha que o inglês poderia ameaçar as outras línguas? O inglês pode ser nocivo em algum aspecto?
- R 8 (4:11 PM) : O inglês não poderá ameaçar as outras línguas, pq a maioria dos países preferem se comunicar na sua própria língua nativa como por exemplo, França, Marrocos, Bagdá etc. O inglês pode ser nocivo se ocorrer o caso que eu expliquei na questão anterior, a empresa preferir alguém que fale e escreva perfeitamente a língua inglesa e não aceitar alguém que conheça muito bem a sua língua nativa.
- E (4:11 PM) : Já que mencionou a importância do conhecimento de nossa língua, qual é a tua relação com o português? Gosta de ler, de escrever? Acha o português uma língua importante no mundo? Deveria ser mais divulgado?
- R 8 (4:22 PM) : Eu estou aprendendo a escrever, ler e a compreender textos em português com maior facilidade, pq trata-se de uma língua difícil embora não aparente, a gramática e fonética são bem complexas. Gosto muito de ler livros de autores como Rubem Fonseca, Cecília Meireles, Drumond, Machado de Assis, entre outros. Costumo escrever crônicas e poesias, valorizo

- bastante o português. A língua portuguesa é conhecida em poucos países, entre eles: Moçambique e Angola. Acho que deveria ser mais divulgado mundialmente para fins de estudo e pesquisa histórica, nosso país é bastante rico nesse quesito, então, pq só nós é que devemos aprender a história de outros países? Pq os mesmos não podem conhecer a nossa história?
- E (4:22 PM) : Já pensou em ensinar português para estrangeiros?
- R 8 (4:24 PM) : Sim, seria uma experiência única. Quem sabe quando eu terminar a faculdade...
- E (4:24 PM) : No aprendizado de uma língua vc sente mais ansiedade com tudo o que pode aprender com ela, ou também acha importante por usá-la para se comunicar, ensinar, informar?
- R 8 (4:28 PM) : Acho importante usá-la para se comunicar, ensinar e informar, mas tb existe a possibilidade de aprender a história, origem, etc, da língua o que considero muito interessante.
- E (4:28 PM) : Vc valoriza a diversidade lingüística no mundo? Porque?
- R 8 (4:32 PM) : Sim. Porque dessa forma não perde-se a autenticidade da língua de cada país. É importante que cada um preserve suas origens históricas e isso inclui a sua língua.
- E (4:32 PM) : Quais os tipos de textos e linguagens (cinema, música) mais te interessam na língua inglesa?
- R 8 (4:38 PM) : Gosto muito de textos literários como Hamlet, Romeu e Julieta, Otelio etc que são difíceis de entender por utilizar uma linguagem medieval, tb gosto muito de cinema, DVD, Video, procuro assistir os filmes sem legenda na medida do possível.
- E (4:38 PM) : Quais as línguas estrangeiras mais valorizadas no meio acadêmico no Brasil?
- R 8 (4:39 PM) : Inglês, francês, espanhol e italiano
- E (4:40 PM) : Quais línguas estrangeiras são mais valorizadas em empresas e instituições privadas?
- R 8 (4:42 PM) : Inglês, espanhol, italiano, francês e alemão
- E (4:42 PM) : R, vc acha que se adaptaria com traduções exclusivamente técnicas nas multinacionais? Como vc acha que é o uso da língua estrangeira numa empresa? Já teve experiência em multinacionais?
- R 8 (4:48 PM) : Acredito que me adaptaria. As empresas contratam free lancers para efetuar trabalhos de traduções de manuais de instrução, ou para traduzir programas (softwares) como windows por exemplo. ainda não tive a oportunidade e não me sinto preparada por enquanto, há muito que se aprender, mas até mesmo os tradutores utilizam materiais de apoio como tradutor, etc para executar seu trabalho.
- E (4:48 PM) : Como é o acesso a línguas estrangeiras na região de Campinas? Há cursos suficientes? Os preços são acessíveis? Há variedade de oferta de línguas?
- R 8 (4:52 PM) : Há cursos suficientes, os preços não costumam ser acessíveis, são muito caros nas escolas com tradição e exigem sacrifício da pessoa que quer aprender a língua estrangeira. Há bastante escolas que oferecem o curso de inglês e poucas que oferecem de outras línguas como francês, alemão, italiano, etc.
- E (4:52 PM) : O que vc acha da política de línguas estrangeiras da escola pública? Como é a qualidade do ensino? E em termos de oferta? Acha que outras línguas deveriam ser oferecidas ou há outras prioridades mais importantes?
- R 8 (4:55 PM) : Infelizmente o ensino do inglês em escolas públicas é precário. Os professores seguem um cronograma escolar de pouco conteúdo, que não ajuda nem mesmo no vestibular. Acho que antes de se oferecer o ensino de outras línguas nas escolas, deveria-se primeiramente aperfeiçoar o da língua inglesa.
- E (4:55 PM) : Dentre as pessoas que vc conhece que estudam e falam alemão, vc acha que elas têm interesses ou valores comuns? Elas tendem a certas áreas específicas do conhecimento ou é impossível categorizar?
- R 8 (4:57 PM) : Algumas tem interesse no aprendizado da língua para trabalhar, outras para viajar e conhecer estrangeiros, e demais para ampliar seus conhecimentos.
- E (4:57 PM) : E como são as pessoas que vc conhece que falam inglês? Elas têm algo em comum? Se interessam pelo quê? O que valorizam?
- R 8 (4:58 PM) : E, falta muito? é que tenho um compromisso as 17:15 podemos continuar amanhã a noite ou outro dia?
- E (4:58 PM) : Podemos parar, R. A sua colaboração já foi muito importante. Muito obrigada.
- E (4:59 PM) : Vou tentar estar on-line amanhã à noite, ok?
- R 8 (4:59 PM) : Qualquer coisa estou à disposição para continuar...

R 8 (4:59 PM) : Ok.
E (4:59 PM) : Um abraço e até mais!
R 8 (5:00 PM) : outro!

Entrevista Sujeito 168 (G) em 25/04/03

E 17:44:20: Oi!
E 17:44:33 Que bom que deu tudo certo!
G 17:45:06 Quando quiser começar...
E 17:45:54 Ok, vamos lá! Fiquei surpresa ao vc informar que fez espanhol em escola pública. Como foi esta experiência? Muitas escolas públicas oferecem espanhol?
G 17:48:13 Estudei no colégio técnico de Limeira, o Cotel, pertencente à Unicamp. Atualmente, a disciplina espanhol é obrigatória. No entanto, na minha época, somente o inglês era... Mas, eles ofereceram um curso básico por um valor simbólico para quem ainda não tinha essa matéria na grade curricular.
E 17:48:42 Qual língua preferia na época? Porque?
G 17:50:11 Eu preferia o inglês pq era o que mais eu utilizava... Fiz informática e, praticamente, todos os textos na internet relacionados com a área e a programação em si envolvia conhecimentos nesta língua
E 17:50:58 Vc mencionou agora e também no teu questionário a importância do inglês, e o que poderia me falar sobre o prazer do aprendizado? Há?
G 17:54:33 Sempre gostei muito de inglês. Quando tinha 8 anos, meu mãe matriculou-me em uma escola pq uma vez ela havia perguntado a mim se eu gostaria de fazer alguma língua estrangeira. Era bastante prazerosa a aula de inglês no colégio pq eu já tinha um domínio básico. A minha professora não se prendia ao livro. Trazia músicas e textos relacionados com computação. No entanto, nas provas, cobrava-se muito a gramática (o que não era muito prazeroso)
E 17:55:14 Vc continua cursando espanhol?
G 17:55:34 Infelizmente, não
E 17:55:59 Vc gostou da experiência? Acha espanhol uma língua importante? Para que?
G 17:57:55 Gostei muito da experiência. Acho o espanhol uma língua importantíssima, especialmente com o advento da globalização e de uma maior proximidade dos mercados comuns (Mercosul). Mas, gostaria de voltar a aprender não por essa importância, mas pelo prazer de aprendê-la
E 17:58:08 As aulas de inglês às quais se referiu, sempre foram no Cotel? Estudou lá desde o ensino fundamental?
G 17:59:58 As aulas que comentei foram referentes ao Cotel. O Cotel é somente colégio. O ensino fundamental foi feito todo no SESI de Valinhos. No Sesi tive inglês a partir da 5 série
E 18:00:12 E o inglês, qual é a sua importância no mundo? (desculpe se estou sendo repetitiva)!
G 18:04:02 Considero o inglês uma língua universal. Encontros, conferências, internet, livros, música, etc envolvem o conhecimento desta língua. Para mim, particularmente, fui obrigada, várias vezes a conversar com alemães na língua inglesa. Faço uma disciplina cuja bibliografia é só em inglês. Não deixamos de mencionar a importância no mercado de trabalho e nas relações comerciais.
E 18:07:32 G, sobre o prazer de aprender espanhol, a que se relaciona? O que é bom nesta língua?
G 18:09:58 Primeiramente, a sonoridade, o ritmo, a classe rítmica em que essa língua se encontra. Também a semelhança de algumas palavras com o português, já que ambas são línguas românicas e tiveram uma origem no latim vulgar. Deve-se considerar que minha família, por parte de mãe, era espanhola (embora meus avós não mais falassem)
E 18:10:29 E qual o teu interesse pela língua francesa?
G 18:11:59 Nunca tive oportunidade de fazer francês. Meu interesse estaria ligado mais à aprendizagem para poder ter acesso à literatura francesa e a uma extensa bibliografia.
E 18:12:09 Se você tivesse filhos, acha que poderia influenciá-los para aprender alguma LE? Qual?
G 18:14:18 Acho que poderia influenciá-los a fazer uma língua sim. E a única que eu teria confiança seria o inglês. Mas os apoiaria a fazer a que quisessem. Talvez explicando algumas coisas genéricas de cada língua a importância de se aprender algum(ns) idiomas.
E 18:14:58 Fale-me sobre esta importância, por favor.

- G 18:18:45 Aprender uma língua desde criança, creio (não sei se isso se confirma nos estudos em Ling. Aplicada, embora seja relativo) que facilita o processo de aquisição de uma língua estrangeira. Mas, o mais importante, é que aprender uma outra língua dará um acesso maior a um mundo cultural e letrado (poderá ler livros em outros idiomas, navegará pela internet sem grandes problemas). Mas, é importante que esse contato com a língua estrangeira seja prazeroso. Depois, não deixemos de mencionar, a importância para o mercado de trabalho (futura profissão)
- E 18:18:55 Porque continua fazendo curso de inglês fora da graduação? O curso da universidade não atende tuas expectativas? Em que?

Queda de mensagem! G respondeu que a sala tem muitos alunos, que tem muito pouca conversação, que o curso é muito preso ao livro didático e o inglês da vida real não é o dos livros didáticos e que ela tem bastante conversação no curso particular, que não é tão acadêmico.

- E 18:30:29 Desculpe, não sei o que aconteceu.... acho que caí...
- E 18:30:42 Vc poderia copiar tua última resposta?
- G 18:30:45 Não consigo mais enviar
- E 18:31:00 Mas acabei de receber....
- G 18:31:11 Vou tentar mandar trechos...
- G 18:31:50 A msg é um pouco longa e por isso acho q há um probleminha... Já mando...
- E 18:32:00 Ok...
- G 18:32:13 Não gostaria de ensinar língua estrangeira pq não me sinto capacitada. Acho que deveria morar alguns anos nos Estados Unidos, por exemplo para ter contato com o inglês falado.
- E 18:32:47 G, vou repetir a pergunta para ficar registrado, porque perdi a página anterior, ok? A pergunta foi sobre o que pretende fazer profissionalmente e porque escolheu letras.
- E 18:33:36 Felizmente, o resto estava gravado!!!!
- G 18:36:53 Continunando a resposta...Essa é minha dúvida existencial. Sempre gostei de todas as disciplinas. fui monitora de matemática no Cotil. Escolhi letras pq sempre gostei de escrever e ler (influência de minha família, sobretudo de minha tia). E , vou mandar aos poucos
- E 18:37:16 Ok!
- E 18:40:54 O quanto vc pretende se aperfeiçoar na língua inglesa? Qual a importância disto para vc?
- E 18:41:24 Se ainda tiver algo a acrescentar sobre a pergunta anterior, fique à vontade!!!!
- G 18:42:44 Pretendo aperfeiçoar até estar apta (proeficiente) a ler textos em inglês e a escrever academicamente.
- G 18:43:13 Ainda faltou uma parte sobre a questão profissional da outra pergunta. Deu problema de novo.
- G 18:45:31 Ganhei, aos 10 anos, concurso de redação e, ano retrasado, o de poesia.
- G 18:45:39 Escolhi letras tb por influência de meus professores de português
- G 18:45:48 (eles eram muito bons e isso me cativava bastante). Gostaria de fazer uma
- G 18:45:56 outra graduação assim q terminar letras. Ou exatas ou biológicas. Devo mencionar que
- G 18:46:06 comecei a fazer iniciação científica pela Matemática na USP.)
- E 18:46:29 Que interessante!
- G 18:47:01 Precisei mandar fragmentado... Deu pra entender (tudo isso faz parte de p q letra e da questão profissional)
- E 18:47:02 E vc trabalha em que?
- E 18:47:20 Não se preocupe, está tudo bem claro!
- G 18:48:14 Trabalho em gerenciamento de redes na Eng. Mecânica (depto de Mec. Computacional -Unicamp). Adoro o que faço, mas preciso me aperfeiçoar mais...
- E 18:49:08 Que afinidades vc poderia mencionar que vc sente com relação à língua e cultura anglo-americanas?
- G 18:50:44 Se entendi bem sua pergunta, sinto afinidades na leitura e no listening.
- E 18:51:25 Sim, é isto. E quanto à cultura? O que valoriza?
- G 18:52:09 O que vc considera cultura anglo-americana?
- E 18:52:56 Quando pensa nos povos falantes da língua inglesa, vc sente alguma afinidade cultural com eles? Algo da cultura deles é relevante para vc?

G 18:56:19 Talvez com a cultura inglesa, mas com a americana não. Sei q na Inglaterra há uma gde preocupação de as crianças frequentarem museus de arte natural... E isso é fascinante para mim. Gosto tb da idiossincrasia cultural, fato q não é evidente nos EUA (filmes de hollywood são uma massificação)

E 18:56:33 Como é o acesso às línguas estrangeiras em Campinas? Farto? Escasso? Suficiente? Caro?

G 18:57:24 Sou de Valinhos e não sei muito bem em relação à Campinas... Mas em Valinhos é caro e não há tantas escolas boas...

E 18:57:33 G, porque preferiria estudar nos Estados Unidos, como mencionou?

G 19:00:01 Na realidade, qdo mencionei, atentei-me à questão da língua e não de outros aspectos mais amplos. Nos Estados Unidos somente para melhorar meu inglês. evidentemente, uma escolha melhor seria, por exemplo, na Inglaterra... Dizem que o inglês americano é mais fácil (;e tb por isso q mencionei).

E 19:00:15 O que vc acha da política de línguas estrangeiras da escola pública? Em termos de qualidade, variedade de idiomas oferecidos, o que poderia falar a respeito?

G 19:02:05 As escolas públicas deixam a desejar... A única língua oferecida é o inglês (e somente a partir da 5 série). Em Valinhos, há uma escola particular fortíssima, chamada Porto Seguro. Lá os alunos aprendem alemão desde a 1 série do ens. fundamental e ingles desde a 3.

E 19:02:49 Vc acha que outras línguas deveriam ser oferecidas?

G 19:03:59 Acho que o espanho deveria ser oferecido desde o ensino fundamental. O inglês tb.

E 19:04:22 No teu aprendizado de inglês, vc se sente mais ansiosa com o que tem a aprender com esta língua, ou também sente ansiedade com relação ao que poderá fazer com a língua?

G 19:07:05 Sinto mais ansiedade com relação ao q tenho de aprender...

E 19:07:16 Você acha importante que o mundo eleja uma língua para a comunicação universal?

G 19:08:10 Não. Embora isso exista de uma forma ou outra (questões de domínio econômico e ideológico)

E 19:08:37 Vc acha o inglês devidamente valorizado ou super valorizado?

G 19:10:02 E, daqui 10 minutos precisarei pegar meu ônibus fretado. Tem problema se não der tempo? Se não podemos marcar um outra hora. Bem, acho q o inglês já foi mais valorizado.

G 19:10:35 Hj, é fundamental saber (é normal para as empresas)...

E 19:10:57 Sem problema. Podemos parar agora. Quando puder, avise-me que terminaremos. Falta pouco. Muito obrigada por enquanto!

G 19:11:25 Tenho 2 minutos. Manda bala...

E 19:11:50 Vc acha que o inglês ameaça outras línguas? Pode ser nocivo em algum aspecto?

G 19:14:20 Não acho q o inglês ameace nem tenha esse caráter nocivo. As linguas evoluem com o tempo e expressões lingüísticas são somadas por influências econômicas, culturais, etc. As línguas não serão perdidas por essa influência, mas bastante mudadas, principalmente na fala.

E 19:14:48 Ok, não quero te prender mais.... Muiiiiiiiiiisimo obrigada!!!!!!!

E 19:15:10 Quando tiver um tempinho terminamos rapidinho, ok?

G 19:15:48 Foi um prazer. Podemos marcar uma outra hora. vc me manda um e-mail? Pode mandar para xxx.com.br. Um abraço